

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ORIGENS AUTÍSTICAS DO PSÍQUICO**

**Tramas de sensações e pulsações**

**IVAN GUILHERME HAMOUCHE ABREU**

**ORIENTADORA: PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. MARIA IZABEL TAFURI**

**BRASÍLIA/DF**

**2007**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ORIGENS AUTÍSTICAS DO PSÍQUICO**

**Tramas de sensações e pulsações**

**IVAN GUILHERME HAMOUCHE ABREU**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

**ORIENTADORA: PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. MARIA IZABEL TAFURI**

**BRASÍLIA/DF**

**2007**

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Izabel Tafuri**

**Universidade de Brasília**

**Presidente**

---

**Prof. Dr. Gilberto Safra**

**Universidade de São Paulo**

**Membro**

---

**Prof. Dr. Francisco Martins**

**Universidade de Brasília**

**Membro**

---

**Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa**

**Universidade de Brasília**

**Membro Suplente**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Nossa Senhora de Nazaré, mãe dos paraenses, força transcendente que ultrapassa a rede semântica da religião, arrasta e comove em *Círios e lírios mimosos*;

Agradeço à minha mãe, Izabel, por acreditar, com os matizes de sua vida, na revolução do *suave perfume* das flores;

À minha irmã, Isa Paula, pela generosidade e compaixão com que interpreta o *livro da vida*;

À Professora Maria Izabel, pela escuta confiante, pelo encorajamento e pela orientação que fez sair de mim estes escritos. Além do que, pelas pausas eloqüentes que tanto ensinam e pela indizível delicadeza com que suporta, aceita e acolhe a vida das crianças, inventando gestos clínicos e circunstâncias humanizantes, quando se faz necessário velar o sono das palavras;

Ao Professor Francisco Martins, por tudo que realizou, generosamente, em favor de minha formação desde os anos de graduação, a quem reverencio nessa oportunidade. Mestre de sensibilidade e refinamento, que convida a despertar a arte genuína e autêntica que resta em cada um de nós;

A Flávia Nogueira, pelo desvelo com que se entregou à revisão dos textos, pela doce pausa a cada vírgula que recomendou, pelo incentivo e carinho com que acompanhou o desenvolvimento deste trabalho.

Às amigas Marcela Zampronha, Tereza Helena e ao amigo Nagib Pardauil, o reconhecimento pela amizade e prontidão empenhados de forma incansável;

Aos professores do Instituto de Psicologia, por tudo que me ofereceram para o alcance dessa estação;

Agradeço aos colegas da Pós-Graduação, Álvaro, Carlos, Lívia, Taís, Vanessa, Andréa, Carol, Marília, Janaina, Marcelo, pelas conversas, pelo encontro afetivo, pelos debates;

Enfim, agradeço àquele que, ainda sem palavras, fez verter de mim tantas palavras – Guili.

## RESUMO

A clínica com a criança autista, envolta em tantos enigmas, repercute lá onde o alcance de nossa imaginação supõe as primeiras tramas da existência de cada um de nós. Onde pulsa a vida psíquica dessas crianças que se retiraram para o ensimesmamento?

Investigar essa questão, em campo psicanalítico, tem aqui o sentido de aprender com a clínica e se deixar levar pelos solavancos, pelas delícias do contato, pelas mudanças abruptas e sofridas de estados emocionais, com vistas a despertar a sensibilidade da criança e do analista, por vias inauditas.

Se essa conduta é capaz de deslocar o analista das palavras, convidando-o para um tal *aproximar-se de corpos*, também pode levá-lo a cogitar, mais tarde, em suas especulações teóricas, sobre o psíquico e suas marcas arcaicas, sobre a conformação auto-engendrada do corpo sensível e sobre as formas estéticas de existência, subordinadas pela atividade de prazer/desprazer e mantidas em regulação, ritmos, contatos e desenhos singulares. Estará aí, esse intrigante sujeito, em sua vivência autística?

Essas e outras questões são tratadas ao longo deste trabalho, que considera essa dimensão sensível, que quase nunca admite tradução, indispensável à restituição do *elemento trágico* do qual nos afastamos, cujo corpo é o teatro privilegiado, tornando claudicante nossa experiência de sofrimento humano.

Palavras-chave: autismo, vivência autística, estética, elemento trágico, psicanálise, origens do psíquico.

## **ABSTRACT**

The clinic with the autistic child, involved in so many enigmas, reflects the place where the reach of our imagination presumes the first plot of the existence of each one of us. Where does the psychic life of these children who had come inside themselves beat?

Investigating this question, in a psychoanalytic field, means learning with the clinic and being led by hard jolts, delights of the contact, and abrupt and suffered changes of emotional states, with the purpose of arousing the child and the analyst's sensibility by unheard-of ways.

If this behavior is capable of hushing up the interpretation of the analyst, inviting him to such an approximation of bodies, it also can take him to cogitate, later, in his theoretical speculations, on the psychic and its archaic marks, on the self-produced conformation of the sensitive body and on the aesthetic shapes of existence, subordinated by the activity of pleasure/displeasure and kept in regulation, rhythms, contacts and singular drawings. Will be this intriguing person in her autistic living here?

These and other questions are treated throughout this work that considers this sensible dimension, that almost never admits translation, indispensable to the restitution of the tragic element from which we keep ourselves away, whose body is the privileged theater, making wavering our experience of human suffering.

Key-words: autism, autistic living, aesthetic, tragic element, psychoanalysis, origins of the psychic.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1	
CONTO CLÍNICO.....	23
CAPÍTULO 2	
ALVORADA PSÍQUICA.....	36
2.1) MECANISMO DE REGULAÇÃO E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA .....	36
2.2) PULSÃO É VIRTUDE QUE FAZ ACONTECER O SER, SEM JAMAIS SER.....	56
CAPÍTULO 3	
O AUTO-ENGENDRAMENTO DO ORIGINÁRIO.....	82
CAPÍTULO 4	
REPRESENTAÇÃO, COISAS, FRAGMENTOS: relicários do tempo.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	151

## INTRODUÇÃO

Assim como é uma suprema tolice exprimir uma verdade intempestiva, a pior das faltas de habilidade é ser sábio fora de hora. (...) Vou demonstrar que a essa Sabedoria perfeita, que dizem ser a cidadela da felicidade, não há acesso senão pela Loucura.

Erasmus de Rotterdam

Quando decidi enfrentar o tema que começa agora a se descortinar para o leitor não tinha nenhuma precisão dos meus passos, ao tempo em que sentia aferrada necessidade de caminhar. Quando comecei a caminhada o dia estava claro. Nenhum risco de *arquiteto em nuvem* na escandalosa abóbada azulejada de Brasília. Quando o feitiço óbvio do dia trouxe a noite, uma certa hesitação começou a se insinuar sobre o meu projeto, me senti destituído de recursos para dizer o que em mim era agora fugidío : que a arte de viver de toda criança traz à vida o que não se pode representar.

Mais tarde, tomado de convicta escuridão, tropecei nessa *analista do desconcerto*, e colhi dela o seguinte aconselhamento, que a todo tempo me restituiu a coragem para a empreitada:

*Todo analista que acompanha o analisando na caminhada que é a sua (através das ondas sucessivas de desconhecimento) se encontra assim, em determinado momento, diante do que se lhe escapa. O que se lhe escapa a ele, analista, tem porém certo efeito (legível) na cura do paciente. Assim, é com o que se lhe escapa que o analista, como que levado por uma exigência interior, vai realizar seu trabalho de elaboração teórica. Do mesmo modo que a loucura, quando faz explodir as crenças e surgir uma verdade, a “teoria*



*louca” psicanalítica está, em tais momentos, em condições de fazer surgir um dizer de verdade. Mas isso só ocorre se o analista aceitar ser, ele próprio, desobrigado da posse do saber e abandonar, com isso, uma proteção ilusória* (Maud Mannoni, 1982, p. 28).

Movido por tal *exigência interior* e esforçando-me por abandonar um saber que nem mesmo possuo, inicio as considerações que motivaram as questões que passo a tratar.

Nos espaços clínicos, sejam de crianças ou adultos, frente a um sofrimento psíquico extremo, muitas vezes se supõe que os signos de humanidade tenham sido abolidos, especialmente quando a linguagem está ausente, quer seja porque o sujeito não acedeu a ela, quer seja porque uma regressão ou defesa psíquica entrou em ação. Qual a postura clínica capaz de restaurar a crença – tantas vezes perdida – de que em algum lugar se inscreve o sujeito extraviado? Numa outra vertente do problema: como restituir a dimensão da tragicidade na clínica a partir da experiência psíquica vivida no corpo próprio?

O problema que aqui se coloca faz sua aparição em diferentes dimensões da clínica, considerada em seu sentido mais ampliado e originário, que conota um terapeuta ao lado de um outro que exige cuidado. Entretanto, para efeito dessa pesquisa, gostaria de situá-lo no âmbito da clínica psicanalítica com a criança autista, para a qual fui levado a me interessar nesses últimos tempos.

A clínica psicanalítica com a criança autista tem suscitado essas questões e revelado importantes caminhos para a compreensão daquilo que se especula ser as primeiras marcas do inconsciente. Essas sendas não são dadas por nenhuma evidência fácil, como de resto se faz em grande parte do campo psicopatológico, especialmente para aqueles que procuram entendê-lo não como uma distorção, aberração ou erro do suposto curso normal, mas o fazem na perspectiva de que esse repete e é regido por funções fundamentais do psíquico –

o tratamento com a criança autista tem levado a indagações que se voltam para esses albos da vida psíquica.

Freud, no seu vasto ensinamento que decorre de sua experiência clínica e de sua vocação extraordinária para a especulação teórica, fez reconhecer que tanto a atividade psíquica normal quanto a patológica são regidas pelas mesmas leis, a tal ponto que uma ensina sobre a outra, quem sabe até podemos dizer que não é pelo contraste que reconhecemos ambas, mas pela imbricação que é mais do que vizinhança. O patológico seria uma alegoria do normal ou, para quem preferir maior subversão, a alegoria poderia estar do outro lado. De forma que quando procuramos investigar o sofrimento humano no campo psicanalítico, não raro supomos, menos freqüente provamos, uma vivência, uma experiência, uma atividade, enfim, um resto fragmentário qualquer indispensável à passagem para o psíquico, à sua fundação ou constituição. Uma dor, uma falta, alguma carência ali se faz para que alcancemos a sofisticação dolorosa do psíquico. Mas note-se que o psíquico aqui, nos termos em que falo, não é equivalente ao simbólico. Ele está na pré-história. Sim, porque até a história, ou melhor, a partir de alguém que se constitui como *Eu* e que conta a sua história poderemos retornar pelo simbólico. Contudo, antes de qualquer representação, como especular à respeito da formação da trama psíquica?

Resta então perguntar onde pulsa a vida psíquica de uma criança que na primeira infância retirou-se para o isolamento. Estaria ela isolada ou colada às sensações das quais se vê impossibilitada de dar curso e movimento? Num espaço de vida psíquica tão estreita, onde o simbólico ainda está há longos dias de mostrar sua exuberância e suas dores, nos encontramos com essas crianças, muitas sem fala, mas que insistem, de algum lugar, em nos mostrar que antes mesmo de podermos representar a vida, ela já se faz apresentar em princípios tão arcaicos como aqueles que se concentram nas atividades de prazer e

desprazer – esses para os quais Freud (1911) de forma tão original nos alertou –, deixando entrever que esse jogo polar, comprimido pela falta de tantos recursos, encerra um dos mais intrigantes e sutis esconderijos da alma humana.

Pretendo, a partir daqui, fazer um desvio, uma breve circunvolução em torno dos objetos de estudo mais imediatos deste trabalho, que se volta para as *Origens autísticas do psíquico: tramas de sensações e pulsações*. Considero que tal passo possa levar o leitor a compreender as motivações mais remotas, não obstante determinantes, que conduziram aos estudos que aqui apresento. Como já disse, essas motivações se situam longe do que aqui vou tratar, mas mantêm um elo que considero, numa última expressão, como sendo eminentemente ético. O que se segue decorre de uma curta experiência que tive em algumas instituições psiquiátricas do Distrito Federal, por ocasião da realização de uma formação em Saúde Mental, aos moldes da Residência Médica, no período de 1998 a 2000. Não se trata de um depoimento. Ainda que contido numa moldura teórica não é só um pensamento, mas o testemunho e a expressão de um afeto que não tenho como remediar.

Para falar de uma vivência psíquica que se encontra num eixo de experimentação tão originário, mas essencialmente estruturante do *aparelho psíquico* – que no transcurso do desenvolvimento torna-se menos efervescente, mas tampouco menos determinante –, pretendo introduzir o conceito de *tragicidade ou elemento trágico* como recurso e tentativa de circunscrever essa dimensão constitutiva da condição humana tão difícil de apreensão. Cabe lembrar que o elemento trágico se manifesta em diferentes modalidades artísticas, mas essencialmente está na base do teatro desde os gregos. Conforme o ensinamento de Brandão (1996), a *tragédia* esteve originariamente vinculada ao culto do Deus Dioniso, embora essa influência tenha se arrefecido mais tarde. Contudo, para o presente

desenvolvimento será suficiente guardar a relação entre o elemento trágico e o Deus do êxtase e do entusiasmo – Dioniso.

Não obstante a forte tradição clássica desse verbete, minha escolha se faz pelo interesse que tenho na aplicação do termo por Foucault (1995), mais precisamente na análise que faz das diferentes sensibilidades no trato com a *loucura* desde a Renascença. Suponho que tal estratégia também possa facilitar a tarefa de problematização desse campo que pretendo abordar, que se situa aquém da simbolização.

Em diferentes épocas, mais ou menos intensamente, as sociedades que dominaram o mundo ocidental nos últimos cinco séculos manifestaram, cada uma a seu modo, um certo estranhamento frente ao descabido. Tomo esse período para situar o Renascimento como um ponto de inflexão determinante de uma certa modalidade de razão nascente, que mais tarde veio a constituir a modernidade e o paradigma científico. Não raro esse estranhamento transformou-se em indiferença. Contemporaneamente, a produção humana que não pode ser desvelada pela destreza dos olhares especializados ou que escapa ao reconhecimento das mentes treinadas resvala para o leito das coisas de menor valor agregado, consideradas erro, defeito, resíduo. Sobre a figura do louco projetaram-se essas dimensões discordantes de todos nós, chamadas inconsciente, sombra, desrazão. Este por sua vez, o louco, ao atuar o papel que lhe fora destinado, colado ao seu próprio sofrimento, emudece a todos pela *obviedade* do mundo que representa, a vida não vivida de todos nós. Assim, frente à loucura do louco não reconhecemos nem a manifestação de seu sofrimento, nem a parte de nós expropriada, que sobre ele foi projetada.

A racionalidade moderna inclina-se à lógica instrumental, positiva e científica, vertente que reconhecidamente produz valores à cultura, mas que sendo privilegiada acabou

por dominar e submeter os pólos da racionalidade ética e estética. Tal desbalanceamento subtrai algo da experiência da loucura.

Gosto do termo *loucura*, ele é amplo e penetra com grande facilidade nas malhas da cultura. É uma palavra que transita no cotidiano e se desloca numa rede semântica vasta e democrática. Nenhuma disciplina, nenhuma ciência, nenhuma psicologia, nenhuma ética ou filosofia retém para si ou consegue conter tudo o que se pode dizer e fazer com a palavra *loucura*.

Do que pude reunir em minha curta trajetória pelo campo *psi* trago o incômodo com a tradição que aprisiona a vida na linguagem e reduz a capacidade de todos de se surpreenderem quando tomados pelo *nonsense* devorador das palavras e do conhecimento. Se o homem está aí, no intervalo das significações, e pode ser colhido quando a linguagem despeja a sua potência, e ela o faz numa miríade de formas e metáforas, tão doloridas quanto belas, às vezes tão singelas e penetrantes, ele igualmente deve ser procurado fora desse campo *linguageiro*, pois é *para fora* que tantas vezes ele é ejetado. De tudo, o que dizer da dificuldade do homem hodierno em lidar com o que foge ao curso, não cabe, *espanta?*

Talvez os dias nascentistas tenham levado o homem a dilatar o limite de sua capacidade de se surpreender. A loucura humana vivida na sua expressão mais polimorfa produziu o mundo desse tempo. O louco era o protagonista dessas transformações e não cabia questioná-lo quanto ao seu temperamento. O conceito de anormalidade, se por uma manipulação histórica fosse trazido do final do século XIX e aplicado a esse contexto, teria nele pouca representatividade estatística. O encontro do europeu com o amerígena reivindica o reconhecimento de que existem homens não cristãos, não pagãos, culturalmente diferentes, contudo, humanamente iguais.

Em um mesmo movimento, ruptura e continuidade, liberdade e submissão, independência e isolamento, expressões artísticas iconográficas e literárias que espelham o mundo, retratam-no com um olhar o mais próximo possível do real (técnica em perspectiva da pintura). Outras abrem veredas para um mundo de imagens e sonhos ainda não experimentados e, assim, criam novas realidades. Desordens que pululam na vida das pessoas e das cidades, muitas das quais em confronto com a lógica aristotélica da não contradição. Fromm (1986) nos fala também de uma grande insegurança que deu lugar à Reforma Protestante e alcançou particularmente a classe média pressionada, de um lado, a fazer valer suas vontades ante à autoridade da Igreja, e, de outro, ameaçada pelos senhores endinheirados que faziam expandir o capitalismo que o evangelho reformador (calvinista) favorecerá. Um terreno moderno alterava as categorias de tempo e espaço à maneira de novas mentalidades, sendo assim descrito por ele:

*Um espírito de inquietude começou a impregnar a vida lá para o fim da Idade Média. Principiou a desenvolver-se a concepção de tempo e sentido moderno. Os minutos tornaram-se valiosos; um sintoma deste novo sentido de tempo é que em Nuremberg os relógios vêm batendo os quartos de hora desde o século XVI. Feriados em demasia começaram a parecer um infortúnio. O tempo era tão valioso que se passou a achar que ele nunca deveria ser gasto com qualquer fito que não fosse útil (pp. 55-56).*

No painel da história que viria a constituir o mundo moderno, misticismo, ciência, religião, comércio e arte divorciam-se, seguindo a marcação dos relógios. Essas modalidades de existência ou de pensar, de produzir conhecimento e fé foram sendo apartadas umas das outras. O louco dos nossos dias talvez seja o único refúgio onde esses

diferentes elementos e termos podem se reunir, porque ele interpela os divórcios que se operaram e tenta reconciliar tais elementos em expressões da subjetividade como, por exemplo, o delírio. Nesse ponto, me valerei dos ensinamentos de Foucault, para melhor compreender porque a Renascença se constituiu como experiência inédita da convivência entre razão e loucura.

Não é por acaso que Foucault (1995) inicia sua *História da Loucura*, a qual narra as experiências da loucura na Idade Clássica, no período do Renascimento. Nessa obra, não se trata de recuperar a história factual que constitui os conceitos da Psiquiatria, onde estão ausentes as sensibilidades que levaram à formação do discurso sobre o louco. A arqueologia de Foucault será a de encontrar as ruínas das percepções que as sociedades desse tempo chegaram a ter sobre a loucura. Poderia chamar-se, também, *História da Razão*, se nos ensina Foucault que é só em relação a essa que poderemos falar da loucura depois das experiências da Renascença.

Assim é que nos conta que a loucura será herdeira, dois séculos mais tarde, das extensões dos grandes leprosários esvaziados ao final da Idade Média, quando a lepra deixou de ser o horror daqueles dias. Herança que não se limitará ao espaço de isolamento, fazendo-se também sobre a lógica dessa exclusão. Se o leproso é retirado da comunidade visível da Igreja, é para que possa viver sua expiação distante dos olhos dos homens, mas perto do coração de Deus. Excluir e salvar são atos contínuos de caridade e graça a ele reservado. O classicismo europeu retomará com outra roupagem, em novos personagens, os jogos dessa *exclusão social, mas reintegração espiritual*. Os antigos leprosários se transformarão em Casas de Internação destinadas aos párias, venéreos, loucos, miseráveis, a toda uma população que será julgada e executada nessas instituições semijurídicas. Só no final do século XVIII o louco será libertado dessa indiferenciação que o mantinha junto a

tantos outros, para ser erguido à condição de prisioneiro *privilegiado* de um campo asilar puro. Pela primeira vez o louco terá uma teoria própria que, ao ser aplicada, não abrandará o seu maior sofrimento. A medicina mental nasce com uma tecnologia de poder que supõe tratar efeitos que ela mesma imporá – referimo-nos à institucionalização do louco e os instrumentos técnicos que operarão a sua subjetividade.

Mais tarde, no século XIX, a loucura que era alienação, porque fraqueza moral, passa à categoria médica de doença, e, desde então, se acumulam mais e mais conhecimentos, e nenhum capaz de restituir ao louco o que lhe fora usurpado. Ainda hoje aplicam-se, nos aparelhos de segregação do louco, a velha fórmula foucaultiana deduzida do trato da Igreja Medieval com as vítimas da lepra – *segregar para salvar*. Instituições e práticas não comprometidas com os movimentos de reforma política e terapêutica, formulados a partir da metade do séc. XX, ainda se vêm determinadas pelos valores e imagens que tinham aderido à personalidade do leproso. Nesse caso, não é mais a Igreja, mas sim, os dispositivos técnicos, científicos e administrativos que operam com a loucura – *segregar para curar*, eis a fórmula ainda em uso. Tanto que dos loucos é possível afirmar, a exemplo de Foucault, quando se refere ao tratamento dispensado pela Igreja aos leprosos, que: *eles se salvam pela mão que não se estende*.

O traço que faço no parágrafo anterior é por demais reto para uma história que Foucault tem o cuidado de realizá-la nos meandros de uma sinuosidade que requer extremada acuidade crítica e acaba por definir um estilo. Entretanto, de outra forma, escaparia ao escopo do presente trabalho. O que pretendo mostrar, nesse ponto, é que se a loucura foi exilada pelos modos do séc. XVII, o que marca o início da era clássica, e se para ela construíram-se armadilhas pelo exercício de uma razão que a silenciou, aos moldes



do método de Descartes, antes ela integrou-se à paisagem cultural do Renascimento em suas expressões multifacetadas e coloridas.

Não que deixasse de haver, desde os gregos, curas médicas e locais para ela reservados, como se todo esse tempo tivesse se mantido desprendida a esperar a escuridão que sobre ela recairia com a chegada das luzes da razão nos séculos seguintes. Na Idade Média, já existiam espécies de jaulas reservadas nos hospitais às formas da loucura consideradas curáveis. No próprio Renascimento, refere Foucault (1984), abriram-se na Espanha e na Itália os primeiros estabelecimentos destinados aos loucos nos quais o tratamento era inspirado na medicina árabe. Contudo, eram práticas localizadas e não se tratavam de medidas estáveis e sistemáticas, mesmo porque a loucura variava sua forma de manifestação de um tempo ao outro, sendo que nunca se chegou a capturá-la como sucederia depois de sua última aparição livre na Renascença.

São essas experiências maiores da loucura na Renascença que gostaria de abordar agora, cujo símbolo são naves romanescas onde embarcam o imaginário dos homens, tendo como combustível propulsor a concupiscência humana. Leigos e monásticos encontram-se nessas embarcações: quiméricas, como na tela de Bosch, *A Nau dos Loucos*; ou de existência real, apropriada ao louco, emblemática dos destinos da loucura nesse tempo – transportava a carga insana de uma cidade a outra.

*O fim do século XV é certamente uma destas épocas em que a loucura renova-se com os poderes essenciais da linguagem. As últimas manifestações da idade gótica foram, alternadamente e num movimento contínuo, dominadas pelo pavor da morte e da loucura. A dança Macabra representada no cemitério dos Inocentes, ao Triunfo da Morte cantado nos muros do Campo Santo de Pisa, sucedem as inumeráveis danças e festas dos Loucos que a Europa*

*celebrará de tão bom grado durante todo o Renascimento. Há as festas populares em torno dos espetáculos dados pelas “associações de loucos”, como o Navio Azul em Flandres; há toda uma iconografia que vai da Nave dos Loucos de Bosch, a Breughel e a Margot a Louca; há também os textos sábios, as obras de filosofia ou crítica moral, como a Stultifera Navis de Brant ou o Elogio da Loucura de Erasmo (Foucault, 1984, p. 77).*

A loucura porta aqui uma verdade, uma verdade que a faz mais razão do que a própria razão. Nas peças de Shakespeare, em tempos mais tardios, o bobo, o parvo introduzirá um elemento novo na comédia ou na tragédia. Trata-se de um subtexto que traz a chave para abertura ou resolução do conflito. Ele é um personagem inconscientemente sub-rogado pelos demais atores, e dirá no fundo da cena o que não consegue ser dito no primeiro plano.

Um dos aspectos centrais do texto de Foucault (1995) é a distinção que faz entre duas formas de experimentar a loucura que tiveram assento nesse período. A primeira delas refere-se às figuras fantásticas que se apoderam do homem e de suas obras. O animal anteriormente domesticado pela cristandade aqui vai espreitar o homem e tomá-lo de forma a lhe multiplicar a significação do mundo. Nesse modo, a fábula da loucura se afasta da linguagem e se aproxima do pesadelo. O resultado não é o de um ensinamento reto, mas sim, fascinação. Assaz fascinado e siderado com o que assombra a sua imaginação. Vendo-se liberto para reconhecer relações tão cruzadas entre as coisas ele se encontra inerme, enquanto destituído de qualquer interpretação apriorística. Assim, ele pode se deixar repousar num turbilhão, sem ter de reduzir sua alma a qualquer conhecimento explícito. Não se trata mais de um obscurantismo medieval unívoco, mas de um esoterismo que é experimentado nas manifestações populares, na arte, enfim, na cultura.

Então essa força primitiva de trevas revela um saber, um saber invisível e inacessível que o louco carrega. A representação dessa face enigmática encontra-se nas telas de Hieronymus Bosch (1450 a 1516). O enigma da imagem abala e desordena o mundo real e, pela visão, a loucura exerce os seus poderes. Assim, Bosch realiza sua iconografia com figuras e figurações absurdas. Em quadros como *A Nau dos Loucos*, *O Juízo Final*, *O Carro do Feno* e, especialmente, *O Jardim das Delícias*, os quais podem ser entendidos como alusões à avareza e à luxúria, feitas pela impressão de uma força descomunal ao homem, Bosch cria figuras grotescas de natureza humana e animal, cujo resultado é uma alegoria de atividade efervescente e abstrusa – um jardim de frutos em que os homens alimentam os seus prazeres.

Contudo, a loucura assume também uma outra forma distinta dessa em que está identificada com o obscuro. Ela passa a ser um saber sobre a fraqueza do homem e sua má consciência. Não é mais uma força cósmica que o invade, pelo contrário, ela está nele, *se insinua nele, ou melhor, é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo* (Foucault, 1995, p. 24). O apego a si próprio e às ilusões da alma vulnerabilizam o homem para a loucura, onde se encontra a explicação para o grande estouvamento do mundo. Na literatura e na filosofia, ela se transforma em *sátira moral*, e é isso que Foucault considerará a grande inclinação desse outro discurso da loucura na Renascença: a reflexão moral crítica.

Erasmus de Rotterdam (1466 a 1536) evidenciará essa face de forma mais nítida com a publicação, em 1511, do *Elogio da Loucura*. Ainda em Foucault se verá que a tradição humanista, que tem em Erasmo um de seus representantes, considerará a loucura no *universo do discurso* – o que em Bosch é imagem aqui será texto. Assim, desenvolve-se uma sabedoria irônica e um diálogo presciente entre razão e loucura. Uma será a medida da

outra e entre ambas constituir-se-á uma relação de reversibilidade incessante – toda razão tem sua loucura e essa loucura uma razão.

*Erasmus desvia os olhos dessa demência “que as Fúrias desencadeiam dos Infernos todas as vezes que lançam suas serpentes”. Não são essas formas insensatas que ele quis elogiar, mas sim a “doce ilusão” que libera a alma “de suas penosas preocupações e que a entrega às diversas formas de voluptuosidade” (...). Enquanto Bosch, Brueghel e Durer eram espectadores terrivelmente terrestres, e implicados nesta loucura que viam brotar à sua volta, Erasmo observa-a a uma distância suficiente para estar fora de perigo (...)* (Foucault, 1995, p. 25).

Assim, constata Foucault duas experiências da loucura na Renascença. De um lado temos o que chamou o elemento *trágico* e de outro o elemento *crítico*. Entre essas duas formas, *experiência trágica e consciência crítica*, abrir-se-á uma fenda que fará soçobrar um dos lados dessa unidade, aquele relativo à experiência trágica da loucura; sendo que a consciência crítica elevar-se-á a ponto de dominar até os nossos dias. Portanto, para Foucault, a experiência que temos hoje da loucura traz em si um vazio se considerarmos que uma de suas formas de manifestação foi obliterada. Mas ainda assim, para Foucault, houve quem a resgatasse: Nietzsche, Freud, Artaud.

Temos, assim, a fotografia revelada por Foucault desse confronto entre duas maneiras de operar com a loucura, o que torna a obra de Erasmo exemplar de uma experiência onde a loucura começa a ser observada como sendo imanente à razão. Mas essas formas não são puras, elas se entrecruzam, como admite o próprio Foucault. Assim, tanto é possível encontrar crítica em Bosch quanto experiência trágica em um campo que seja dominado pela crítica, se se buscam imagens caóticas e internas do homem para falar de sua loucura.

Vale cotejar o texto de Erasmo de Rotterdam (1511/1997), para constatar a ironia, os jogos e troças do autor, que se veste com a *persona* da loucura para lhe dar voz amplificada num diálogo com o mundo e seus atores. É a *Senhora Loucura* que fala e não titubeia ao afirmar que é ela que faz a alegria de Deuses e homens. Quase quinhentos anos ainda não foram suficientes para tornar o texto anacrônico e silenciar questões que escandalizaram a comunidade teológica da época. Nas missivas que troca com seu amigo Martin Dorpius, ora justificando-se, ora redimindo-se e outro tanto contra-atacando, esclarece o autor do *Elogio* que, se usou de um artifício estilístico burlesco e brincalhão, foi porque assim melhor chegaria a advertir os vícios e reformar os costumes dos personagens que trazia à baila. Como dizia acima, a verdade era melhor adaptada à boca dos bobos do rei que, ocupando um lugar supostamente mais frágil e ridículo, poderiam agir com liberdade para desembainhar com distração a espada cortante, que levava à ponta a palavra-remédio para algum mal. Erasmo diz valer-se do mesmo procedimento. Enquanto provoca o riso, mais fácil sua verdade pode esgueirar-se para dentro da alma das pessoas, que pela ação do prazer encontrar-se-iam desarmadas e menos resistentes.

Mas *Dona Loucura* não poupará aleivosias dirigidas aos homens em posições sociais que, uma a uma, são examinadas por ela a fim de revelar-lhes suas dissimulações. Assim, dirá aos Gramáticos que eles não passam de tristes homens sórdidos que enchem a cabeça das crianças com extravagâncias; aos Poetas, reconhecerá o quanto a reverenciam por estarem a serviço do amor-próprio e da lisonja; aos Escritores, desejosos de fama, que eles serão mais felizes tanto quanto se deixarem influenciar por ela, transcrevendo tudo o que lhes ocorrer à cabeça, seus sonhos, suas futilidades; aos Jurisconsultos, os mais vaidosos, que eles acumulam textos de leis sobre um assunto sem a mínima importância; aos Filósofos, esses que se julgam os sábios do mundo, que eles *não sabem nada de nada e*

*pretendem tudo conhecer (...) como se fossem confidentes da Natureza construtora do mundo e delegados do conselho dos Deuses*; aos Teólogos, raça soberba e irritável, que eles, embora sejam pouco reconhecidos pelas benesses dela (da loucura), são por ela impregnados, ainda que postulem para si um lugar acima dos mortais; aos Reis e Príncipes, que eles teriam uma *vida digna de fuga* se não lhe prestassem culto sincero; aos Cortesãos, que eles não passam de seres rastejantes lambuzados na esterilidade de gestos servis e fáceis (Rotterdam, 1511/1997, pp. 61-82).

O *Elogio da Loucura*, segundo o próprio Erasmo, foi um passatempo durante sua estada na Inglaterra, após retornar de um período de três anos de estudos na Itália. Enquanto viajava, cavalgando sua égua rumo à Inglaterra, concebeu o *Elogio da Loucura*. Ao chegar à casa de seu amigo Tomás Morus, prostrou-se no quarto acometido por uma dor nos rins que lhe consumira vários dias. Não podendo entregar-se a outras atividades passou a dedicar-se a esse texto despretensiosamente. Cumulado de idéias que já vinha alimentando, realizou-o esperando ser lenitivo para suas dores. Sendo estimulado pelos amigos, que compartilhavam com ele os risos que seu estilo despertava, levou a cabo sua obra até a publicação.

Mas o que era apenas um passatempo, fruto do ócio, escandalizou o seu tempo. O que Erasmo realizou em sua brincadeira? Ele retirou a sabedoria dos sábios e entregou-a a Loucura. Ou melhor, ele tenta mostrar que a felicidade não requer sabedoria, pelo menos aquela sabedoria que ao ser exercida abre um fosso entre os dotados e os frívolos. A loucura é então aspergida sobre todos os homens, e só aqueles que conseguirem absorvê-la chegarão ao prazer que leva à felicidade. Ela é uma ilusão indispensável à união entre os homens, porque erigida pela *Philautía*, o amor a si mesmo, o único capaz de fazer uns suportarem os outros.

*Vedes que sem mim, até agora, nenhuma sociedade seria agradável, nenhuma ligação duradoura. O povo não suportaria muito tempo o príncipe; o criado, o amo; a criada, a ama; o escolar, o preceptor; o amigo, o amigo; a mulher, o marido; o empregado, o patrão; o companheiro, o companheiro; o hóspede, o hospedeiro, se não se mantivessem ambos na ilusão, se não houvesse entre eles o engano recíproco, a lisonja, a prudente convivência, enfim, a lenificante troca do mel da Loucura* (Rotterdam, 1997, p. 23).

Se por um lado, Foucault considera que o humanismo de Erasmo não engrandece o homem, por estar vigiado pelos olhos da razão, ainda assim, acredito que, pelas vias inesperadas de seu estilo jocoso, ele pôde se libertar para dizer o que outro estilo de caráter impediria. Portanto, em Erasmo, um importante diálogo entre a ciência dos eleitos e o senso-comum se estabelece. Com rara habilidade ele usa da loucura para interpelar um jeito de conhecer que não só pretende apreender a natureza como superá-la. Para ele, a felicidade está em desvencilhar-se da Ciência, afastando-se dela e aproximando-se do senso-comum. Ora, esse é um debate que atravessa toda a Modernidade e chega às fronteiras da Pós-Modernidade. Santos (1998) mostra que a revolução científica pós-moderna distingue-se da revolução do séc. XVI, da qual falávamos acima, pela necessidade de se aglutinar o paradigma de um conhecimento prudente – científico –, com o paradigma de uma vida decente – social (p. 37). Assim, convida a dissolver a distinção entre ciências naturais e sociais, exortando para que se faça a conversão do conhecimento científico em senso-comum, a fim de se chegar não à sabedoria dos especialistas, mas sim à sabedoria de vida (p. 57). Se do subtexto de Erasmo se extrai um discurso moral, é possível retirar dele, também, fragmentos que antecipam o debate de uma nova racionalidade. A loucura de que

fala Erasmo está no cotidiano dos homens e não deve ser alienada pela Ciência, sob pena de levar à infelicidade. A Ciência é uma encenação, mas a Loucura é o extrato singular de todo homem, sendo, por isso, mais democrática que a Ciência, que é conhecimento de poucos. Deixemos falar a personagem de Erasmo:

*As vantagens que proporciono são muito mais completas, muito mais definitivas. Em que embriaguez perpétua mergulho as almas! Como as cumulo de alegrias, delícias e arroubos, sem lhes exigir nenhum esforço! E não privo ninguém de meus favores, enquanto as outras divindades escolhem os seus privilegiados (...). Só eu, a Loucura, e mais ninguém, estou sempre pronta para distribuir indistintamente favores para todos os homens (Rotterdam, 1997, p. 56).*

Penso que a obra de Erasmo introduz uma desordem no discurso ao apontar a dimensão do equívoco humano, mas isso talvez tenha se manifestado à revelia da sua vontade. Vontade que, como já apontado, pela leitura de Foucault, tinha por intenção a crítica moral. A abertura para essa dimensão me leva a acreditar que seu alcance não se restringe a um discurso laudatório da razão – aspecto no qual está centrada a crítica de Foucault –, visto que possibilita conceber um homem com sentidos múltiplos e variados, pela introdução de elementos novos, tais como a errância e a estranheza. Se ele observa a loucura, o faz de modo patético e não tão distanciado dela. Há algo no estilo e no jeito de realizar sua comunicação pedagógica, que acaba por alimentar o leitor por vias laterais.

Séculos mais tarde, Freud exumará as ruínas de um saber abscôndito mantido afastado pelas cidadelas da consciência. A dor de Erasmo, transformada em riso pela *felicidade de querer ser o que se é*, será reprocessada na forma de uma *ferida narcísica*,



campo da experiência trágica. Portanto, entramos na discussão do que seja o universo simbólico humano, aquele que nos remete a uma outra cena. Muito antes porém, cabe interrogar a respeito da experiência trágica, que se faz representar esteticamente, e se situa na ausência do universo do discurso.

Depois desse amplo parêntese, retomo para dizer que o interesse pela experiência autística, e o que a partir dela possa ser estabelecido para a fundação do psíquico, constitui mais uma tentativa de restabelecer a dimensão trágica da experiência humana. Para tanto, a psicanálise é o ambiente teórico onde pretendo situar a investigação dessas experiências inapreensíveis, destituídas de sentido imediato ou, porque infáveis, impossibilitadas mesmo de serem serenadas na esfera do simbólico, mas que quando consideradas na extensão da tragicidade apontada acima, evitam uma certa coisificação do sofrimento.

Talvez seja até aceitável se dizer, de forma mais genérica, que a clínica psicanalítica e os desenvolvimentos teóricos que se fazem a partir dela são gerados nessa tensão, nesse eixo conflitante de opostos, tais como: pulsão *versus* cultura, imaginário *versus* real, imaginário *versus* simbólico, etc.

Então, o que se coloca para a presente proposta de estudo é compreender como essa tragicidade se expressa tanto na clínica quanto nos conceitos, em especial de inspiração psicanalítica, que intentam se referir a um espaço psíquico que se situa fora do campo da representação.

Pois bem, a expressão tragicidade aqui é tomada em dois sentidos: tanto na vertente discursiva, quando aquilo que não pode ser explicado também qualifica o eminentemente humano; quanto na vertente constitutiva do sujeito, pois é no irrepresentável que o psíquico é suposto acontecer por primeiro.

Mas qual a importância de se investigar o que está fora dos limites do simbólico ou mora na sua borda? Isso se justifica quando realizamos a clínica cotidiana, seja nas salas de consulta, seja no espaço institucional ou na clínica que se estende até a rua. Quando se esgota o repertório das palavras, começamos a tratar com aquelas vivências de textura irreduzível ao exame de nossas reflexões teóricas; assim, o que entra em cena são experiências ligadas ao corpo, quero dizer, corpo erógeno, corpo pulsional ou estética do corpo naquilo que ele tem de esteses. Porque há algo aí que jamais será traduzido. É suposto psicanalítico que o simbolismo é essencialmente pulsional, e isso quer dizer que em alguma medida e por algum caminho ele se refere ao corpo, mas parece igualmente aceitável que a palavra ocorre em descontinuidade à vida corporal.

Há perdas advindas do desenvolvimento como, por exemplo, aquelas impostas pela aquisição da linguagem. O bebê corporal, o corpo pulsional do *infans*, o invólucro sensorial estará, depois desse desenvolvimento da linguagem, irremediavelmente sem tradutor, se concordarmos que a linguagem, esse *Demiurgo* da vida entre os homens, capaz de criar tantas coisas, mostra-se insuficiente para traduzir de forma mais completa o corpo, ou, tantas vezes, é mais um dispositivo de traição do que propriamente de tradução.

O processo psicoterápico com a criança autista expressa essa tragicidade, pois convida acreditar que *algo está lá que não pode ser representado*. Passa, não raras vezes, por uma aproximação viva dos corpos, sendo que o próprio corpo do terapeuta constituir-se-á no espaço clínico privilegiado a partir do qual se fará a erotização da criança em tratamento, à semelhança do que se passa entre uma mãe e seu bebê.

A problemática que circunda a criança autista surpreende pela interpelação que faz da própria prática clínica, dos usos e costumes do psicanalista, dos modelos teóricos, das formulações tópico-econômicas da Psicanálise, mas não exclusivamente, pois a vejo

inquirindo de forma cortante a cultura na qual tal sofrimento floresce. Com relação à cultura, cabe dizer que a clínica psicanalítica com a criança autista, na qual ingresso como neófito, produz em mim uma grande extensão de vida, que não é outra coisa, suponho, senão um intervalo de repouso para aquelas estreitas significações do mundo que estão aí disponíveis a vagar prenhas de promessas edulcorantes. De vez que penetram como calorias nos discursos, nos gestos e nos corpos dos homens, cujo resultado é o consumo ortopédico e o tratamento moral da subjetividade, da criatividade e da espontaneidade. Para aqueles que têm dúvidas quanto ao uso dessas expressões, arrisco o derradeiro apelo que convoca a nos aproximarmos desse núcleo irreduzível de toda pessoa, tenha ele o nome que tiver. Pois essa me parece quase uma *definição – não definitiva – da clínica psicanalítica*.

Lembro ainda, para tentar situar o leitor quanto às correntes e fluxos afetivos e aflitivos que sobre mim tiveram efeito na *terapia* da criança autista, de um texto de Fédida (1988) em que ele evoca a origem desta justa palavra – *terapia* –, que em grego é o cuidado exercido pelo médico sobre *Eros* doente. *Eros* está doente pelo excesso de amor que, ao encontrar o amor do cuidador, tem aí a possibilidade de restabelecer sua justa medida (p. 28). Realmente, se esse encontro entre a criança em sofrimento e o terapeuta consegue escapar da relação de consumo e adaptação; se há um tempo reeditável pela presença vivificante do corpo em ato; então, as cenas da vida podem se abrir em significados originais. Até mesmo jamais encontrar um significado, hipótese na qual o vivido incluirá o *nonsense*, e quem sabe por igual produzirá um efeito libertador.

Sim, para reaver aqui as expressões aplicadas lá atrás ao elemento trágico da loucura, compete dizer: *nessa clínica, a terapia é a de se deixar repousar num turbilhão, sem ter de reduzir sua alma a qualquer conhecimento explícito*. Pois com essa imagem melhor posso dizer desse encontro que tive na clínica com o pequeno Guili, envolto em cargas

afetivas que basculam, quais súbitos solavancos, de um lugar a outro, na noite das palavras, mas na verborragia diáfana dos corpos, das coisas em sensação – eis aqui mais uma motivação desse trabalho.

Enfim, é chegada a hora de encaminhar os capítulos que seguem.

O primeiro capítulo traz justo o testemunho do encontro com Guili. Não pretendo evitar o risco da especulação quando se apresenta, na clínica, a oportunidade para contar a história de um tratamento, mesmo que seja um fragmento, posto que nesse conto, nessa ficção, se encontra a teoria, que outra coisa não deve ser senão a contemplação desse encontro, havido num tempo emoldurado pelas produções humanísticas inalienáveis de seus atores.

O segundo capítulo dedico ao exame de funções psíquicas arcaicas que concorrem para o engendramento do aparelho psíquico concebido pelo pensamento de Freud. A atividade de prazer/desprazer se constitui, se me for permitido dizer, tal qual uma unidade seminal do alvorecer da vida psíquica, onde as funções de pulsação e regulação parecem ter aí um papel de destaque.

Para o terceiro capítulo encontrei em Piera Aulagnier formulações fabulosas sobre a representação psíquica na instância do originário, que ela cunhou com o termo *representação pictográfica*. Trata-se de uma representação especular decorrente da atividade sensorial, onde toda a criação da atividade psíquica tem como resultado a própria imagem da coisa representada. Todo o encaminhamento é no sentido de mostrar que é sobre esse *vetor sensorial* que se apóia o pulsional, onde se destacam o trabalho de auto-engendrar as marcas deixadas por esses fragmentos do sensível.

O quarto capítulo segue com considerações a respeito da representação psíquica em Freud e de algumas vertentes de compreensão e tradução desse termo que acabam por

sugerir que nos movimentos inaugurais da atividade mental, que se estende da percepção externa até o inconsciente, resta um ato de criação original. É a crença nesse ato de criação que favorece a compreensão dessa transição que vai de um tal excitatório desordenado ou condição pulsional mais caótica, na qual se vê envolvida a cria humana, até, digo assim, a psicogênese do sujeito revelada nas formas dessas rudimentares marcas, as quais Freud nomeou *representação-coisa*.

A conclusão reúne algumas das idéias esboçadas ao longo dos capítulos de forma a estabelecer aproximações entre conceitos e indagações que incidem na prática clínica e repercutem a potência criativa *daquilo que não se deixa traduzir*, de tal sorte a provocar a sensibilidade do analista.

# **CAPÍTULO 1**

## **CONTO CLÍNICO**

Com o fito de contribuir com mais uma gotinha para essa discussão, pretendo apresentar o tratamento de uma criança autista de 4 anos, aqui identificada como Guili, que se iniciou em outubro de 2005 no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Vale lembrar que é o primeiro atendimento que faço de uma criança com essa modalidade de sofrimento.

Atualmente, Guili frequenta o Centro de Ensino Especial da rede pública. Recentemente, passou da turma de estimulação precoce para a turma de condutas típicas, onde dois professores acompanham três alunos. A fenomenologia dos seus sintomas autísticos está expressa na ausência da fala, reduzida interação social e estereotípias, como, por exemplo, interesse persistente por partes de objetos em movimento, atividade reduzida de brincadeiras sociais, envolvimento apenas instrumental com o outro, falta de interesse em compartilhar realizações com outras pessoas e comportamento agressivo quando contrariado.

Na primeira entrevista, os pais relatam o que tem sido a vida entre eles. A mãe conta que com pouco mais de um ano Guili apresentou o que para ela tem o sentido de uma regressão. A criança que até então apresentava desenvolvimento esperado – sentou por volta dos seis meses, engatinhou com desenvoltura e andou com um ano, além do que falava palavras soltas como cavalo, água, ucas (irmão), papa, mama etc –, deixou de falar e atender comandos. A mãe relaciona as transformações ocorridas com Guili ao nascimento da irmã mais nova. Conforme diz, essa não foi uma gravidez programada, e mesmo sendo

uma mãe desvelada, não foi nada fácil cuidar de dois bebês ao mesmo tempo. Por conta da gravidez da mãe, a amamentação de Guili foi interrompida aos 4 meses. Quando Guili chorava de madrugada, em geral, era o pai que acorria ao berço. Até hoje, quando ocorre de acordar à noite, Guili costuma, na penumbra do quarto, passar a mão no rosto da pessoa que vai ao seu encontro, e se não identifica o pai continua a chorar ou não cessa o seu incômodo. Ainda com relação ao sono, a mãe lembra que desde os dez meses o seu sono é irregular.

Os pais se revezam na narração dos jeitos de ser de Guili. Assim é que contam que todas as vezes que Guili tem interesse naquilo que alguém está falando, ele prontamente mostra compreensão do que se passa. Relata o pai que o menino tem predileção ou maior facilidade de contato com figuras masculinas. Além do pai, o avô materno e o padrinho têm acesso privilegiado ao garoto, o mesmo ocorre em relação ao irmão mais velho. Observa a mãe, que o irmão mais velho de 8 anos é o único companheiro de brincadeiras de Guili. No mais, todas as outras crianças são ignoradas por ele, sendo da sua preferência brincar sozinho por horas.

Guili passa absorto em atividades que elege segundo critérios que os pais estranham e desconhecem. Por exemplo, assiste ao mesmo filme um número infindável de vezes. Tem um gosto especial por acumular coisas. Enche um balde com brinquedos de sua preferência e depois passa a derramá-los. Tem interesse por brinquedos pequenos, miniaturas. Sua maior fascinação é a água, isto é, água rasa, porque de lugar fundo tem medo. Em verdade, prefere estar em lugar amplo e ao ar livre. Acumular terra e lançar pedras são outros exemplos de atividades nas quais se detém. Adora a piscina de bolas e quando encontra uma bola transparente elimina-a do conjunto das coloridas. A essa se seguem outras

seleções. Atualmente não tolera azul escuro e, por vezes, escolhe a sua própria roupa e até as roupas do pai. Não gosta quando a blusa e o short do pijama são diferentes.

Nas primeiras sessões, Guili vem à sala de atendimento acompanhado pelos pais. Às vezes, resiste com energia a entrar na sala. Vencida essa primeira barreira, tantas foram as vezes em que Guili, após uma rápida exploração do ambiente, dirige-se ao caminhão de plástico, coloca-o sobre a mesinha e começa a girar as rodas do mesmo. Ele fixa os olhos no movimento da roda e, por vezes, com o dedo, procura pará-la, o que é acompanhado pelo ruído do seu dedo na roda em movimento. Ocorre também de pegar a minha mão e levá-la até a roda que está movimentando, sugerindo que eu a impulsione junto com ele ou, quem sabe, providencie o encaixe do eixo quando este se desprende. Quando a peça da frente do caminhão se desencaixa, ele novamente pega a minha mão e a conduz como se quisesse restabelecer o encaixe. Depois ele procura o ventilador e passa a girar as palhetas. Volta ao caminhão e, por último, encontra um ábaco de plástico, no qual se atém ao giro das peças. Em nossos encontros iniciais, esse se constitui o indefectível circuito por onde transita a vida sensível auto gerada por Guili, aderida ao giro das rodas do caminhão, dos carrinhos, do caramujo em forma de carro, das palhetas do ventilador. Sua mãe comenta que o seu brincar é repetitivo. Eu lhe digo que: – sendo repetitivo, parece também prazeroso.

Contudo, o tempo de enlevo com essa atividade apaziguadora se combina também com a manifestação súbita de uma intensa irritabilidade. Neste tempo, Guili passa a circular indócil pela sala, chora e grita. Insiste em pegar a mão do pai, em seguida a da mãe e puxando-os tenta dirigi-los para a porta. Se os pais voltam a sentar, ele os empurra da cadeira. Enquanto isso, Guili mantém a sua recusa a qualquer proposta. Ambos parecem angustiados àquela situação para a qual não é possível encontrar nenhuma solução. Nessa



agitação os pais se entregam à tentativa infrutífera de distraí-lo com algum brinquedo, fala ou ação, mas Guili não se rende a nenhum desses apelos. O pai o carrega, o coloca atrás das costas de cabeça para baixo, Guili silencia por alguns instantes, mas imediatamente, quando retorna ao chão, reinicia sua angústia insondável. Não que deixe de procurar o contato com os objetos, mas aquelas delícias do contato lhe parecem agora absolutamente extraviadas. Numa dessas passagens, ele dirige o seu olhar ao encontro do meu, oportunidade em que lhe digo que estou ao seu lado e que podemos brincar.

A sessão segue assim, até que Guili encontrará a chave que fará a comutação desse ritmo sofrido. Ele descobre o interruptor e apaga a luz. Seus pais, a princípio, se incomodam, pedem que restabeleça a luz. Depois de algum tempo em silêncio eu lhe digo que agora estamos todos iguais, sem controle, mas que ele tem o controle para ligar e desligar todos nós. Guili parece ter encontrado uma função tranquilizadora. Com a luz apagada, ele chega até a se aproximar de mim, voltando a girar as rodas do caminhão que se encontra sobre a mesinha. Por algumas vezes, ele repete esse jogo de apagar e acender, ao mesmo tempo em que entra num repouso apaziguante – tirar a luz dos homens é de certa forma desligá-los da imprevisibilidade atormentadora, e Guili teria conseguido isso com o controle do fogo, ou melhor, da luz.

Após realizar as primeiras sessões com Guili na presença dos pais, combinamos que passaria a estar sozinho comigo na sala de atendimento. A mãe relata que essa passagem foi muito dolorosa para ela, comunicando nestes termos o seu sentimento: – *fiquei de luto nas primeiras sessões em que ele passou a entrar sozinho na sala*. Algumas vezes, ao ouvir os gritos de Guili, a mãe acorria ao consultório e lá permanecíamos juntos até o final da sessão.

Na primeira sessão em que permanecemos sozinhos, Guili procura os seus infalíveis caminhões, coloca-os na mesinha e inicia a girar as rodas. Mas nessa sessão um certo deslocamento de interesse se opera ou, de outra forma, algo se apresenta nos termos de uma sensibilidade até então não manifesta. Guili, quando está na mesinha, vem se acostar sobre mim, deliberadamente ele procura o contato corporal. Apoiado sobre minhas pernas, quase deita a cabeça no meu colo, e assim permanece distraído com os giros das rodas por algum tempo. Reciprocamente, eu procuro o contato com ele. Por várias vezes, Guili manifestará essa disposição afetiva para o contato, o que se repete quando estamos deitados no colchonete e ele joga as suas pernas sobre o meu corpo.

Ainda nessa sessão, há uma passagem de muita relevância clínica. Guili pega um cavalo de plástico na estante. Depois ele está no chão e manipula o cavalo. O que se faz notável é que Guili não se detém no cavalo apenas como um objeto-sensação. O jogo que transparece, enquanto Guili está no chão, sugere que o cavalo pode ser naquele momento um objeto-representação. Ele olha o cavalo como quem o reconhecesse e executa manobras próprias do animal. Numa delas, eu acompanho o que me parece ser uma cavalgada, produzindo o som do trote ao estalar a língua. Há ocasiões em que Guili olha para mim e acelera a cavalgada, o que sugere um certo ritmo entre nós. Repetimos isso algumas vezes em diferentes sessões. Mais tarde, os pais informaram que, naqueles dias, tentaram introduzir Guili na equioterapia, o que não prosperou em razão de sua recusa em se manter sobre o cavalo.

Mas outra passagem notável foi registrada algumas semanas depois. Guili deparou-se com os livrinhos de historinhas infantis. Dentre eles, tomou o livrinho do *Bambi e do Ursinho Puff*, e, por sua vez, o associou a um pequeno boneco com *pinta de super-herói*. A manobra consistia em colocar o boneco dentro do livrinho, realizada com uma acuidade que

sugeria não deixar por menos nenhum detalhe, seja da capa do livro na qual aparecem Bambi e o Ursinho Puff, seja do pequeno boneco acomodado entre as páginas do livro. Pois bem, com esse conjunto, Guili aproxima-se do circulador de ar, inicialmente fazendo girar suas palhetas, movimento que eu procuro realizar junto com ele, mas que, algumas vezes, evita afastando minha mão. Assim, recostado sobre mim, Guili inicia uma atividade que considero de grande valor para a compreensão da organização psíquica remota na qual parece se alojar nessa passagem. Ao mesmo tempo em que gira as palhetas do circulador ele quer aproximar seu rosto dessas palhetas em movimento, como se num ponto qualquer pudesse encontrar ou retirar dali algo. Ainda como se faltasse um elemento que levasse ao resultado esperado, ele tenta acrescentar o livrinho com o boneco dentro, aproximando-os das palhetas que mantém girando. O resultado visual dessa complexa coordenação motora mostra Guili deitado com o rosto encostado ao circulador, que faz girar com uma das mãos, sendo que a outra mantém o livrinho com o boneco próximo ao circulador em rotação, na tentativa de colar todo esse conjunto à face de seu rosto.

Essa forma estética produzida por Guili, que combina a superfície do seu próprio corpo no contato com as diferentes texturas desses objetos, sugere uma composição harmônica e criativa. Tentativa de integração onde o sensível transita na reunião dessas superfícies, como se algo estivesse aí a se deslocar de um lugar a outro, ainda sem conseguir o ingresso efetivo no circuito pulsional. Contudo, nessa passagem, revela sua capacidade de regular sensações numa adesão inédita aos outros objetos. *Ensimesmamento prazeroso e de qualidade autística* (Tafari, 2003), momento privilegiado da jornada do pequeno Guili. É a qualidade dessas experiências que podem nos ajudar a especular acerca da textura psíquica originária e imediata, que não se inscreve ou permanece fora do campo da representação.

Gostaria ainda de apresentar mais um pequeno extrato de sessão. Guili está agora sentado, eu me posiciono à sua frente. Ele pega pequenas frutinhas de plástico e leva à boca. Com receio de que ele possa se engasgar peço que ele as retire da boca, e com minha mão evito que ele leve as frutinhas até a garganta. Mas aqui também proponho uma outra modalidade de jogo, em que lanço as frutinhas sobre o colo dele. Guili não se vale de nenhum gesto antecipatório para pegá-las, de modo que elas caem livres sobre ele. Ainda nessa seqüência, eu lanço as pecinhas para o alto. Guili não acompanha a trajetória da peça em toda a sua extensão. Ele inicia o movimento da cabeça de olhar para cima, mas acaba por interrompê-lo, como se a peça desaparecesse do seu campo fenomênico, só voltando a percebê-la quando retorna ao chão. Vejo aqui que se o corte da experiência sensível se opera, não parece haver outra realidade que possa se emendar àquela dada pela experiência sensória. Suponho que ao se tornar apartado do sensível, se expõe ao desamparo. Em outros termos, a sua dificuldade em experimentar a descontinuidade do sensível revela a sua impossibilidade, ainda presente, de gozar de um revestimento psíquico que o permita saltar sobre o real, sem se perder pela falta de um objeto de prazer originariamente constituído.

Por fim, numa outra vertente do problema, se coloca o estabelecimento da relação transferencial, aquilo que apontei acima como tendo se ressaltado desde a primeira sessão em que Guili passa a estar sozinho comigo na sala de atendimento, mas que nos últimos tempos tem se acrescido de elementos inéditos. A ponto de promover o encontro com as minhas próprias sensações, ou melhor, com aquelas que ambos, eu e Guili, somos capazes de gerar na situação analítica.

A atividade para a qual Guili tem dedicado boa parte das últimas sessões é aquela em que procura o contato corporal comigo. Eu retribuo o seu interesse em manter-se nesse jogo de experimentação e exploração dos nossos corpos. Emite alguns sons que eu repito,

enquanto nos mantemos agarrados um ao outro. Sobe nas minhas costas, prende minha cabeça entre suas pernas, enlaça meu pescoço, face a face. Nessa última modalidade de contato, ele se mantém de frente para mim. Às vezes, vai ao encontro dos meus olhos, noutras prefere o detalhe. Procura com as suas mãos as bordas e os limites do meu rosto. Pelo menos, isso é o que sugere um certo deslizamento da sua mão na superfície delgada da pele, ao encontro desses relevos de geografia irregular onde se desenham boca, nariz e olhos. Essa jornada ao fundo dessas superfícies tem se reproduzido cada vez mais. E elas são curtas, tão toscas, milimétricas, e parecem explodir vesículas de tempos impensáveis.

O que se observa nessas sessões é uma mudança na relação transferencial. Guili se apresenta atento a mim na procura pelo meu corpo, e o faz de forma carinhosa. Por igual, um sentimento novo se acrescentou em mim. Eu já não o tomo apenas nas suas estereotípias prazerosas ou sofridas. Nesse ponto, o prazer decorre de um salto afetivo que parece imprimir na sessão uma outra modulação. Tudo ainda está ali presente: as passagens pelas rodinhas em movimento, as palhetas do ventilador, o esvaziar e encher das caixinhas, o olhar atento para os livrinhos. Só que desta feita, todas essas experimentações que se apresentavam enquanto figura passaram a ocupar o fundo da cena psicoterápica. De forma a se destacar agora, neste plano, figuras amorosas e afetuosas, capazes de promover um novo revestimento à situação vivencial, em substituição ao *casão protetor* e assegurador que ambos, eu e ele, parecíamos ter manifestado nos nossos primeiros encontros. Como disse, esse novo efeito, *a coisa* que aqui se exarou alterou o ritmo das sessões, transformou percepções, acentuou sensações, abrindo a cena das experimentações criativas. Explorações que precisam se fazer na superfície dos corpos, no espaço terapêutico dos corpos, onde de resto se engendra o que será depois a vida das palavras. Curiosamente, a mãe refere, num

dos nossos encontros, o interesse que Guili tem tido pelo contato com o corpo dela, visto que, antes, segundo afirma: – *era mais com o pai e isso me doía muito*.

A seqüência das sessões vai revelando, de um lado, momentos de expressão de um grande sofrimento, como mencionado acima, ensimesmamento sofrido que se repete em várias passagens. Por outro lado, parece indicar o esboço de *novas* formas de organização psíquica. É o que pretendo mostrar com os extratos que se seguem.

Assim é que, certa feita, ele está inconsolável, irritado e chora bastante. Parece imerso num sofrimento incontornável. Ele bate com as duas mãos, repetidas vezes, sobre a lateral da cabeça. Eu contenho o seu gesto. Contudo, Guili não se contém, grita e esperneia quase o tempo inteiro da sessão. Ele procura o meu corpo, abraça ou tenta algum contato. Por um lapso de tempo serena, mas em seguida afunda na angústia que não lhe permite se deter em nada. Quando ele se encontra deitado no colchonete, após me chutar e morder, eu procuro, estando de pé, realizar alguns movimentos à moda do que denomino jocosamente como sendo um *Tai Chi Chuan Tupiniquim*. Curioso é que ele permanece deitado e dirige a atenção para minha atividade. Eu realizo movimentos lentos de braços e pernas, nos quais incluo alguns dos gestos emitidos por Guili pouco tempo antes como, por exemplo, a batida na cabeça. Nisso Guili mantém o seu interesse por um bom tempo, após o que retorna à sua irritabilidade, que se mantém num crescente até o final da sessão.

Agora, em outra sessão, Guili está inteiramente tranqüilo. Volta a buscar as rodas dos carrinhos, procura o meu corpo e mostra-se muito afetuoso. Nessa sessão, é intensa a nossa atividade corporal. Muitos dos jogos que realizamos se passam no ambiente dos nossos corpos. Outra atividade que teve lugar é aquela para a qual Guili tem demonstrado grande interesse nos últimos tempos: trata-se da atividade de abrir a torneira da pia e ali ficar lançando água com a ajuda de um copo, onde se encontram pincéis de molho. Guili enche e

esvazia o copo. Quer lançar água para fora da pia. Eu procuro limitar um pouco esses gestos, mas nada que possa evitar um certo alagamento da sala. Já houve sessão em que Guili tomou um desses pincéis e passou no quadro-verde que se encontra ao lado da pia. Mas ainda nesse jogo das águas, Guili repentinamente retira toda a sua roupa, o que faz solicitando o meu auxílio. Em seguida, ele faz xixi no chão e intenta entrar dentro da pia com a torneira aberta. Eu o ajudo a entrar, mas o mantenho seguro. Faço gesto de mergulhá-lo na pia, depois o retiro. Guili não se detém nessa única experiência e assim quer repetir tudo novamente.

De uma outra vez, ao encontrar com Guili e seu pai na sala de espera, o pai me comunica que Guili se encontra gripado e com febre. Ao entrar na sala, choramingando, vai direto para a cadeirinha e lá permanece sentado. Eu me aproximo, sento ao seu lado. Guili pega a minha mão e coloca no seu colo, mantendo-a segura por ele – a cena é cativante. Ele apresenta aquela irritaçõzinha de criança *dodói*, *chechelenta* e sorumbática. Está muito dengoso. Vem se achegar a mim. Eu o carrego e faço denguinho de consolo falando dengoso. Assim, passamos algum tempo até que Guili chega a deitar-se no colchonete. Eu o observo de longe, sentado na cadeira. Ali permanece choramingando e se acomodando à procura, como se quisesse se acalantar. Ao final, vem o sonhinho e, dormindo, passa boa parte da sessão.

Nessa outra oportunidade, toda a atividade que Guili realiza na sessão sugere que o corpo do terapeuta e o seu próprio corpo se mostram como dispositivo de trânsito, por onde ele parece passar para sair de um estado a outro – do enlevo prazeroso ao sofrimento incontornável. Nessas sessões, não se observa a procura intensa pelos objetos e brinquedos da sala de consulta, como ocorria no início do tratamento. Não que Guili tenha deixado de acorrer aos objetos, mas se o faz é de uma forma menos repetida, por assim dizer. O que

então passa a tomar assento são seus movimentos corporais, suas corridas, o atar e desatar no contato com o terapeuta.

Num outro dia, Guili está um pouco irritado, mas logo seu incômodo se dissipa. Antes, porém, de forma muito rápida, desfere uma mordida sobre o meu ombro quando está no meu colo. Ele encontra o ábaco que manipula por curto tempo, retém sua atenção nos indefectíveis livrinhos de história e, intercalando com outras atividades, chega a passar pelas rodinhas de um dos carrinhos, repetindo o gesto de pô-las em rotação. Contudo, nada superará o destaque de Guili para duas atividades: o manuseio da água e as corridas lancinantes que cruzam a sala em diferentes direções.

Guili aproxima-se do tanque e abre a torneira. Ele deixa a água correr, o que faz encher o tanque quase a ponto de transbordar. Eu fecho a torneira sob protesto dele. Então, ele pega um copo onde os pincéis são deixados de molho e leva até o cesto de lixo para ali derramar a água. O cesto está fechado, e para evitar que a água se espalhe por toda a sala eu o abro, de forma que a água seja depositada no saco de plástico que se encontra no cesto. Assim, Guili transporta, com o copo, a água do tanque para o cesto de lixo. Depois desiste dessa atividade e quer lançá-la ao chão. Nesse momento, eu controlo a sua mão para evitar maior molhadeira. Mesmo depois de passar a outras atividades, ele voltará a esse entretenimento sensorial predileto.

Mas o que se mostra de forma notável são as carreiras desatadas de Guili. Ele parte de um extremo ao outro da sala até se chocar com a porta, o quadro ou mesmo a parede, produzindo o barulho das suas mãos nessas partes. Eu faço o mesmo partindo no sentido contrário ao dele, até bater na outra extremidade. Guili acompanha a minha corrida com alguma atenção. Quando parto atrás dele, ele olha para trás, como se quisesse fugir do meu alcance. Depois das minhas várias fugas procurando a posição contrária a dele, ocorre



também de se aproximar de mim solicitando que eu o carregue. Algo que sugere o receio de perder ou de experimentar a minha ausência quando do meu deslocamento veloz pela sala. Quem sabe pudéssemos falar que nessa atividade, de muito interesse tanto para Guili quanto para mim mesmo, um certo jogo se esboça. Guili espera, olha, controla a minha largada. Muitas vezes me precipito para cima dele. De um lado e de outro, tantas são as vezes em que nos revezamos nesse tecer de movimentos que cobrem as distâncias de uma forma tão plástica. Eu o vejo partir, correr, agitar a cabeça, gritar. Gosto muito de ver Guili em sua explosão motora, gastando sua energia nessas ligações errantes, que fazem transbordar a sua vivacidade pelos escaninhos imponderáveis das nossas almas, emprestando a esses tópicos doses ingentes de alma renovadora da esperança.

O final da sessão ainda reserva uma surpresa de grande valor para o encontro da criança com novas possibilidades de inscrição representacional. No caso, uma modalidade de organização psíquica mais mediada. O que digo tem assento quando, ao final da sessão, convido o pai para entrar na sala, pois pretendo conversar com ele sobre a introdução de uma acompanhante terapêutica que estaria com Guili na escola e também no ambiente de casa. Iniciamos a conversa, quando então, me dirigindo a ambos, digo da importância desta modalidade de trabalho. Guili corre de um lado ao outro. Contudo, num dos momentos em que se aproxima de mim o faz colocando as duas mãos no rosto, como a esconder a face. Eu lhe digo: – tu estás com vergonha? Imediatamente o pai pergunta: – onde está o Guili? E por várias vezes Guili cobre o rosto, realizando assim, na presença do pai, um jogo de grande efeito libidinal. Ainda, na seqüência das nossas conversas, o pai relata, reiterando o comentário já feito em outra oportunidade, que nos últimos tempos Guili desperta por volta das quatro horas da manhã e vai se acomodar na cama do casal, exatamente no meio dos dois, o que, pelo espaço que toma, obriga o pai a retirar-se para outro lugar. Eu ainda lhe

pergunto: – o que será que tem de tão gostoso na cama dos teus pais? Parece-me uma conquista de repercussão retumbante descobrir que na cama dos pais há sabores inéditos que mobilizam a vida pulsional.

Nessa sessão, Guili entra na sala seguro por mim e pelo pai. Irritado, chora e bate as mãos na cabeça. Desfecha uma mordida forte na altura do meu pulso. Eu o contendo segurando as suas mãos. Guili está inconsolável. Eu me aproximo dele oferecendo o meu corpo. Ele se atraca em mim e vem para o meu colo. Mas subitamente volta sua irritação. Num desses acessos dá uma mordida muito forte pouco abaixo da minha boca. Eu expresso minha dor e digo a ele que não deveria fazer isso. Durante essa sessão não expressa muito interesse por brinquedos ou objetos da sala. Num certo intervalo da sessão começamos a correr. Agora Guili observa o jeito que eu corro. Ele me impulsiona para correr colocando a mão sobre as minhas costas. Assim, ao receber esse sinal, atravesso a sala correndo. Guili também corre. Pois bem, por um tempo ficamos nesse jogo. Guili demonstra uma expressão alegre quando cruzamos a sala nessas corridas infrenes (...). Igualmente interessante é quando coloco Guili sobre o meu ombro e atravesso a sala imitando um cavalo. Guili parece curtir essa atividade e assim passamos algum tempo.

Pela própria indicação de Guili de que essas são vias válidas, estamos juntos a repetir essas sendas, como se aí fossemos capazes de encontrar o que nem mesmo procurávamos. O corpo do terapeuta, o corpo de Guili, os objetos da sala lembram vias de trânsito por onde trafegam a energia psíquica, ora concentrada na exploração de linhas de sensação, ora empregada timidamente para contornar o outro, em um incipiente jogo libidinal. Assim, espero que na apropriação que fará depois de seu próprio corpo, encontre as pontes estruturantes favoráveis à circulação pelo campo do outro.

## CAPÍTULO 2

### ALVORADA PSÍQUICA

#### 2.1) MECANISMO DE REGULAÇÃO E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Já nos primeiros anos de desenvolvimento da psicanálise, Freud introduz conceitos que são essenciais para a abordagem do tema que se refere ao originário. Duas idéias são centrais quando nos deparamos com o problema do engendramento psíquico na sua versão a mais arcaica que possamos admitir para a nossa compreensão. A primeira dessas idéias diz respeito a um *mecanismo de regulação psíquica*, do qual nos fala Freud em textos escritos antes mesmo da virada do século, marcado pela publicação da *Interpretação dos Sonhos*. A outra idéia faz nascer, de forma muito original, uma *força endógena enraizada no corpo libidinal humano* e que tem por objetivo pressionar o psíquico à guisa de realização satisfatória.

Pois bem, procurando nos escritos de Freud indicações e elaborações que possam trazer maior luz para essas questões, passo a comentar os achados referentes à primeira das idéias acima mencionada. Para o trato do *mecanismo de regulação psíquica*, gostaria de realizar uma reflexão acerca dos primeiros ensaios de Freud voltados à *teoria da neurose de angústia*, procurando compreender prováveis articulações dessa teoria com o nascimento da vida psíquica.

Nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliss*, que datam do período de 1892 a 1899, Freud (1950/1996) realiza no *Rascunho E* uma discussão sobre a origem da angústia, no qual relaciona algumas condutas sexuais que teriam por consequência um aumento ou

acúmulo da *tensão sexual física*. Frente a uma tensão endógena ascendente, essa passa a ter *significação psíquica* quando ultrapassa certo limiar. Contudo, se por algum motivo a ação específica que poria fim a essa estimulação falta, Freud , conclui que :

*(...) a tensão físico-psíquica (o afeto sexual) aumenta desmedidamente. Torna-se uma perturbação, mas ainda não há base para sua transformação. Contudo, na neurose de angústia, essa transformação de fato ocorre, o que sugere a idéia de que, nessa neurose, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta, atinge o nível do limiar em que consegue despertar afeto psíquico, mas, por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em – angústia (p. 238).*

Aqui a tensão física não consegue ser traduzida para a esfera psíquica. Não tem sucesso a descarga pela via psíquica, o que leva à formação dos sintomas físicos da neurose de angústia – dispnéia, palpitação, etc. Para Freud, o que se passa, nesse caso, tem como equivalente a *conversão*, só que na histeria a excitação psíquica toma o rumo do somático, ao passo que na angústia é justo a impossibilidade de penetrar na esfera psíquica que mantém a energia no registro físico.

No artigo de 1895, intitulado *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*, Freud volta a reafirmar que ao aumento da excitação sexual somática corresponde um estímulo psíquico, que exigirá uma ação específica, de onde decorre a sensação voluptuosa. Contudo, se a ação específica não se realiza de maneira adequada – na relação sexual, por exemplo –, não ocorrerá a

elaboração psíquica desse acúmulo de excitação, que, assim, seguirá a via das inervações dos órgãos do corpo.

*(...) em grandes grupos de casos, a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo extremamente acentuado da libido sexual, ou desejo psíquico, de modo que, quando se diz aos pacientes que suas queixas decorrem de “satisfação insuficiente”, eles respondem regularmente que isso é impossível, pois justamente agora toda a sua necessidade sexual se extinguiu. Todas essas indicações – de que estamos diante de um acúmulo de excitação; de que a angústia, provavelmente corresponderia a essa excitação acumulada, é de origem somática, de modo que o que se está acumulando é uma excitação somática; e ainda, de que essa excitação somática de natureza sexual é acompanhada por um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais –, todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no conseqüente emprego anormal dessa excitação (Freud, 1895/1996, pp. 108-9).*

O que pretendo sublinhar desse modelo da neurose de angústia é, por assim dizer, esse mecanismo sanfonado entre *um fora* e *um dentro*, presente na descrição de Freud. Suponho que esse intercâmbio seja determinante para a constituição psíquica, e até quem sabe seja esse o modelo freudiano rudimentar do psíquico, quando ainda não podemos nos referir à arquitetura psíquica tal qual a compreenderemos mais tarde. A psique se vê invadida por excitações externas com as quais não consegue lidar, de onde decorre o *afeto de angústia*. Em contrapartida, levantam-se excitações do lado de dentro, que não sendo reguladas levam à *neurose de angústia*. Assim, afeto e neurose de angústia são produzidos

nesse trânsito entre fora e dentro, quando uma vicissitude torna o sujeito incapaz de realizar a ação específica adequada para o apaziguamento dessas excitações.

É sabido que Freud incrementou ou até mesmo chegou a desenvolver outras teorias da angústia, que divergem em alguma medida dessa primeira que privilegia *a acumulação física de excitação*. Não obstante, entendo que para o trato do funcionamento arcaico do psíquico essa teoria ainda se mostra operante. Para tanto, recupero aqui a passagem do tratamento de Guili que sugere a emergência de algo aos moldes desse *afeto de angústia*, decorrente de excitações – invasões externas –, as quais a criança, supostamente por uma certa insuficiência de conexões psíquicas, não consegue lidar ou não consegue ligar psiquicamente tal avalanche de estímulos, para o que tem relevância a transcrição do seguinte comentário: *ele está inconsolável, irritado e chora bastante. Parece imerso num sofrimento incontornável. Ele bate com as duas mãos, repetidas vezes, sobre a lateral da cabeça. Eu contenho o seu gesto. Contudo, Guili não se contém, grita e esperneia quase o tempo inteiro da sessão. Ele procura o meu corpo, abraça ou tenta algum contato. Por um lapso de tempo serena, mas em seguida afunda na angústia que não lhe permite se deter em nada* (p. 31)

*A psique é invadida pelo afeto de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (um perigo) vinda de fora; e fica presa de uma neurose de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) vinda de dentro – em outras palavras, ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora. O afeto e a neurose a ele correspondente estão firmemente inter-relacionados. O primeiro é uma reação a uma excitação exógena, e a segunda, uma reação à excitação endógena análoga. O afeto é um estado que passa rapidamente, enquanto a neurose é um estado crônico, porque, enquanto a excitação exógena age num*

*único impacto, a excitação endógena atua como uma força constante. Na neurose, o sistema nervoso reage a uma fonte de excitação que é interna, enquanto, no afeto correspondente, ele reage contra uma fonte análoga de excitação que é externa* (Freud, 1895/1996, pp. 112-3).

Quando Freud fala de uma força interna constante, adianta aqui uma característica do que será proposto posteriormente como sendo a *pulsão*. Ainda nessa linha, gostaria de introduzir algumas postulações retiradas do *Projeto para uma psicologia científica*. Nesse texto inconcluso, escrito em 1895, Freud (1950/1996) procura especular sobre a possibilidade de *representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis* (p. 347). Assim, considera a existência de uma quantidade de fluxo, denominada *Q*, cuja virtude a faz circular pelo psiquismo: excitando, deslocando, carregando, catexizando e descarregando as vias de condução neuronal. Segundo a interpretação do Editor Inglês, encontrada no *Apêndice C ao referido texto*, dois sentidos se deduzem do tratamento dado a *Q* ao longo do *Projeto*:

*A primeira consistiria na Q em fluxo, passando através de um neurônio ou indo de um neurônio a outro. Isso vem descrito de vários modos: por exemplo, “a excitação neuronal em estado fluente, “uma Q fluente”, “corrente”, ou “passagem de excitação”. A segunda, que é mais estática, é demonstrada por “um neurônio catexizado, cheio de Q”* (p. 449).

Apresento aqui um quadro sinótico do *Projeto*. Freud parece procurar, nesse ensaio, o broto do psíquico, e para tanto desce nas cotas fronteiriças à vida neurocelular. Em sua tese, ele alude à existência de duas unidades fundamentais para o funcionamento do psíquico: neurônios e quantidades *Q*. Quando estimuladas pelas vias abertas do sistema sensorial

essas correntes de  $Q$  excitam os neurônios. Contudo, seguindo a uma lei de funcionamento a que Freud deu o nome de *princípio da inércia*, esses neurônios tendem a escoar toda a carga excitatória que recebem pelas vias motoras, cumprindo assim uma função primária do sistema nervoso, que se move em favor da fuga ou cessação do estímulo. Entretanto, se o sistema funciona nesses termos para os estímulos exógenos, o mesmo já não ocorre com os estímulos nascidos no próprio somático, endógenos. Destes o organismo não pode se esquivar – nutrição, respiração, sexualidade –, como não pode o neonato superar sua condição de desamparo. Aqui deve intervir, como mencionado acima, uma *ação específica*, proveniente do mundo do outro. O resultado é que o tratamento dado a esses estímulos endógenos não acompanha em toda a sua extensão o *princípio da inércia*, do que decorre tolerar um certo acúmulo de  $Q$ ? – a quantidade equivalente à  $Q$  para o mundo interno –, até que a satisfação da necessidade possa ser atendida pela *ação específica*. Ainda assim, para Freud, *a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo empenho de ao menos manter a  $Q$ ? no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante* (p. 349). Observa, em nota, o Editor Inglês que, mais tarde, Freud passou a adotar o termo *princípio da constância*.

Já desde aqui, encontramos em Freud, concepções duais de funcionamento que depois alcançarão formulações elaboradas do aparelho psíquico em termos dos processos primário e secundário, inconsciente e consciente. Nessa etapa, o primário diz respeito à tendência de descarga do neurônio. Por sua vez, a função secundária realiza-se por neurônios que se opõem à descarga, formando barreiras no contato entre eles que resistem e mantêm a acumulação da  $Q$ ?. Assim, Freud procura diferenciar essa rede neuronal em duas categorias de células: aquelas que são permeáveis à excitação e, portanto, nada retém do fluxo que



passa por elas, mantendo o estado anterior mesmo depois da passagem da excitação; e aquelas outras que são influenciadas pela excitação, retêm o fluxo de  $Q$ ? e alteram o seu estado. Pois bem, essa especulação teórica, a qual Freud deu o nome de *Teoria das Barreiras de Contato*, encontra nesse último grupo de neurônios, influenciáveis ou impermeáveis, a formação desse substrato indispensável à vida psíquica, refiro-me à *memória*. Freud (1950/1996) conclui nos seguintes termos sua formulação:

*Assim, existem neurônios permeáveis (que não oferecem resistência e nada retêm), destinados à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e retentivos de  $Q$ ?), que são portadores da memória e, com isso, provavelmente também dos processos psíquicos em geral. Daqui por diante chamarei ao primeiro sistema de neurônios de ? e, ao segundo, de ? (p. 352).*

No célebre capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996) procura descrever a arquitetura do aparelho psíquico introduzindo um sistema diferenciador àquilo que ele supõe ser um modo de funcionamento básico dos processos psíquicos. Ou seja, o chamado *aparelho reflexo* que responde por essa tendência da atividade psíquica de escoar das vias sensoriais para as vias motoras, ressaltando a descarga como característica do processo. Mas é justo a capacidade de reter traços perceptuais que fará desse aparelho não apenas um dispositivo reflexo de cargas e descargas, se considerarmos que a função da memória entra também como um regulador do sistema.

*Em nosso aparelho psíquico, permanece um traço das percepções que incidem sobre ele. A este podemos descrever como “traços mnêmicos”, e à função que com ele se relaciona damos o nome de “memória” (...) (p. 568). É o sistema Pcpt., desprovido da capacidade de reter modificações, e, portanto,*

*sem memória, que supre nossa consciência de toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Por outro lado, nossas lembranças – sem excetuar as que estão mais profundamente gravadas em nossa psique – são inconscientes em si mesmas. Podem tornar-se conscientes, mas não há dúvida de que produzem todos os seus efeitos quando em estado inconsciente. O que descrevemos como nosso “caráter” baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes (p. 570).*

Peço licença ao leitor para realizar um desvio em favor desse dispositivo ou função transbordante de significados que é a memória. Talvez não sejamos capazes de encontrar marca mais humanizante da vida do que aquela que se realiza pelo atributo da memória. Vejam, nesse texto mesmo do *Projeto*. Freud, em seu tirocínio clínico inigualável, quer fundar uma psicologia, quer desencavar da vida nervosa do homem a matéria sobre a qual se assenta a ânima que ele fará recrudescer em maneiras, faces e estilos desenhados pela *arte* dos seus pacientes e pela história da humanidade. Assim, em sua engenharia neurônica, ele providencia uma memória celular, que vai se alterar, que vai registrar, que vai se afetar; aqui, segundo fluxo de cargas, depois por impressões, percepções, experiências, encontros, etc. Se a proposta desse estudo se volta ao originário do psíquico, talvez possamos aprender com Freud que, na especulação acerca da vida anímica mais embrionária, é a capacidade de ser marcado, de marcar-se, deixar gravado ou agravar-se com algo do encontro com o outro, o que se constitui em traço determinante na travessia que leva à constituição do sujeito.

O estudo que empreendo, por vezes, me parece envolto em cortinas de tecido pesado, como aquelas dos velhos teatros, que não se deixam assoprar pelo vento, a fim de que o

expectador do mirante mais próximo possa roubar, com a distração das suas miradas, os segredos das cenas que guardam. Por isso, me movimentando nessa penumbra, sou colhido por certas evidências ululantes, como essa que se refere à memória para a constituição da vida psíquica. Talvez não possa imaginar o leitor o quanto me surpreendi com essa constatação de que ao constituir uma memória, uma marca, um rastro alhures, resultado do encontro humano, por excelência, temos aí o dado e a data comemorativa, temos aí a efeméride de fundação do próprio sujeito.

Continuarei remetendo o leitor à obra de Freud, agora para fazer ecoar essa marca mnêmica indelével que possibilita reinscrever o ser nas fendas das suas próprias experiências, sejam elas de satisfação ou de dor. Ainda acompanhando Freud no *Projeto*, temos que tanto nas experiências de satisfação quanto nas experiências de dor ocorre um aumento do nível de  $Q?$  em  $?$ . Conquanto, no caso da satisfação, faz-se necessário, como comentado acima, que uma ação específica por parte de um outro venha ao encontro da necessidade do ser desamparado, que por si só não dispõe de recurso para interromper o estímulo endógeno que aumenta pela descarga de  $Q?$  no interior do corpo. Quando essa *ajuda alheia* se faz presente, o que se segue é a descarga da  $Q?$  acumulada no corpo por meio de dispositivos reflexos – o sugar o peito no caso do bebê –, com conseqüente eliminação do desprazer. Contudo, produz-se também a catexização da imagem mnêmica que corresponde à percepção do objeto que põe fim à excitação, sendo que por esta via se abre a oportunidade para reativação das excitações sensoriais. Portanto, Freud (1950/1996) pensa ser

*(...) provável que a imagem mnêmica do objeto será a primeira a ser afetada pela ativação do desejo.*

*Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento (pp. 371-2).*

O que se observa no cotejamento que estamos realizando entre o *Projeto* e a *Interpretação dos Sonhos* é que quando Freud, neste último texto de 1900, quer recorrer a um modelo que possa responder à *natureza psíquica dos desejos*, a fim de corroborar sua tese de que *os sonhos são realizações de desejos inconscientes*, ele volta a se referir à condição primitiva do aparelho psíquico: *Não temos nenhuma dúvida de que esse aparelho só atingiu sua perfeição atual após um longo período de desenvolvimento* (p. 594). Portanto, para o engendramento do desejo, um dispositivo e uma função se fazem necessários respectivamente: o registro mnêmico da alteração de um estado e a capacidade de reativar essa imagem mnêmica registrada. É esse aparelho que, ao se confrontar com as grandes necessidades da vida, é levado a se desenvolver, encontrando modalidades de funcionamento mais sofisticadas que aquelas expressas pela descarga dos estímulos sensoriais que incidem sobre ele.

A *experiência de satisfação*, desencadeada por estímulos que nascem no interior do próprio aparelho, constitui-se num aperfeiçoamento do aparato psíquico. Recapitulando, o bebê com fome esperneia, até que o cuidador aplaque a sua excitação com o objeto adequado. Toda essa excitação, pelo incremento da tensão (*Q?*), gera um traço mnêmico. Se a resposta que se segue à excitação é a adequada ação de nutrir, o resultado é a *vivência de satisfação*. Por igual, a esta última vivência também corresponde uma imagem mnêmica. O que se sucede a partir daí é justo o que eu referia acima como sendo um salto no sentido

da sofisticação do aparelho psíquico. Para o que vale acompanhar o próprio Freud (1900/1996) no extrato abaixo:

*Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade (pp. 594-5).*

É importante ressaltar o movimento de regressão que possibilita *recatexizar a imagem mnêmica da percepção*. Este mecanismo de regressão é comparável àquele que atua na produção onírica, tanto quanto pode ocorrer na alucinação psicótica. Freud (1900/1996) mostra que, nos sonhos, a moção pulsional que parte do inconsciente toma o caminho inverso das vias motoras do aparelho psíquico, isto é, a excitação vai ativar a extremidade sensorial, o que leva à formação das imagens do sonho. Portanto, para Freud (1900/1996), *falamos em “regressão” quando, num sonho, uma representação é retransformada na imagem sensorial de que originalmente derivou* (p. 573). Se pensarmos

no caso do neonato, lembramos que a ação que poderia suscitar uma modificação do mundo externo, caracterizando um movimento progressivo com vistas a se obter a satisfação almejada, é antecedida por um movimento regressivo, que tenta restabelecer a satisfação outrora obtida pelo investimento dos restos mnêmicos da vivência efetiva.

Mais uma vez recorro à narração das sessões com Guili para especular acerca do que proponho nos termos de uma procura por tal *identidade perceptiva*.

No período em que essa sessão acontece, Guili está movido por uma oralidade devoradora. Ele pega uma cobra de plástico e leva à boca. Com volúpia ele aperta a cabeça da cobra entre os dentes. Morde forte. Procura acertar os dentes numa pequena saliência da cabeça. Seguem-se repetidas mordeduras combinadas com puxões, enquanto a presa é mantida entre os dentes cerrados. A seqüência de objetos levados à boca é incessante, um após o outro – canetas, letras de plástico e mais insistentemente uma borracha de cor laranja, que morde com muita vontade. Contudo, toda essa seqüência é interrompida quando Guili está sentado no sofá e, como que desolado, começa a chorar de uma forma nunca antes presenciada por mim. Não se trata de um choro de protesto, seguido de atos agressivos ou rebelde. É um choro sentido, as lágrimas descem e Guili permanece imóvel. Apenas uma das mãos está levantada em direção ao meu rosto, que ele toca suavemente num gesto meigo e delicado, enquanto aquele choro miúdo vai mostrando a sua dor. Pensei se seria esse o choro de uma criança que, em sua busca infrene, não encontrou nenhum substituto ou equivalente para as marcas psíquicas originárias das quais teria se afastado ou nas quais teria se perdido. Nesse caso, a tristeza de Guili poder-se-ia entender como alvissareira, pois apontaria a tentativa de restituição do que marcou pela ausência. De tudo, Guili deixa transparecer a capacidade de se entristecer.

Também nessa sessão, Guili me parece muito mais sonoro. Acompanho e reproduzo a emissão dos seus sons (...). É notável como Guili passa a sua saliva em diferentes partes da sala e dos objetos. Quando não, controla a saliva na boca ou coloca-a na mão, para em seguida esfregá-la sobre as superfícies do chão, do vidro da porta ou até mesmo do próprio corpo. Em certa ocasião, leva a língua diretamente ao chão. Quando está diante do espelho, mais uma vez a língua desliza na superfície plana que reflete a sua imagem. Ao tempo em que realiza esta atividade, eu me situo atrás dele sentado. Quando está com o rosto colado ao espelho, por um instante quase imperceptível, parece se encontrar com a sua própria imagem ao dirigir, furtivamente, sua atenção à imagem especular dos olhos perdidos no abismo insondável daquela película refletora. Ou quem sabe possa até ter encontrado a minha imagem e percebido que eu o enlaçava com o meu olhar? Tudo isso conduzido em uma nesga de tempo.

Essas passagens se combinam com outras em que Guili vem aninhar-se junto a mim. Ele se deita sobre meu colo, às vezes, passa a mão no meu rosto, alterna as posições de encaixe junto ao meu corpo e em seguida, um tanto inopinadamente, deixa para trás toda essa coreografia, quando a vontade impõe levar à boca a borracha, a caneta, a flecha de plástico, o carimbo, ou qualquer outra peça adaptável a essa voluptuosa atividade de maceração. Toda a ação sugere a tentativa de despir os objetos das características que encerram, a fim de transferi-las, enquanto sensação, para o próprio corpo. Esse que suponho se encontrar à procura de uma *identidade perceptiva* com algo, objeto, *representação coisa*, traço ou fragmento de sensação, se não ausente, não inteiramente estabelecido enquanto marca negativa originária. Por várias vezes, durante a sessão, Guili pega minha mão de forma a me conduzir até a porta. Eu lhe digo que compreendo seu desejo de sair da sala, mas considero que o tempo da sessão ainda não se esgotou. Em

muitas dessas tentativas ele acaba por se distrair com outras coisas, inclusive vindo ao meu encontro e deitando sobre minhas pernas. Até que chega o ponto em que ele protesta violentamente com o gesto de bater com as duas mãos sobre a lateral da cabeça, dirigindo o olhar choroso e raivoso para mim. Repito seu gesto, batendo sobre minha cabeça. Guili pára e observa. Em seguida, parte para cima de mim e tenta beliscar ou apertar o meu rosto e o meu pescoço com as mãos. Algumas vezes, me defendo segurando suas mãos; noutras, mantendo certa distância dele.

Por fim, faço registrar o quão interessante tem sido constatar toda essa demarcação realizada por Guili com o fio de sua saliva, que se faz acompanhar por um certo incremento na produção sonora e na diversidade em que esses sons se apresentam. Acredito que seguindo esse fio, possamos compreender uma certa mobilidade pulsional que vai se incrementando e que pode ser cotejada em diferentes passagens desses trechos de sessão, o que sugere a passagem da antes exclusiva capacidade de conviver com suas próprias sensações prazerosas, para essa outra capacidade, igualmente distinta, de ingressar no circuito pulsional e enlaçar os objetos, que até aqui não se faz com palavra, mas com corrida, gesto, saliva, etc..

Considero que neste ponto se faz necessário introduzir o pensamento de Freud naquilo que se refere à apresentação da *realidade* para a formação e desenvolvimento do aparato psíquico. No texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, ele retoma a importância dessa primitiva modalidade de satisfação alucinatória, que vinha sendo desenvolvida desde o *Projeto* e a *Interpretação dos Sonhos* – o que procurei mostrar nos parágrafos anteriores. Só que desta feita, Freud (1911/2004) postula a existência de dois processos psíquicos dominantes: um ligado à instância inconsciente, chamado de *princípio de prazer* e o outro voltado às exigências do mundo externo e às adaptações do



ego, intitulado *princípio de realidade*. Vale ressaltar que uma certa mudança na concepção do aparelho psíquico aqui se faz notar. Nessa vertente, já não se destacam, exclusivamente, os mecanismos elementares de defesa que visam evitar as elevações da tensão interna. No comentário do Editor James Strachey, introdutório ao texto do *Projeto*, essa mudança é assinalada nos seguintes termos:

*Isso trás à baila outra grande diferença entre as teorias de Freud no Projeto e suas teorias posteriores. Aqui a ênfase está colocada exclusivamente no impacto do meio sobre o organismo e na reação do organismo ao meio. É verdade que, além dos estímulos externos, existem excitações endógenas, mas a natureza dessas excitações não é objeto de muitas considerações. As “pulsões” são apenas entidades indefinidas, que mal recebem um nome. O interesse pelas excitações endógenas se restringe, em geral, às operações “defensivas” e seus mecanismos. O mais curioso é que o que posteriormente constituiria o quase onipotente “princípio do prazer” seja aqui encarado unicamente como mecanismo de inibição (...) O que temos no projeto é uma descrição pré-id – “defensiva” – da mente. Com o reconhecimento da sexualidade infantil e a análise das pulsões sexuais, o interesse de Freud se desviou da defesa, durante cerca de vinte anos, concentrou-se extensivamente no estudo do id (Freud, 1950/1996, pp. 343-344).*

Quando Freud especula acerca da versão primitiva do aparelho psíquico, o faz ressaltando o recurso *defensivo* de um neonato que não tem como se desvencilhar da condição de desamparo em que está colocado. Aliás, a defesa, nesse então, não expressa a passividade que poderia supor. Essa é, peremptoriamente, uma ação elementar de fundação da tópica psíquica. Se por um lado, Freud procura explorar outras linhas de desenvolvimento teórico, como apontado acima por Strachey, não o faz, no meu entender,

em detrimento à concepção *defensiva*, que parece indispensável para a compreensão dessa formação psíquica remota que tento investigar. Conforme sugerido no início desse capítulo, quem sabe possa a *angústia* ser tomada como uma organização psíquica desses tempos imemoriais. Especialmente porque, adotando a posição expressa pelo modelo da angústia, melhor poderíamos descrever essa zona difusa entre *o fora* e *o dentro* do espaço psíquico. Pois ela é (a angústia) pulsão que invade sem encontrar uma rede representacional que a ampare. No modelo de Freud, não sendo nem psíquica, nem simbólica ela é pura descarga.

Seguindo o encaminhamento de Freud, chego àquilo que considero como sendo mais um desdobramento evolutivo desse aparelho defensivo do qual falava. Já no início do último texto citado, Freud (1911/2004) comenta o movimento de se apartar da realidade realizado pelo neurótico e de forma mais radical pelo psicótico. Esta observação de Freud, introdutória ao tratamento que fará dos dois modos de funcionamento psíquico, ressalta esse aspecto defensivo do sujeito, que se volta para a vida fantasiosa dominada pelo princípio do prazer. A tradução de Luiz Hanns, realizada a partir do alemão, que adoto para o caso desse artigo, alerta, numa nota do tradutor, que na expressão utilizada por Freud – *desalojar o doente da vida real, afastá-lo da realidade* (p. 65) – está implícita a dimensão semântico-conceitual de: *empurrar para longe tudo o que é insuportável, quer pertinente ao mundo externo, quer ao interno* (Freud, 1911/2004, p. 71). Esse sentido vem ao encontro do que tenho procurado destacar, a partir da leitura do texto freudiano, como sendo a ação que domina a vida psíquica antes mesmo do reconhecimento da realidade.

A hipótese do inconsciente encontra nessa função psíquica – *empurrar para longe tudo o que é insuportável* –, a possibilidade da sua confirmação. Talvez pudéssemos falar numa modalidade de funcionamento anterior mesmo ao recalque. Esse que é para Freud (1914/1996) a *pedra angular* da psicanálise, ou seja, o recalque é o conceito nodal de onde

parte toda a rede conceitual psicanalítica (p.26). Pois bem, o desdobramento evolutivo, ao qual me referi no parágrafo anterior, se mostra nas conseqüências psíquicas que advém pela entrada em cena do princípio de realidade. Nesse sentido, a realidade é tomada como uma função que reordena o jogo das forças psíquicas.

Freud (1911/2004) considera que os processos inconscientes constituem a forma mais antiga de manifestação da vida psíquica, onde se dá a hegemonia do princípio de prazer e de desprazer (Lust-Unlust) ou simplesmente princípio de prazer como ficou conhecido. Nessa forma de funcionamento, quando o repouso psíquico era rompido por alguma necessidade interna, a realização do desejo se fazia de forma alucinatória – *o pensado (o desejado) apresentava-se simplesmente de forma alucinatória* (p. 66). Assim, para Freud, o modo de funcionamento psíquico que atua no começo da vida é equivalente ao que se passa na formação dos sonhos. Nesse caso, intervém também a regressão e a alucinação. A regressão se faz das representações de palavra do pré-consciente (pensamento) às representações de coisa do inconsciente (restos mnêmicos de percepção). Do que decorre a alucinação, quando os pensamentos são convertidos em imagens pelo investimento nessas *lembranças de coisa* inconscientes. Essas lembranças, no caso do sonho, podem ser equiparadas às lembranças acionadas na experiência alucinatória de realização de desejo.

Faço aqui um apanhado de aspectos já comentados acima, com o fito de compreender a linha de argumentos de Freud (1911/2004) nesse texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Ele considera que uma organização que fosse mantida exclusivamente pelo princípio do prazer, portanto apartada da realidade, dificilmente lograria a sobrevivência. Freud supõe que o bebê, acrescido dos cuidados da mãe, quase realiza um sistema isolado, que ele formulou nos termos de um funcionamento que produz *satisfação autística*. Após as primeiras experiências sensoriais junto à mãe, o bebê, quando

privado da possibilidade de satisfação imediata, alucina a realização das suas necessidades internas. Eventualmente esta atividade prazerosa – *autística* – não tem como resultado a satisfação esperada, caso em que a elevação da tensão interna redunde em desprazer. Em ato contínuo, o bebê passa a gritar e se debater, escoando pela via motora o acúmulo de energia desprazerosa que não pode ser apaziguada pela via alucinatória. Nesse momento, ao atuar sobre a realidade, o bebê encontra uma vivência de prazer que equivale à satisfação antes alucinada. Dessa forma, Freud considera que se dá a abertura em favor da sensorialidade voltada ao mundo externo, com o conseqüente desenvolvimento das funções da consciência, tais como: a *atenção* que vai perscrutar o mundo e a *memória* que registra as atividades da consciência.

Mas Freud (1911/2004) se vale de uma metáfora muito rica para facilitar a compreensão desse trânsito entre princípio de prazer e princípio de realidade. Ele lembra os ovos dos pássaros. O filhote retira o alimento de que necessita da casca do ovo e, de fora, recebe o calor da mãe. Há um aspecto a ser considerado no sentido de que, mesmo funcionando na base do princípio de prazer, o filhote troca calor com o mundo externo, representado pela mãe. Entrementes, essa troca só ocorre na medida exata do interesse do pequeno ser. Mesmo na vivência autística, não se supõe um fechamento absoluto e, por mais precário ou insuficiente que possa parecer, um dispositivo de regulação atua nesse limite poroso da casca, que separa o ambiente externo do interno. Deve haver um dispositivo, afirma Freud (1911/2004), que seja capaz de evitar os estímulos da realidade mesmo quando o organismo está mantido pelo princípio de prazer – *esses dispositivos são somente o correlato do “recalque”, que trata os estímulos de desprazer internos como se fossem externos e os arremessa ao mundo externo* (p. 74).

A satisfação autística é assim uma modalidade de *constituição* bem vinda ao desenvolvimento mais elementar da vida. Trata-se de entender o seguinte paradoxo: para chegar a estabelecer trocas satisfatórias com o meio ambiente, o bebê necessita desenvolver a capacidade de retirar-se, de isolar-se deste mesmo meio. Essa capacidade o faz submergir em sua própria *sensorialidade alucinatória*. Mas se o ambiente materno e de cuidados responde às demandas da criança, ela será capaz de retomar o contato, inaugurando a via psíquica que permite aproximações e recuos da realidade, trânsito entre o prazer e a realidade, sem que para isso seja quebrada a unidade entre a corporeidade, a organização psíquica e o mundo exterior.

Esse recurso à satisfação autística prepara para o que será depois a atividade do pensar e a atividade do fantasiar. O fantasiar é, para Freud (1911/2004), o pensar que se ergue nos domínios do princípio do prazer, e que se mostra em sua exuberância tanto na vida das crianças quanto no *devanear* dos adultos. Toda essa atividade fantasiosa revela, para Freud, que o princípio do prazer jamais será substituído plenamente pelo princípio da realidade. Tanto mais porque, nos processos inconscientes, será esta a tendência hegemônica e determinante nas formações simbólicas do homem. Daí ser muitas vezes difícil distinguir, alerta Freud (1911/2004), entre o desejar e a realização do desejo:

*Nos processos inconscientes, a realidade do pensar torna-se equivalente à realidade exterior e o mero desejar já equivale à realização de desejo ou equipara-se até mesmo à ocorrência do evento desejado; enfim, tudo neles acontece como decorria do domínio do velho princípio do prazer. Por essa razão também é tão difícil diferenciar as fantasias inconscientes das lembranças que se tornaram inconscientes (pp. 69-70).*

Destaco ainda a idéia de Freud (1911/2004), de que ao alcançar a capacidade de conceber mentalmente, representar (*Vorstellen*), que constitui a atividade do pensar e a esfera da consciência, o aparelho psíquico passa a dispor de um dispositivo que permite suportar as elevações da tensão interna, sem que se imponha, de imediato, a descarga dos estímulos acumulados. Trata-se da capacidade de adiar até alcançar a experiência de satisfação, e que nesse âmbito do princípio de realidade se faz por deslocamentos sucessivos de cargas de investimento fixadas, como pode ser conferido no extrato a seguir:

*O pensar é, em essência, um agir por ensaios deslocando pequenas quantidades de cargas de investimento em condições em que há o menor dispêndio (remoção) delas. Para isso foi necessário uma transformação de cargas de investimento livremente deslocáveis em cargas de investimento fixadas [gebundene], o que foi alcançado por meio de uma elevação da intensidade de todo o processo de investimento de cargas. Em sua origem, o pensar era provavelmente inconsciente, ultrapassava apenas o ato de visualizar mentalmente [Vorstellen] e se dirigia só às relações entre as impressões deixadas pelo objeto. Somente adquiriu qualidades perceptíveis à consciência por meio da fixação [Bindung] a restos de palavras (p. 67).*

Até aqui tratei daquilo que mencionei acima como sendo o *mecanismo de regulação psíquica*, por entender que na gênese do psíquico essa atividade desempenha a função de gerar, desde as mais rudimentares marcas até as complexas formas de organização psíquica. Talvez não coubesse falar numa seqüência, na qual essas funções ou dispositivos vão se constituindo. Contudo, no pensamento freudiano encontramos essas versões que, como demonstrado, podem ser arranjadas da seguinte forma: numa versão elementar do aparelho psíquico é o modelo da angústia que parece dominar, cuja tendência é a descarga imediata.

Depois, esse aparelho alcança a possibilidade de produzir uma *identidade perceptiva* e, assim, reproduzindo fragmentos de sensação na ausência do objeto-sensação total, desenvolve a capacidade de repetir a experiência de satisfação. Por último, advém a função de realidade, que poderia ser cunhada também como a *função do outro*, na qual já não basta nem aliviar a tensão pela descarga motora, nem tampouco satisfaz a identidade perceptiva, portanto, reclama a necessidade de uma ação que modifique a realidade. Por fim, resalto que na atividade de satisfação autística repousa o germe do pensar.

## **2.2) PULSÃO É VIRTUDE QUE FAZ ACONTECER O SER, SEM JAMAIS SER**

Conforme introduzido no início do texto, resta tratar do outro aspecto que, ao lado do mecanismo de regulação psíquica, concorre para a geração da vida psíquica arcaica, sobre a qual me debruço pelo exame de algumas idéias centrais de Freud. A indicação de que o homem está determinado, ou melhor, torna-se indeterminado pela ação de uma força que nasce no interior do próprio homem e o impele ao encontro do seu destino, parece inaugurar mais uma vertente original do pensamento de Freud. Trata-se da confecção do conceito de *pulsão*, essa força que se extravasa pressionando até a abertura das veias da condução psíquica, que são as rotas da sua realização. Veias errantes, de linhas insondáveis e criativas, que nessa apresentação, já não lembram mais o sangue a correr segundo ritmos biológicos demonstráveis e previsíveis, pois, nessa versão, abrem-se à ininterrupta pulsação que leva à formação das tramas da vida psíquica representacional do homem. Transcrevo, para maior clareza, a definição de Freud (1905/1996) encontrada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* :

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (p. 159).

Um dos aspectos da definição de Freud, que mais chama atenção, refere-se à hipótese de que a pulsão, *em si mesma, não possui qualidade alguma*. Mas, por ser uma força ininterrupta pressiona o psíquico, põe em movimento o psíquico, faz trabalhar. Sem que, para tanto, se faça necessária sua materialização, redução a um objeto, precisão de um local. A pulsão é virtude que faz acontecer *o ser*, sem jamais ser.

A concepção freudiana do aparelho psíquico tem sua base na representação psíquica. Por outro lado, alguns conceitos de Freud, tais como *pulsão e Lust*, tentam dar conta dessa dimensão intermediária entre o representável e o irrepresentável.

Com o conceito de *pulsão*, que passa a utilizar de forma mais sistemática a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) concebe uma força constante que nasce das excitações internas ao corpo próprio do sujeito (zonas erógenas), e que pressiona a fim de obter a sua satisfação. Mas a pulsão, para alcançar a sua satisfação, faz marcas no psíquico, ou melhor, deve se inscrever no psíquico através dos seus



representantes. Essa representação, não diz respeito àquela usada no sentido da Filosofia. Aqui ela faz a função de uma *procuradora* que no registro psíquico defende os interesses da pulsão. Outrossim, pela pressão que exerce, como já afirmado acima, ela traz a exigência de um trabalho para realizar a passagem do registro somático ao psíquico.

*Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo* (Freud, 1915/2004, p. 148).

Nessa conhecida passagem, do texto *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud (1915/2004) considera a pulsão como o próprio representante psíquico de um estímulo provindo do corpo. Mas, em outras acepções, o termo pulsão designa o estímulo constante, que tem sua fonte no corpo e para alcançar a sua realização, conforme já referido acima, pressiona o psíquico e exige dele uma carga de trabalho que produza a sua satisfação. Seja numa acepção ou em outra, o que parece estabelecido é que a pulsão liga o corpo ao psíquico, de forma tal que a toda pulsão corresponde um representante no psíquico.

Mostra ainda Birman (1992), que o psiquismo se constitui como mediador para a descarga pretendida, estabelecendo circuitos variados com vistas à satisfação das moções pulsionais.

*(...) existe um abismo entre os registros da pulsão como força e como representação. A passagem de um registro para o outro exige um “trabalho” de simbolização, para que a transposição se realize* (Birman, 1992, pp. 7-8).

Com efeito, se por um lado a pulsão está impedida de realizar sua descarga imediatamente, o que impõe recorrer a caminhos substitutivos, criando diferentes vias e operações psíquicas até os objetos de satisfação, por outro, é a efetividade dessa restrição que inscreve o sujeito no universo da cultura.

Neste ponto, se faz necessária a ligação com a *experiência trágica* da loucura postulada por Foucault. Se retornarmos ao que foi dito acima, lembraremos que, para Foucault, essa dimensão foi mutilada na história da razão do mundo ocidental. Ainda, de acordo com suas indicações, Freud teria sido um dos pensadores a restituir essa expressão da humanidade em sua cosmovisão. Pois bem, quando concebe um homem revestido por um corpo pulsional que investe contra a cultura e se traumatiza, dando origem a um aparelho psíquico cindido e conflituoso, que nasce no seio dessa antinomia, trata-se da dimensão da *tragicidade* içada à condição de marca indelével do homem. Contudo, se quisermos aprofundar essa dimensão dramática da vida pulsional, quem sabe pudéssemos cogitar a hipótese de acontecer da pulsão estar representada no psíquico, mas nem sempre ser representável. Essas dificuldades foram percebidas por Freud quando, em diferentes momentos de sua obra, buscava clarificar essa construção tão complexa e central de sua metapsicologia, e que para o estudo que pretendo empreender se reveste com igual importância. Assim é que, já numa fase avançada de sua obra, considera a questão nos seguintes termos:

*A teoria dos instintos é, por assim dizer nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não*

*podemos despezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente* (Freud, 1933/1996, p. 98).

O Professor Francisco Martins ressalta, em seu livro *Psicopathologia I: prolegômenos*, a danação humana envolta na força, na organização, na disposição que move o sujeito ao encontro de certos sentidos que o fazem descrever percursos insólitos, às vezes, radicais, tantos outros, bem sucedidos, mas essencialmente, que trazem o traço indelével de uma memória para a qual estamos sempre despreparados e surpresos com o seu desenrolar. É parte do seu trabalho realizar o que considera o alargamento do campo *pathico*, esse que se reduziu com a hegemonia de um único sentido, isto é, aquele que se refere à doença. Ele mostra como o *pathos*, tomado como *disposição afetiva fundamental*, está na base do filosofar desde os gregos. Noção que foi restituída por Freud em toda a saga do conhecimento que inaugurou, marcada pela posição de *espanto* desse desbravador frente aos achados nos quais tropeçava.

*Se a questão do destino possui um ar finalista, tem de ser movida por algo, no caso o pulsional (biopsíquico), que não deixaria de ser identificado com a (dis)posição fundamental do sujeito. Um passo pode ser dado ao se pensar em destino (Shicksal) do ponto de vista freudiano e de Heidegger. A disposição é permeada e contém ao mesmo tempo o conceito de pulsão. Dessa forma, o homem é jogado, tomado por indo em direção ao destino de estar de uma determinada maneira no mundo. Em termos heideggerianos, isso faz parte da característica existencial do Ser, nomeada por Heidegger como *Befindlichkeit*. O termo alemão indica tratar-se da disposição em que nos achamos, abertos à totalidade do mundo e afetados por aquilo que aí encontramos de propício, de ameaçador, de temeroso, de potente, de belo* (Martins, 2005, p. 40).

Cabe amplificar essa dimensão da abertura para o mundo e da afetação que esta suscita. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) estabelece, em certa altura do texto, uma discussão sobre as aberrações sexuais – abuso sexual contra crianças, cópula com animais, etc. –, isso para constatar a ampla variação do objeto da pulsão sexual. Mostra, como resultado, que *a índole e o valor do objeto sexual passam para segundo plano. O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa* (p. 141). Nesse ponto, abre o autor uma nota de rodapé, que, à primeira vista, suponho quase desprezível, para comentar diferenças, no desenrolar da civilização, na adesão do homem à pulsão sexual e ao objeto sexual.

*A diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa decerto reside em que os antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto* (Freud, 1905/1996, p.141).

Ainda que esse comentário de Freud possa conter algo de enigmático, não deixa de suscitar interessantes associações com as questões que estão sendo tratadas aqui. Se tomarmos a problemática autista – que se apresenta aos moldes de um paradigma da constituição psíquica – veremos que em muitos casos a criança cola as suas vivências de satisfação à mobilização pulsional. É no fruir incessante dessa força que ela (a criança) encontra o oásis tranquilizador para as angústias ameaçadoras do mundo externo.

Na clínica com a criança autista cabe, por vezes, diferenciar certos estados da criança no contato com o mundo. Essa conduta, que implica a compreensão de uma gradação do devir da criança e das suas defesas, acaba por fazer soçobrar o autismo como unidade nosográfica bem delimitada. Em vez de consultar o manual prático do autismo, prefiro seguir o critério trazido à luz por Freud na discussão do conceito de pulsão. Para tanto, examinarei o extrato de um caso clínico que se reveste de interesse, nesse ponto em que Freud afirma que *alguma outra coisa* pode ter fundamento no tramite da pulsão, que não se situe exatamente no objeto que ela visa.

Num tratamento de irmãos gêmeos diagnosticados autistas, que conduzi, por um período, em co-terapia com a Prof<sup>a</sup> Maria Izabel Tafuri, encontro certas posições, assumidas pelas crianças, que sugerem modos autísticos de estar no mundo bastante diferenciados, os quais passo a comentar.

Os irmãos de 8 anos, Vitório e Vivaldi, quando mais novos, viviam com os pais na cidade do Cairo, onde receberam atenção pedagógica de uma professora particular e da própria mãe. Desse tempo, a mãe exhibe os cadernos com a produção dos meninos. Uma distância, contudo, expressa um desencontro entre eles. Mesmo quando estão lado a lado, quase nunca emendam a animação de bonecos, carrinhos, pistas e, assim, toda essa vida plástica das brincadeiras, de um e de outro, não chega a se interpenetrar transportando sentidos de uma cena a outra.

Os pequenos revelam uma sensibilidade viva nas transações que realizam entre o mundo dos objetos e das pessoas, quero dizer que eles não trazem, a exemplo do que observou Melanie Klein (1930/1996), no tratamento do caso Dick, a indiferença e os movimentos descoordenados, que lhe sugeriram que a presença dela não podia ser distinguida dos móveis do consultório. Vitório, por exemplo, desfruta de uma grande

capacidade de concentração, envolto na qual desempenha com rara habilidade toda a sua arte para edificar, com peças de plástico de um jogo de montar, construções de elevados e viadutos, suspensos em pilastras igualmente confeccionadas com esmero e precisão. Quase nunca, nas sessões, faz uso da linguagem falada. Eventualmente, faz contato com o olhar e, vez por outra, provocado por alguma atitude ou gesto dos terapeutas ou do próprio irmão, desabrocha um largo sorriso, que parece encerrar as delícias de mais uma de suas construções edificantes. Ele circula com atenção pela sala, colhe o detalhe das formas, examina detidamente, como que a espreita para estabelecer mais um enlace criativo com os objetos. O que sugere, para nós, que esses objetos são apenas a sucessão de estímulos a serem ordenados e dirigidos por uma moção pulsional, que se impõe e se dispõe para a ligação excessiva que não pode cessar nem faltar, mas que se faz a despeito dos próprios objetos que ela busca.

Quero supor que, no caso de Vitório, uma certa epifania da pulsão sexual nele se opera. Se em Vitório se manifesta o ensimesmamento autístico característico desses quadros, trata-se de supor uma exaltação *da atividade pulsional em si*, em detrimento às qualidades dos objetos. Essa posição parece favorecer as expressões criativas, que ele põe em prática com gestos inadiáveis, como se aquilo que resultasse das ações que desencadeia fosse uma figuração secundária, em face de uma força incessante que, em si é capaz de produzir sentidos para si mesmo, mesmo que, distantes, eles possam estar das formações simbólicas.

Diferentemente, seu irmão Vivaldi corre pela sala, tem particular interesse em gritar e emitir sons. Quando convidado a ler os cadernos trazidos pela mãe o faz, ainda que de forma tímida. Move os carrinhos numa pista pré-montada. Quando o irmão se afasta adota, às vezes, os viadutos erguidos por ele, e nessas pistas realiza a circulação dos seus carros.

Vivaldi não lembra em nada a concentração do irmão. Mas sua preferência torna-se explícita quando se coloca a oportunidade de imitar, com gestos ou emitindo sons, às vezes com gritos mesmo, um comportamento do terapeuta. Se estimulado, quando entra nesse jogo de imitações permanece por algum tempo.

Algo em Vivaldi sugere que ele não se detém no fluxo da atividade pulsional, o que o torna menos apaziguado e mais dependente dos fluxos do mundo externo. Daí a circulação que o faz passar de um objeto a outro, sem privilegiar as ligações e construções que possam se estabelecer.

Entendo que toda essa especulação deva ser relativizada, mas não deixa de ter interesse o esforço de estabelecer um contraste na forma como essas duas crianças parecem existir em suas vivências autísticas. Estimulado pela nota de Freud, considero pertinente a impressão de que, uma das crianças encontra a oportunidade de seu ensimesmamento no atributo do objeto, enquanto a outra o faz pelo atrelamento à virtude da pulsão.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) apresenta, de forma mais sistematizada, as suas convicções e os seus achados clínicos que corroboram as manifestações da sexualidade infantil. Como *modelo* dessas manifestações, traz o exemplo da atividade de *chuchar* (sugar com leite) do bebê, que ele descreve com os seguintes detalhes:

*Consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. Uma pulsão preênsil surgida ao mesmo tempo pode manifestar-se através de puxadas rítmicas simultâneas do lóbulo da orelha e apoderar-se de*

*uma parte de outra pessoa (em geral, a orelha) para o mesmo fim. O sugar com deleite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação (p. 169).*

Trata-se, no meu entender, de uma das mais belas descrições, já realizadas, da vida sensível dos bebês. Nela estão contidos todos os elementos que se desdobrarão em conceitos, em torno dos quais se estriba a hipótese central de instalação da pulsão sexual. A repetição rítmica, sem fins nutritivos, que se estende pelas peças, dobras e mucosas do corpo erógeno, e até pode avançar para o corpo contíguo, a um só tempo indistinto e alheio, integra a ação de estabelecer uma geografia sensual, contínua em seus diferentes relevos, na qual se ergue a narcotizante e densa vegetação do prazer sensual. Talvez não seja possível uma aproximação mais estreita dessa conjunção de sutilezas, do que essa narrativa, quase ficcional, oferecida por Freud.

A exatidão de gestos repetidos e sincronizados nos permite falar de um conluio que conspira a favor da instalação da pulsação psíquica. Porque desenhada em linhas tão espantosamente harmônicas e sublimes, não encontra inteligência imediata, quiçá nem tardia, na vida sobressaltada dos nossos dias. Quem sabe, a redução da nossa capacidade de se alimentar nessa fonte geradora de vibração sensória e sensual, voltada ao corpo, sem se deixar consumir ou fixar – circular talvez –, justifique a observação do Mestre quanto ao descaso que reservamos à atividade pulsional, em favor da tentativa de se emancipar (do corpo?) pela fascinação voltada ao objeto. São referências de Freud à dimensão pulsional



irredutível, ainda que possa estar empanada na contemporaneidade pela acumulação e *mais-valia*, excedentes que esvaziam o corpo erógeno e as expressões criativas da humanidade.

É notável, em Freud, essa fabulosa exaltação da vida interior do homem. E a concepção de uma força constante a que deu o nome de pulsão (*Trieb*), da qual o sujeito não tem como se desembaraçar. Freud (1915/2004) mostra em *Pulsões e destinos da pulsão* a distinção entre o estímulo (*Reiz*) e a pulsão (*Trieb*). O primeiro se caracteriza por partir do mundo externo até alcançar os órgãos do sentido, causa impacto e leva o organismo a responder com uma ação motora, que pode ser a própria fuga do estímulo. Já no caso da pulsão não há fuga possível, pois se trata de uma força interna que pressiona e não cessa, por isso, promotora dos destinos humanos como comentei acima. Se retomarmos o exemplo do *chuchar*, veremos que o pequeno ser é convocado por uma *necessidade*, que impele e brota do interior do organismo. Então, já não parece suficiente uma ação muscular, reflexa ou prevista no repertório de ações, para afastar a excitação e o incômodo. Há que se realizar uma ponte para a satisfação. E é nessa ponte, nesse trânsito que se situa a mais tenra idiosincrasia humana – pois aqui o sujeito faz a sua aparição ao se precipitar sobre o organismo. Reúno aqui dois extratos que me parecem fundamentar, tanto esses comentários, quanto os que virão em prosseguimento ao texto:

*No esforço de rastrear as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual nasce (a) como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, (b) pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e (c) como expressão de algumas “pulsões” que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade (Freud, 1905/1996, p. 189).*

*A pulsão, ao contrário, nunca age como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo “necessidade” [Bedürfnis], e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos “satisfação” [Befriedigung]. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos (Freud, 1915/2004, p. 146).*

Agora, penso que seria esclarecedor tomar a atividade descrita por Freud (1905) do *chuchar* e examiná-la em relação aos atributos que caracterizam a pulsão, formulados por Freud (1915/2004) em *Pulsões e destinos da pulsão*, com os seguintes termos: pressão (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

Com o termo *pressão*, Freud quer imprimir o sentido de uma força que põe em movimento, aciona, arrasta e exige a realização de um trabalho. Para tanto, faz-se a necessidade de um deslocamento. A atividade de chuchar impõe um deslocamento do bebê que mobiliza músculos, excita mucosas e sensibiliza o invólucro corporal. Mas a mobilização de todo esse aparato, por si só, ainda não parece suficiente. Deve haver uma *arte ou artimanha* para se chegar ao *prazer do órgão*. São chupadas rítmicas e repetitivas, que se deslocam e se abrem em diferentes linhas, como a estabelecer uma rede de pulsação que favorece a circulação, coordena e dirige a pressão – *alteração direcionada e específica*, diz Freud acima. Se os lábios ou a língua estão sendo sugados, em fina sincronia seguem-se puxadas rítmicas do lóbulo da orelha, o que pode incluir também, com a outra mão, a apreensão de uma mecha dos cabelos da mãe – o que já tive oportunidade de observar. Se agora, por esse exercício de imaginação, contemplarmos o resultado plástico do *trabalho* do nosso bebê, não resta a menor dúvida de estarmos diante de uma composição original e

inédita, sinfônica numa última expressão (...). A pressão pulsional exige um trabalho de composição criativa que é, nesse tempo remoto, a insofismável apresentação da vida psíquica sensória do nosso bebê.

Afirma Freud (1915/2004), peremptoriamente: *a meta de uma pulsão é sempre a satisfação* (p. 148). Sim, mas que caminho adotar para se chegar ao apaziguamento da fonte pulsional de estimulação, que quando alcançado se reveste em satisfação? Pois bem, talvez seja esse o aspecto mais intrigante da atividade pulsional. Se voltarmos ao exemplo do bebê, trazido por Freud, resta perguntar o que teria levado nosso protagonista a escolher tal caminho para a exibição de sua satisfação. Sabemos por Freud, e já o dissemos em linhas acima, que a experiência ao seio da mãe tem destacado valor na impressão mnêmica da vivência de satisfação, pois, nessa função vital de alimentação, a sexualidade se *apóia*. Mas o *texto ou a textura* que resta gravada não é a do seio como objeto total. Pois, conforme ensina a Prof<sup>a</sup>. Maria Izabel Tafuri (2003), é a repetitividade do *objeto*-seio dentro de uma certa ritmicidade que constitui a memória. De tal sorte, a cena do chuchar, descrita por Freud, é uma atividade também *(co)memorativa*, que faz *rememorar* para o bebê e para os que estão encarregados de seus cuidados, que resta naquela vida indeterminada e frágil, o desejo de refazer por caminhos absolutamente inovadores, as rotas nostálgicas de uma satisfação. Satisfação que, se por um lado, é a repetição de ritmos e movimentos, por outro, e a rigor, não se repetirá jamais, em todas as seqüências incessantes que advirão, pois toda satisfação é, por excelência, uma satisfação inexoravelmente perdida.

Para o caso do *objeto* da pulsão, Freud (1915/2004) mostra que não existe uma dependência ou relação estreita entre a pulsão e o objeto. Cabe aqui uma certa digressão, para chegarmos a pensar como uma determinada zona do corpo passa a ser *contingente* e propícia à satisfação exigida. No caso paradigmático em foco, o chuchar acabou por se

realizar sobre uma zona que, numa experiência anterior, serviu a uma função não sexual e vital para a manutenção do organismo, sendo essa a *teoria do apóio* em Freud (1905/1996):

*A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem a preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (p. 171).*

Ainda que Freud (1905/1996) considere que nesse tempo a criança está enredada na satisfação auto-erótica, o que supõe tomar a superfície da pele, as mucosas, os órgãos como *objeto* (parcial, não total, fragmentário), suponho viável dizer que desde o início o sujeito não está pré-determinado para as escolhas objetais. A passagem do leite não é uma meta pulsional, mas faz brotar a *sensação prazerosa* na mucosa da boca. Isto é, não parece haver qualquer sentido teleológico nesse processo. Freud (1905/1996), mais à frente, ainda acrescenta:

*Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa. A criança chuchadora perscruta seu corpo para sugar alguma parte dele, que depois, por hábito, torna-se a preferida; quando*

*tropeça casualmente numa das partes predestinadas (os mamilos, a genitália), esta decerto retém a preferência (p.173).*

Vale destacar, observação de Freud, que é *a qualidade do estímulo* que tem maior determinação na *produção da sensação prazerosa*. Aqui, se introduz o último termo que caracteriza a pulsão sexual: a *fonte*. Quer dizer, a *fonte*, onde se origina a excitação, tem nesse tempo remotíssimo da vida uma determinação sobeja para a instalação da pulsão sexual. Muito maior, me parece, que a eleição do objeto, que, nessa época, se apresenta difuso e esmaecido. Mas, talvez, seja mesmo essa a feição do objeto em psicanálise, que a todo tempo pode ser substituído pelo deslizamento pulsional. Arriscaria mesmo dizer que, quando as suas linhas se tornam bem definidas, temos aquilo que Freud denomina como sendo a aderência entre a pulsão e o objeto – fixação. Caso que sinaliza para dificuldades no desenvolvimento libidinal.

*Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em conseqüência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (Freud, 1905/1996, p.140).*

Tem interesse relevante, para o estudo que realizo, a cogitação de Freud de que *a origem da pulsão sexual não está vinculada ao objeto*. É bem verdade que estamos falando

de um tempo muito inicial da atividade sexual, esse que se refere ao, assim cunhado por Freud (1905/1996), *prazer de órgão*. Aqui, as definições parecem muito próximas umas das outras, é o que terei oportunidade de mostrar ao apresentar a distinção entre o fluir da *tensão prazerosa* e o sentido *disposicional* da pulsão sexual (Hanns, 1999, p. 58), diferença essa que tratarei logo à frente. Antes, porém, restam algumas considerações que gostaria de acrescentar, referentes a essa cena modelo dos primórdios da sexualidade, que trago para esse estudo como sendo o exemplo maior de Freud. Desta feita, vista, nas sutilezas que apresenta, pela ótica de Laplanche (1985). Para ele, sem se afastar de Freud, *a pulsão se apóia no instinto*, se se admite como instinto essa função de conservação da vida. Assim é que um paralelismo pode ser descrito entre um e outro (instinto e pulsão), inclusive em relação a esses fatores que podem, por igual, caracterizar o instinto impresso no estado de fome, por exemplo: acúmulo de tensão (pela pressão), sistema digestivo (a fonte), leite (o objeto) e sucção (a meta).

*Ora, o ponto crucial da questão é que, ao mesmo tempo que esse funcionamento alimentar se satisfaz com o alimento, começa a aparecer um processo sexual. Paralelamente à alimentação, há excitação dos lábios e da língua pelo mamilo e pelo fluxo de leite morno. Essa excitação é calcada na função, a tal ponto que, entre os dois, mal se percebe, de início, uma diferença. O objeto? Parece ser fornecido a nível da função. Pode-se ainda dizer que é o leite? Pode-se dizer que já é o seio? E a fonte? Ela também é determinada pela alimentação, já que os lábios fazem igualmente parte do sistema digestivo. O alvo, também ele, está muito próximo do alvo alimentar. Em suma, objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos numa proposição bem simples que permite descrever o que se passa: “isso entra pela boca”. “Isso”, é o objeto; “entra” é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um “entrar”; “pela boca”: quanto ao nível da fonte,*

*encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar* (Laplanche, 1985, p.25).

Mas, o momento crucial da narração de Freud, no exemplo do chuchar, está nessa passagem que, para Laplanche (1985), vai da *sucção* ao *chupar* (*em francês: “suçotement”*) (p. 26). É a possibilidade de realizar essa passagem que inscreve o pequenino ser na vida psíquica. Como anunciei, no parágrafo anterior, aqui também reside uma distinção que tem grande interesse para as questões relativas à vivência autística e a função do psíquico. Quem sabe por esse viés, da vivência de satisfação autística, seja possível promover a confluência entre os dois aspectos que busquei desenvolver nesse capítulo: o mecanismo de regulação psíquica e a pulsão sexual.

Nas primeiras linhas dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) alerta para a dificuldade de encontrar uma palavra que pudesse significar, no caso da pulsão sexual, aquilo que a palavra fome representa para a pulsão de nutrição. O termo escolhido por Freud – *Lust* – abre, pelo menos, duas vertentes de significação, as quais gostaria de seguir valendo-me da interpretação semântica de Luiz Hanns. Assim, objetiva Freud, já no começo desse texto psicanalítico princeps da sexualidade humana:

*Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido”<sup>2</sup>* (p. 128).

Nesse ponto, Freud acrescenta uma nota de rodapé com a seguinte consideração:

*Lamentavelmente, a única palavra adequada na língua alemã “Lust” [“prazer”, “desejo”], é ambígua e designa tanto a sensação de necessidade quanto a da satisfação (p. 128).*

Um dos problemas sobre os quais se debruça Freud, nesse texto dos *Três ensaios*, é o de procurar entender como se dão as transformações da vida sexual, expressas nos jogos de prazer/desprazer, desde as atividades mais remotas de um bebê ao chuchar até a conformação genital da sexualidade, observada na puberdade e depois *consolidada* na vida adulta. Assim, Freud se depara com o problema de que a excitação sexual repercute no aparato anímico por uma elevação da tensão sexual, e, como vimos, ao tratar do mecanismo de regulação psíquica, toda elevação da tensão supõe o desprazer. Freud também observa que há um inequívoco prazer em toda excitação sexual que prepara para o ato sexual. Conflito que ele formula nos seguintes termos: *Como, então, relacionar essa tensão desprazerosa com esse sentimento de prazer?* (p.198).

Ora, Freud vai considerar que a estimulação das zonas erógenas, assim como todas as preliminares que excitam e preparam para o ato sexual, têm por efeito um incremento da tensão sexual que, mantida até o ponto de promover e preparar o aparato genital para a consumação do ato sexual, faz nascer e conserva a sensação prazerosa. De tal modo, o *pré-prazer*, assim chamado por Freud, é capaz de encobrir, até certo limite, o desprazer oriundo da estimulação por acumulação de secreções sexuais. Mas se, em algum outro ponto qualquer, o prazer posterior não se realiza, isto é, o prazer de descarga, essa excitação se converte em desprazer.

*Não me parece injustificável fixar através de uma denominação essa diferença de natureza entre o prazer advindo da excitação das zonas erógenas*



*e o que é produzido pela expulsão das substâncias sexuais. O primeiro pode ser convenientemente designado de pré-prazer, em oposição ao prazer final ou prazer de satisfação da atividade sexual. O pré-prazer, portanto, é o mesmo que já pudera ser produzido, embora em menor escala, pela pulsão sexual infantil; o prazer final é novo e, portanto, provavelmente está ligado a condições que só surgem na puberdade. A fórmula para a nova função das zonas erógenas tem, assim, o seguinte teor: elas são empregadas para possibilitar, por meio do pré-prazer delas extraído, como na infância, a produção do prazer maior da satisfação (Freud, 1905, p. 199).*

O termo *Lust*, empregado por Freud, contém essas duas concepções de prazer. Como menciona a nota transcrita acima, nele está presente tanto a *sensação de necessidade quanto a de satisfação*. Portanto, Freud utiliza esse termo tanto para se referir ao brotar da excitação quanto para indicar o movimento que busca a satisfação. *Lust* está presente quando se observa o chuchar dos bebês (*Ludeln ou Lutschen*), da mesma forma em que comparece no movimento pulsional de enlaçar um objeto. Suponho ainda, que passar de uma modalidade de prazer à outra impõe fazer recurso ao mecanismo de regulação psíquica que quando falho ou insuficiente faz o aparelho psíquico resvalar para o desprazer ou perturba a constituição dessas dimensões indicadas pelo termo *Lust*. Essa distinção, aparentemente anódina, reveste-se de importância quando consideramos a posição autística, especialmente no sentido que lhe confere Thomas Ogden (1986), no qual encontramos a formulação da posição autística-contígua, anterior aquelas introduzidas por Melanie Klein, que se constitui pelas superfícies sensórias em contato, que segundo certa ritmicidade resultam num senso de Eu plasmado por sons, cheiros, gestos, toques, fragmentos do encontro com o outro. Isso é o que, no dizer de Ogden, leva àquilo que considera: *o sentimento de um lugar onde se vive*. Esse lugar onde se vive, mantido pela fruição sensória

irrepresentável, pode ser considerado como anterior ao próprio auto-erotismo, quando o corpo é o próprio lugar dos objetos parciais que se dispõem para a realização da satisfação almejada.

Freud (1905/1996) reitera, em outro comentário de rodapé dos *Três ensaios*, a convivência de dois sentidos contidos no termo *Lust*:

*É sumamente instrutivo que a língua alemã, no uso da palavra “Lust”, leve em conta o mencionado papel das excitações sexuais preparatórias, que ao mesmo tempo proporcionam uma cota de satisfação e contribuem para a tensão sexual. “Lust” tem um duplo sentido e designa tanto a sensação de tensão sexual (“Ich habe Lust” = “eu gostaria”, “sinto ímpeto de”) quanto o sentimento de satisfação (p.201).*

Luiz Hanns (1999), no estudo que realiza da teoria pulsional de Freud, examina, à luz de critérios teórico-semânticos, as aplicações e usos de Freud do termo *Lust*. Para ele, o termo se encontra em muitas das principais elaborações freudianas – princípio de prazer (*Lustprinzip*), prazer de órgão (*Organlust*), eu-prazer (*Lustich*), etc. Para falar das duas vertentes de que trata Freud ele propõe as palavras *desejo e prazer*.

*(...) Entretanto, não se trata exatamente de “desejo” e “prazer” nos sentidos habituais destas palavras em português. Pode-se descrever este “desejo” contido em Lust como “vontade”, “disposição”, “apetite”, “pique”. O conteúdo de “prazer” do termo Lust pode ser descrito como “tensão prazerosa”, “formigamento”. Nesta segunda acepção (tensão prazerosa, formigamento), a palavra Lust enfatiza a sensação prazerosa extraída da atividade de um órgão ou zona do corpo, visa a atividade e não o objeto.*

*Refere-se ao processo no seu nascedouro, quando a sensação prazerosa brota ao nível do corpo, antes ainda da fruição plena do prazer e do gozo.*

*A Lust permanece ambígua na fronteira entre a disposição (vontade), o “prazer antecipatório” e as sensações que começam a brotar. Neste sentido, a palavra “tesão”, cujo uso na gíria em português também não é só sexual (por exemplo, o trabalho não me dá mais tesão), pode expressar algo equivalente à Lust, na medida em que descreve este brotar de sensações de prazer e disposição para obter mais prazer mesclando vontade, desejo e pré-prazer (p. 58).*

Seguindo as indicações de Freud já citadas, Luiz Hanns considera que tomando o sentido *disposicional e impelente de Lust*, esse passa a ser quase um equivalente da palavra *Trieb* (Pulsão). Porém, distingue-se de *Trieb* quando a ênfase recai sobre o significado de *sensação prazerosa*. Nesse caso, estamos mais próximos daquilo que Freud considera como sendo o *pré-prazer*. Não se supõe uma apoteose do gozo que se faça pela descarga, mas o brotar de estímulos sensórios intransitivos do corpo erógeno, chamado por Freud de *prazer de órgão*. Conforme lembra Hanns (1999), trata-se de um prazer tão imediato que *não exige grande elaboração de representações* (p. 65).

Se voltarmos àquilo que apresentei em termos da satisfação autística, poderemos inscrever a *satisfação alucinatória do desejo* como uma típica experiência de *Lust*, na sua versão de sensação prazerosa. Entretanto, questões de valor metapsicológico podem ser suscitadas: Poderíamos especular acerca de vivências de satisfação anteriores mesmo ao auto-erotismo? E por igual, constituidoras do psíquico? Ainda que pertencentes ao universo das sensações e situadas fora do campo das representações?

Volto à clínica do pequeno Guili para me reportar a essa satisfação que, conforme mencionado na primeira parte desse capítulo, é a própria satisfação autística imersa na *sensorialidade alucinatória*.

Ao final de uma sessão, realizamos um jogo muito interessante. Estando eu sentado, Guili procura meu colo, achegando-se por entre as minhas pernas. Eu o coloco em meu colo e ele permanece de costas para mim. Começo a realizar um balanço, no qual movimento suas costas para frente e para trás. Esse balanço é acompanhado por um denguinto que realizo com meu rosto nas suas costas. Guili sorri e parece curtir muito essa atividade. Começamos, eu e ele, a realizar alternâncias nessa seqüência, de forma que realizo o carinho em suas costas e espero que ele inicie o balanceio, o que faz seguindo um certo ritmo entre nós.

Numa outra variação dessa mesma modalidade de experiência descobri, quase que por acaso, uma atividade de efeito tranqüilizador para Guili. Em momentos de grande agitação incontida, lanço mão da seguinte estratégia: eu o posiciono de costas para mim e passo a pressionar com minha boca sobre os seus braços, pescoço e toda parte superior do corpo. O que faço simula uma mordida. Guili se concentra nessa atividade tal qual em êxtase, seus olhos quase chegam a revirar, como se estivesse envolto num grande prazer. Ele oferece os braços para que eu continue nessa atividade e, assim, por esse tempo, parece encontrar uma satisfação apaziguadora. Em verdade, essa atividade foi deduzida da ação de morder de Guili e da sua iniciativa de introduzir sua mão na minha boca, o que eu acabava por repetir em relação à boca dele.

A satisfação – *Lust* – que o bebê encontra na amamentação ou no *chuchar*, e que Guili, por seu turno, retoma na sua adesão, às vezes repetitiva, aos objetos em movimento, às vezes inédita, nesses encontros corporais, ressalta a capacidade e necessidade de

integração e ritmo dessas sensações quando a satisfação começa a se esboçar nessas composições criativas.

Contudo, essas vivências *de balanceio e de pressão sobre o corpo* revelam, na leitura que faço, experiências um tanto quanto distintas, sutis, daquelas outras, nas quais Guili está concentrado na atividade exclusiva de girar as rodas de um caminhão; ou então, de realizar aquela composição estética, tal qual relatada no capítulo *Conto Clínico*, modulada pela integração das sensações de um circulador em rotação manual e de um livrinho com um boneco dentro, aderindo todo esse conjunto à face de seu próprio rosto.

Cabe dizer que convivem nessas passagens as duas correntes de sentido referidas a pouco ao termo *Lust*: a primeira sinaliza o brotar da excitação, a tensão prazerosa, o foco voltado mais à atividade do que ao objeto, a ênfase na atividade pulsional em si; já a segunda revela o sentido disposicional e impelente, a vontade, o desejo, o móvel ao encontro do objeto de satisfação.

No primeiro sentido, a vida psíquica se destaca nas tramas de sensação que se produzem nas superfícies de contato de corpos e objetos, sugere ser eminentemente estética e anterior mesmo ao auto-erotismo ou a entrada efetiva no circuito pulsional, esse último melhor caracterizado pelo segundo sentido.

Essa atividade de Guili de girar rodas ou de compor com o seu próprio corpo e outros objetos uma superfície de circulação do sensível é o que considero o protótipo da *satisfação autística*, que melhor se ajusta ao primeiro sentido do termo *Lust*. Nesses momentos, tudo se passa como se Guili realizasse, lembrando a expressão de Freud (1911) já contemplada anteriormente, um sistema psíquico *quase* isolado. Esse *quase*, no contexto referido por Freud da criança acrescida dos cuidados maternos, tem um importante valor funcional, pois sinaliza que não está de todo abolida a capacidade de regulação psíquica, além do que está

mantida a possibilidade de reabertura, quando alguma necessidade assim impuser. Talvez, aqui coubesse a distinção para o caso da criança autista, que se mostra reduzida na sua capacidade de regulação psíquica, pela impossibilidade de manter fora ou de lançar para fora estímulos perturbadores do sistema, o que a faz se manter *voltada para a atividade* que lhe garante algum equilíbrio e segurança.

Agora, quando considerados os exemplos *de balanceio e de pressão sobre o corpo*, a diferença sutil reside no fato de que nesses já se avizinha um jogo libidinal, que inclui o outro como presença, senão totalmente viva, com partes vivas, de onde se deduz um certo protagonismo. Digo isso, porque chama atenção a forma como Guili ajusta seu corpo ao meu, o movimento dos olhos em êxtase e um certo oferecimento do seu corpo como se fora um objeto de prazer a ser manipulado pelo outro. Nesse caso, algo sugere que Guili já se desloca nesse umbral do circuito auto-erótico, que ainda não se mostra efetivo e contínuo, mas que aceita parcelas do outro para compor e se dispor à satisfação, quadro que proponho aproximar do segundo sentido do termo *Lust*.

Então, radicalmente diferente daqueles que só vêm nesses exemplos estereotípia vazia, aberração e exceção, eu me perfilo entre aqueles outros que qualificam muitas dessas experiências como uma capacidade indispensável para a constituição psíquica. Quer dizer, aqui, cabe mais uma vez a velha lição freudiana de que o psicopatológico ressalta uma função ou uma atividade psíquica presidida pelas mesmas leis que regem a todos.

No primeiríssimo tempo de vida, é desse mecanismo de regulação psíquica – nos contatos com o outro, ambiente materno e de cuidados do pequenino ser, entre fechamentos autísticos e aberturas, mantidos por ritmos e modulações sensoriais – que brota a força pulsional e a organização auto-erótica.

No início, os sons e gestos dos bebês podem ter uma feição estereotipada, quando a vida psíquica vai se regulando e se formando nessas experimentações originárias do corpo-sensação, que permitem o exercício de reviver sensações prazerosas na ausência do objeto. No decorrer do tempo, esses *signos* são modulados na relação com o outro, e, mais tarde, organizados nas parcelas auto-eróticas do corpo, quando o bebê reconhece uma parte do corpo como prazerosa, antes, porém, a prevalência estava na sensação prazerosa. Num tempo mais avançado ainda, o corpo é integrado de forma mais sistemática na composição narcísica. Mas o tramite da vida psíquica parece ser de tal forma delicado que aquilo que supomos, no tempo narcísico de uma criança, como sendo o Eu, em verdade, vem de longe sendo processado pelo narcisismo do outro, adulto, mãe, que com o seu próprio desejo favorece o acontecer de um incipiente Eu corporal.

Como afirmei acima, é provável que tal regulação psíquica, no caso do autismo, seja sofrível e fugidia, sofra nos basculamentos abruptos de um estado a outro, do impulso externo ao interno, do estímulo à pulsão. Aderida à sensação a criança se vê impossibilitada de prosseguir para uma integração satisfatória do próprio corpo.

Mas, o sintoma da criança não deixa de ser um *signo* de vida criativa, pelo menos, é como interpreto o que tenho apresentado dos meus encontros com Guili. Agora, da parte daquele que cuida, do analista, acreditar que a semiologia autística repousa nessa dimensão estética, que faz acontecer a trama psíquica. Colher com sensibilidade essa produção da criança, recoloca em jogo, no meu entender, o desejo que, vindo do outro, possa fazê-la marcada, erotizada e, portanto, passível de se desprender da ligação preferencial pelos objetos-sensação. Se tal conjunto de sintomas elicia a estranheza e o horror do outro, os mesmos olhos, quem sabe irrigados pelas correntes da *boa forma*, possam apreciar tal

estilística, que quando qualificada pela presença do outro, renova a chance de restituir a *dimensão trágica da loucura*, reclamada na abertura desse trabalho.

Tenho algum alcance da complexidade dessas questões. Por outro lado, não trago em mim a pretensão de silenciar os termos dessas desafiadoras indagações. Apenas, deixo registrado que elas se apresentam como os *fantasmas* do que aqui vai sendo desenvolvido e exposto. *Fantasma* porque elas se movem invisíveis no fundo das páginas, promovem o trabalho, se fazem atravessadas entre os capítulos, até permitem algumas insinuações, mas não aceitam se banhar completamente em nenhuma maresia de arroubo iluminista. Esse me parece ser o apanágio de todo problema metapsicológico na tradição freudiana.



## CAPÍTULO 3

### O AUTO-ENGENDRAMENTO DO ORIGINÁRIO

Certas modalidades de sofrimento psíquico repercutem a primeiríssima dimensão da vida, cujo funcionamento se dá rente ao ambiente corporal, de onde brota toda uma vida sensível, como apontado no capítulo anterior. Suponho que a clínica psicanalítica do autismo e da psicose seja plena de interpelações voltadas a esse campo de experimentação, de tão difícil acesso e compreensão para os clínicos e estudiosos. Assim, a grande dificuldade que enfrento no trato dessa dimensão diz respeito a como abordar esse tempo psíquico tão arcaico, sem resvalar para o nefelibatismo.

Na continuação desse estudo, depois de Freud, encontrei em Piera Aulagnier um interessante trabalho sobre essa dimensão do originário. Uma primeira definição reveste-se de importância no trato dessa questão, aquela que diz respeito à atividade de representação. Aulagnier (1979) aproxima a atividade psíquica de representação àquela que se dá no processo orgânico de *metabolização*.

*Podemos definir trabalho de metabolização como a função pela qual um elemento heterogêneo à estrutura celular é rejeitado ou, ao contrário, transformado num material que se torna a ela homogêneo. Esta definição pode se aplicar rigorosamente ao trabalho que efetua a psique, com uma única diferença: neste caso, o elemento absorvido e metabolizado não é um corpo físico, mas um elemento de informação (p. 27).*

Ainda que me incomode um pouco a lembrança de um processo orgânico para falar do acontecer psíquico, pois nos termos dessa analogia se revela, mais uma vez, a dificuldade de falar da vida anímica de maneira própria, não deixa de ser intrigante pensar a

produção psíquica representacional como resultado da captura de um elemento, estando ele dentro ou fora do espaço psíquico, com vistas a torná-lo um *objeto* comum, conformado a uma determinada instância de representação. Aulagnier (1979) apresenta os modos de funcionamento do originário, do primário e do secundário, cujas representações resultantes ela define como sendo respectivamente: a representação pictográfica ou pictograma, a representação fantasmática ou fantasia e a representação ideativa ou enunciado. No presente estudo, o foco de interesse incidirá sobre o funcionamento do originário e sua correspondente representação pictográfica.

Acompanhando a compreensão de Aulagnier (1979) da atividade de representação e de como opera essa metabolização, temos que:

*Toda representação implica numa dupla conformidade: conformidade da relação imposta aos elementos constitutivos do objeto representado – aqui a metáfora do trabalho celular de metabolização ainda é perfeitamente adaptada a nossa concepção – e conformidade da relação presente entre o representante e o representado. Esta última é o corolário da precedente: cabe a cada sistema representar o objeto, de maneira a que sua “estrutura molecular” se torne idêntica à do representante (p. 29).*

Vale destacar a necessidade de que o representante assuma as características não só do objeto representado, mas também traga, em si, o modo de funcionamento daquela instância que ele representa. Para o caso do originário, isso se reveste de grande importância, especialmente no esforço de qualificar o que nessa modalidade psíquica ocorre, quando ainda não se pode falar de um Eu constituído. Aqui, faço registrar, conforme propõe Aulagnier (1979), os três postulados de funcionamento do psíquico, com referência às três modalidades citadas acima:

- *todo existente é auto-engendrado pela atividade do sistema que o representa; este é o postulado do auto-engendramento, segundo o qual funciona o processo originário;*

- *todo existente é um efeito da onipotência do desejo do Outro; este é o postulado próprio ao funcionamento do primário;*

- *todo existente tem uma causa inteligível, tornada acessível pelo discurso; este é o postulado segundo o qual funciona o secundário (p. 30).*

Como já anunciado, pretendo deter-me no processo originário. Assim, quero ressaltar as duas palavras-chaves do postulado do originário: auto-engendramento e atividade. Faz parte de meu estudo, mostrar o liame entre o postulado aqui apresentado e a concepção de *Lust* em Freud, focalizada no capítulo anterior. Lembro que, numa de suas acepções, *Lust* enfatiza a sensação prazerosa retirada da atividade.

A atividade de prazer/desprazer talvez seja, em Psicanálise, a unidade mais arcaica que dispomos para a compreensão do que se passa no alvorecer da vida psíquica. É como se aí, nessa antinomia, germinasse um modo de existência que, de forma definitiva, impusesse um salto para o campo das humanidades. Portanto, a atividade de representação, na sua mais remota disposição, será uma atividade de *prazer*. Se melhor convier, digo de outro jeito, é pela vivência de prazer que a existência se abre em fragmentos singulares de formas estéticas indetermináveis, só comparáveis em sua magnitude à ilusão, igualmente imponderável, de repetir e recriar essa beleza ancestral que, a cada vez alcançada, se esfumaça pelas linhas do corpo, não sem antes, deixar atrás de si as fendas abertas, que são o renovado apelo e esperança pelo *novo*.

Quando Aulagnier (1979) define a atividade de representação como uma maneira de metabolizar um material heterogêneo, de forma a torná-lo adequado à instância em questão

(originário, primário ou secundário), considera que toda informação que parte do objeto e chega à psique decorre de um investimento libidinal. Assim, afirma a autora:

*Consideramos que todo ato de representação é coexistensivo a um ato de investimento, e que todo ato de investimento é movido pela tendência própria ao psiquismo de preservar ou de encontrar uma vivência de prazer (p. 31).*

Nesse ponto, chego a uma relação que considero central para os diferentes alinhavos teóricos e clínicos que conduzem esse estudo – trata-se da aproximação irreduzível entre *representação e prazer*. Prosseguindo no encaminhamento de Aulagnier (1979), encontro que o prazer de representar o mundo é indispensável para a constituição do próprio mundo e manutenção da vida. Cabe lembrar, como destaca a autora, que o *desprazer* é o outro pólo desse jogo, e que, também ele pode ser objeto de desejo. Daí considera Aulagnier (1979) que:

*(...) desde o originário, a atividade psíquica forjará duas representações antinômicas da relação presente entre o representante e o representado, cada uma conforme à realização de uma das metas do desejo. Uma primeira, na qual a realização do desejo comportará um estado de reunificação entre o representante e o objeto representado e será esta união que aparecerá como causa do prazer vivido. Uma segunda, na qual a meta do desejo será o desaparecimento de todo objeto que possa suscitá-lo, o que faz com que toda representação do objeto apareça como causa do desprazer do representante. Esta dualidade inerente às metas do próprio desejo pode ser ilustrada pelos dois conceitos de amor e ódio (p. 32).*

Posto isso, gostaria de me debruçar mais especificamente sobre a questão da representação na instância do originário. Se faço a escolha por Piera Aulagnier para me

assistir nas intrigas dessa jornada, é porque ela recua seu desenvolvimento teórico até a vida psíquica do lactente, vida essa essencialmente mantida por uma atividade de auto-regulação – tudo o que se possa dizer nesses termos está embebido pelas fontes freudianas.

Onde, então, procurar o psíquico desses tempos, o inconsciente e o Eu que aí se esboçam? Seria descautelado de minha parte aceitar que a tópica psíquica repousa no corpo energético e libidinal? Quando sou levado a pensar na vida mais primitiva dos humanos, aquela das primeiras vivências de prazer/desprazer, uma superfície multiforme vem a minha imaginação, que resulta desse encontro entre uma mãe e seu bebê – seio, boca, cheiros, órgãos dos sentidos, estímulos e receptores ativos; o som, a voz, um comprimento de onda; superfícies em contato, o contato das superfícies; o ar que entra e que sai, os barulhos intestinais, de um, de outro, os odores intestinais; uma penumbra, um gesto, um esboço de gesto, o gesto adiado de um, recusado de outro, imitado; o tecido da pele, o tecido da roupa, a tecedura do outro, além do que, a tessitura, essa sim, uma contextura, um encadeamento, enfim, *uma organização que seja anárquica*. Vida escorrendo, vida avançando, vida se fechando, se atando, se abrindo, se enlaçando (...). Uma variedade incomensurável de formas. Eis o que pode ser dito acerca do psíquico: que ele deriva dessa estética imprevisível, saturada pela repetição, pela experimentação, pela atividade, mais tarde, prestes a explodir no corpo, a se imiscuir na palavra, a se desvelar no sintoma.

Toda atividade psíquica desse tempo, do encontro da boca com o seio, plasma uma modalidade de representação, apoiada na atividade sensorial corpórea, na qual *o representado se dá à psique como a apresentação de si próprio* (Aulagnier, 1979, p. 43). Nessa representação pictográfica, estabelece-se uma zona difusa indiferenciada entre a representação que acompanha a amamentação e a representação dessa experiência na

ausência do seio. Contudo, considera Aulagnier (1979), seguindo Freud, que a diferença entre essas experiências se fará pelo acréscimo desse fator diferencial trazido nos termos de um *a mais de prazer*, no momento da satisfação real. Então, suponho, esse prazer cola à representação e estabelece uma modalidade de satisfação que ultrapassa a necessidade.

A atividade de representação pode ser entendida, nos termos acima postos, como visando a uma recompensa de prazer, que se faz, de forma original, quando o bebê aciona a capacidade que tem de reeditar, no seu próprio corpo, sensações prazerosas outrora gratificantes. Quem sabe pudéssemos dizer, de forma mais ampla, que a própria fundação do psíquico se apóia nessa constatação? Assim, o psíquico se constituiria como o fator superveniente de excitações que originariamente brotam no corpo próprio do bebê, que, em sua condição de desamparo, aciona mecanismos de regulação dessas tensões, em forma de dispositivo que, ora rejeita, ora absorve informações, estímulos, *objetos*, seja como for, todos marcados libidinalmente. Assim, podemos pensar nessa organização defensiva primitiva do lactente como estando na base da constituição psíquica.

Nos termos de Aulagnier (1979), para alcançar o equilíbrio energético, entram em ação essas atividades elementares denominadas: o apropriar-se (*Prendre-en-soi*) e o rejeitar (*Rejeter-hors-soi*). O trabalho de metabolização transforma o que foi apropriado em material do próprio corpo, com a conseqüente eliminação dos resíduos. Assim, ela nos diz que:

*Em termos psicanalíticos, o “apropriar-se” e o “rejeitar”, podem ser traduzidos por um outro binômio: o investimento ou o desinvestimento da informação e do objeto de excitação responsável por esta informação. É importante sublinhar que a representação pictográfica dos conceitos do “apropriar-se” e do “rejeitar” é, nesta fase, a única representação possível de*

*toda experiência sensorial: “visto”, “entendido”, “experimentado”, serão percebidos pela psique como uma fonte de prazer auto-engendrado por ela, e, portanto, fazendo parte do que é “apropriado” no interior de si mesmo, ou como fonte de sofrimento a rejeitar; neste caso, a rejeição implica que a psique se automutile daquilo que, na sua própria representação, põe em cena o órgão e a zona, fonte e sede da excitação (p. 48).*

A propósito do que até aqui foi dito, permito-me uma alusão à maneira como a criança autista se encontra nessa passagem pela vida psíquica originária. Se por um lado, ela consegue reviver sensações prazerosas – no dizer de Tafuri (2003), *ensimesmamento prazeroso* em contraste com o *ensimesmamento sofrido* –, por outro lado, e seguindo, ainda, o que nos transmite a Prof<sup>a</sup> Maria Izabel Tafuri de sua vivência clínica, parece ocorrer uma dificuldade que se situa justo na capacidade de regulação das sensações que brotam e que invadem o corpo, o que se constata clinicamente pela passagem súbita da criança de um estado emocional a outro. Nessa circunstância, penso que a criança autista estaria, supostamente, e por esse viés, impedida de realizar de forma satisfatória o trabalho de metabolização. Assim, não se completaria a transformação pictográfica dos chamados *objetos autistas de sensação* (Tustin, 1990), de forma a torná-los material efetivo e homogêneo ao próprio corpo. Daí decorre a característica de comutar rapidamente sua apercepção, tomando-os como *objetos* ameaçadores.

Para ilustração dessa questão, que já vem sendo esboçada desde o capítulo anterior, oportuno se faz consultar, mais uma vez, as anotações do tratamento de Guili, num período em que a frequência dele às sessões tornou-se irregular, pois dormia pela manhã, após passar parte da noite em claro. Nesse tempo, uma das sessões mostrou-se particularmente eloqüente para a caracterização dessa comutação abrupta de estados emocionais. Proponho

seguirmos a seqüência dessa sessão, que configura os paroxismos havidos no desenrolar do nosso encontro.

Quando chega, Guili vai até o bebedouro e ali permanece enchendo copos d'água que são derramados no vaso de planta da área de entrada do consultório. Convido Guili para entrar na sala. Por fim, carrego-o sob protestos e levo-o até a sala. A partir daí, o que se sucede é uma reação muito forte de Guili. Ele grita e volta uma série de agressões contra mim. Procura enfiar as unhas, bater forte com as mãos e chutar, esse último, um golpe mais recente, para o qual ainda não me achava preparado. Faz isso ao mesmo tempo em que seus gritos são intensos e o choro incontido. Só pára de me bater ao me puxar até a porta, insistindo em protestar contra a minha ação que o descompensou. Procuo me defender, afastando-o do meu corpo ou esquivando-me dele. Guili não desiste e parte atrás de mim. Por um bom tempo, ficamos nesse enfrentamento cansativo. De repente, eu me detenho inconsolável ajoelhado ao chão. Guili acena com uma trégua, que se faz num gesto quase extraviado de toda aquela pancadaria – sua mão levada ao meu rosto suado e apreensivo. Agora, já não era mais a mão convicta do ataque. A pequenina mão, um tanto incerta, parece imantada pelo olhar magnético que sabe ver e fazer repousar o que via. Essa mão, estendida sobre meu rosto, atravessa tantas camadas da minha sensibilidade, que não posso evitar a invasão de uma forte emoção, que me afeta de forma tão ampla, a ponto de descerrar em mim outras cenas, para além da qual nos encontramos. O que Guili encontra com sua mão me desnorteia, e assim, desato as lágrimas. Esse surpreendente desamparo faz de mim o que não sei, mas, prostrado, assim permaneço. Guili não é um expectador a deduzir os próximos passos da ação. Imediatamente, e mais uma vez, ele se coloca como protagonista do que se passa, contorna meu corpo e vai se alojar atrás de mim, abraçando



minhas costas. Por um tempo, permanecemos nessa composição, que me restitui um certo alento para continuar.

Depois de tudo isso, Guili retoma toda a sua inquietação, numa das vezes, volta a usar o recurso de bater com as mãos sobre sua cabeça. Eu o imito nesse gesto, ele me observa e cede nessa iniciativa. Numa outra fase de toda essa seqüência, Guili passa a combinar momentos de agressão com outros em que, chorando, faz todo um gestual que sinaliza a procura por mim e pelo meu colo. Numa dessas vezes, eu o carrego e o aconchego agarradinho a mim. É notável verificar que permanecemos por algum tempo nessa posição. Mas eu devo, segundo o que suponho ser sua indicação, me manter parado e em pé, com ele ao colo, pois qualquer tentativa de sentar ou andar pela sala leva à reação de protesto, que se faz por mordidas na altura do meu pescoço. Estar assim com ele é gostoso e apaziguante, tanto para mim quanto, suspeito, para ele. Após permanecer esse tempo ao meu colo, Guili volta toda a sua carga incontida nos mais diferentes atos. Assim, desce até a sala contígua, chuta o espelho e chega a lançar objetos violentamente. Toda essa agitação passa a fazer parte de um circuito, que inclui passar pelo meu colo e permanecer quietinho ali, por um pouquinho de tempo que seja.

Por fim, ele passa a se interessar por depositar o bloco de massinha na pia do banheiro. Abre a torneira e ali permanece envolvido em lançar pedaços de massinha na água. Não quer mais largar essa atividade e, assim, permanecemos até o final da sessão, quando então, com muita dificuldade, consigo que ele deixe o banheiro e tudo o mais para trás. Quando sai da sala, imediatamente se dirige ao bebedouro. Depois de lhe fornecer um copo, retoma sua lida de irrigar com água mineral a planta *risonha* e *benfazeja*, que recebe, *impávida*, a carga potável de Guili.

Gostaria de aduzir algumas considerações a respeito do desenrolar dessas cenas. Há um ponto de inflexão ao qual é preciso se ater, digo, um ponto de inflexão transferencial, e ele se situa justo nessa dobradiça que faço da adoção de uma posição de defesa frente aos ataques de Guili à posição de inação, desolação, quando me acho prostrado e caído.

Recordo uma vinheta clínica apresentada por Gilberto Safra (1999) que narra o encontro dele com um garoto autista de nome Ricardo. Safra conta as inúmeras tentativas realizadas por ele para ter acesso ao garoto ou estabelecer algum nível de comunicação. Assim foi com os biscoitos para os quais Ricardo tinha voltado o seu interesse desde as primeiras sessões, os quais recebia da mão de Safra, para em seguida vomitar sobre ele.

*Para mim era evidente que lhe era impossível suportar que eu existisse em alteridade, sem que ele tivesse tido a oportunidade de criar-me como um objeto subjetivo. O meu gesto era vivido como intrusão, e com seus vômitos ele tornava o alimento um objeto desumanizado (Safra, 1999, p. 27).*

Após o passar dos anos, Safra comenta seu *desânimo* frente à ecolalia e às repetições recalcitrantes de Ricardo. Mas eis que em certo dia, ainda que tomado pela desolação, Safra tenta mais uma intervenção com palavras, repetindo, Ricardo, como de hábito. Entretanto, uma mudança parece ter se operado nesse momento entre eles, de tal sorte que Safra percebe na réplica de Ricardo não uma ecolalia, mas sim uma frase de melodia singular. Segue-se um jogo entre eles de criação e repetição de melodias. A estupefação de Safra por ter encontrado o que ele tanto procurava pelas indicações de Winnicott, a inalienável *criatividade primária* de todos nós, se revela em sua exclamação: – *aí está ele, na melodia!*

Algo semelhante ao estabelecimento desse campo transferencial de modulação sensorial pode ser acompanhado no desenrolar do tratamento conduzido por Tafuri (2003),

com sua paciente de nome Maria, que culminou com a relação ou comunicação denominada por ela de *jogo dos sons*.

Os *grunhidos* de Maria se transmudaram em *balbucios*, os *balbucios* se deslocaram às *garatujas*, e as *garatujas* trouxeram os primeiros desenhos das *palavras* à boca. Dito assim, tudo parece simples, seqüencial, progressivo. Mas aqui também, quando acompanhamos atentamente o depoimento da autora, encontramos seus próprios *balbucios*, mas não me refiro apenas às repetições em espelho das produções sonoras de Maria. O que quero destacar precisamente é que a capacidade de brincar com os sons emergiu em meio a muitas desilusões, hesitações e medos da parte da analista, assaltada pelos basculamentos repentinos da menina que iam do *ensimesmamento prazeroso* ao *ensimesmamento sofrido* (Tafuri, 2003, p. 62). Assim, ela nos conta uma dessas passagens:

*Houve uma sessão em que ela evidenciou como a exploração do meu corpo estava associada a uma relação afetiva. Eu tinha acabado de encontrá-la em um de seus esconderijos. Dessa vez ela ficou irritada e me mordeu o braço. Afastei-me, sentei-me no chão e esperei que ela se acalmasse. Ela se aproximou, sentou-se entre minhas pernas e começou a passar as mãos em cima das marcas dos dentes que haviam sido cravados no meu braço. Eu fiquei muito emocionada. Não consegui segurar as lágrimas. Tentei me recompor e fiquei com ela no colo, por um longo período. A partir dessa época, Maria começou a chupar as costas das minhas mãos e a brincar de “morder”: ela colocava os lábios em meus braços e ia apertando até encostar os dentes. Aí, me olhava, sorria e soltava (Tafuri, 2003, p. 63).*

De tudo, gostaria de registrar mais duas reflexões suscitadas a partir da matéria clínica exposta. Uma primeira convida a pensar essas experiências a partir dos aportes teóricos de Freud e Aulagnier, aos quais tenho dedicado maior atenção.

O que ainda tratarei na continuação do capítulo, voltando mesmo a repetir, tem aqui uma oportunidade de maior ligação com a clínica da criança autista. O postulado do originário de Aulagnier (1979), como ela própria afirma, se situa antes do estágio do espelho de Jacques Lacan. Assim, ela constata que na origem da atividade psíquica se encontra um *fenômeno de especularização*. Ou seja, aquilo que resulta da criação da atividade psíquica é um reflexo da sua própria imagem, mas essa imagem se constitui tendo como base o modelo sensorial, o que ela denomina *imagem da coisa corporal* ou *imagem do objeto-zona complementar* .

*O agente representante vê na representação o fruto de seu trabalho autônomo e aí contempla o engendramento de sua própria imagem. A representação é, portanto, apresentação para a psique, auto-encontro entre uma atividade originária e um produto também originário, que se dá como apresentação do ato de representar para o agente da representação. A característica essencial do representado é dada pela sua sobredeterminação e sobresignificação (Aulagnier, 1979, p. 43).*

Pois bem, quando examinamos essas passagens clínicas, vemos que pelo trabalho de análise a criança é levada a produzir uma representação originária na qual ela possa contemplar seu próprio reflexo. Então, toda mímica da parte do outro, analista, terapeuta, toda repetição de sons, gestos ou qualquer outra dimensão sensível promove o campo de experimentações favoráveis à eclosão desse efeito humanizante e libertador, qual seja, tornar sua criação o próprio *corpo sensível* refletido no desejo do outro. O som emitido por Ricardo, Maria, a tatilidade de Guili passam a ter existência quando eles são capazes de se *apropriar* de uma réplica criativa de si mesmos, que tem lugar nessa zona, nesse intervalo especular definido entre o corpo próprio e o outro. O mundo, o não-eu, o outro, só são

conhecidos a partir desse trânsito, de um grunhido, por exemplo, que, partindo da criança, percorre uma trajetória na qual se encontra a resposta especular do outro e retorna como estímulo até ela, com a chance de ser *metabolizado* e convertido em um signo original. Numa última palavra, eu diria que a representação pictográfica, postulada por Aulagnier, conta a história dessa trajetória, que é a história *auto-engendrada* por um sujeito em seu tempo sensível.

Agora, essa dimensão representativa, cujo modelo é o *apropriar-se* e o *rejeitar*, se realiza num plano de influência das experiências de *prazer* e *desprazer*, conforme postuladas por Freud. Se a atividade de representação visa a uma recompensa de prazer, pode ocorrer também que esse representante seja fonte de desprazer, conforme já mencionado anteriormente, e daí se impor o desejo de auto-aniquilação. O que na situação de prazer é percebido como *complementariedade* entre a zona e o objeto, na versão do desprazer, pode ser tomado como um *atrelamento aniquilador*, cujo resultado é a rejeição mútua entre a zona e o objeto. O que me ocorre é que parece difícil à criança autista substituir sensações. Portanto, ou ela as produz e até se mantém atada ao objeto-sensação, ou ela as rejeita.

*O desejo de destruir o objeto se acompanha sempre, no originário, do desejo de destruir uma zona erógena e sensorial e a atividade que tem como sede esta zona* (Aulagnier, 1979, p. 54).

Algo sugere que, muitas vezes, para que o prazer se converta numa satisfação apaziguadora, certas condições precisam ser atendidas. Na passagem apresentada, quando Guili está ao meu colo, numa determinada posição e mantendo um determinado encaixe, não permite que eu faça nenhum gesto ou movimento. É como se para estar apaziguado tal

composição necessitasse ser congelada, evitando qualquer perturbação que a desarranjasse, de tal forma que esse ajuste entre o objeto e a zona sugere ser, nesses casos, muito mais delicado.

A segunda reflexão prometida, a início pela introdução de uma pausa, um descanso, uma imprecisão que só a poesia é capaz de prover. Um pensamento atribuído a Carlos Drummond de Andrade segue por aí, vazado nestas palavras: *tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível.*

Em que tempo ou lugar Gilberto Safra e Izabel Tafuri puderam estabelecer o vínculo sensorial nos tratamentos de Ricardo e Maria? Quando pôde a mão cálida de Guili se levantar estendida sobre minha sensibilidade? Quando foi possível se surpreender com o singular, se espantar com o tom que destoava, se desconcertar e dizer: – *aí está ele! Aí está ela!?*

Serei breve na apreciação de minha própria pergunta. O encontro com o impossível se deu justo quando Gilberto Safra, Izabel Tafuri e eu próprio tropeçamos ante o descabido, a desrazão, o *nonsense*. Justo quando nos achávamos tão isolados em (ou *do*) nosso saber e vulneráveis em nossas ações: desolados, desanimados e desiludidos.

Esse ponto de inflexão na conduta analítica lembra a mãe que para se habilitar a acompanhar e sustentar seu bebê necessita, não raro, mergulhar ante o seu próprio desamparo infantil. Caso contrário, se ela não se deixa imergir no seu próprio inconsciente, mais difícil será acompanhar o bebê no seu isolamento. Se as sensações do corpo da criança forem espelhadas no corpo do terapeuta, maiores possibilidades a criança terá para se organizar em sua própria angústia e até circular por fora de seu isolamento.

Estou convencido de que resta em tudo isso uma estrondosa *verdade clínica*, que não se deixa traduzir em nenhum ensinamento, pois *a coisa* que aqui faz sua aparição, em nada

se conforma a uma disciplina. O analista que é capaz de tropeçar em tudo aquilo que está ao seu alcance – as convicções teóricas, a sua experiência, os seus próprios pensamentos, as suas filiações, etc. – acaba por esbarrar na *casca do impossível*, lá onde mora o irreconhecível sujeito. Nenhuma experiência clínica parece tomar isso de forma tão radical quanto àquela com a criança autista. Penso que a situação transferencial se constitui no ponto em que as efrações do sujeito se encontram com o analista abandonado a sua própria sensorialidade, prazerosa ou sofrida, fonte da mais refinada criatividade.

Após esse amplo parêntese clínico, retorno para o leito dos ensinamentos teóricos de Aulagnier, esses que se revestem de interesse para a compreensão dessas fronteiras nas quais se ergue a *arkhé* da tópica psíquica. Tempo que considero quase como mítico, pois penso como alguém vazado pelo simbólico a lançar especulações num exercício de retroflexão ao encontro dos tempos dos princípios – no amplo estudo das origens e dos mitos de Brandão (1996), encontramos a figura do *illo tempore*, *quando com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser* (p. 35).

Não raro, encontro-me, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, no lugar e com o desejo de realizar a narrativa dessa *realidade* que veio a ser produzida como sendo a esfera psíquica.

Faço esse comentário para introduzir o postulado de Aulagnier (1979) de que, no *illo tempore* da representação pictográfica, há uma aderência entre afeto e representação, de tal forma a se constituir um contínuo indissociável entre essas expressões. A essa afirmação logo se segue outra consideração de Aulagnier (1979) referente ao conceito de *apoio* em

Freud, na qual propõe o termo *empréstimo*. Para ela, o termo *apoio* lembra um certo oportunismo da psique – *astúcia da psique* –, que se valeria de caminhos abertos pela *satisfação da necessidade* para pressionar o psíquico e exigir dele um trabalho que leve à realização dessa força, à qual Freud deu o nome de *pulsão*. Não obstante, ela quer destacar esse funcionamento dependente que une termos como afeto e representação, pulsão e necessidade, como podemos conferir no extrato a seguir:

*A diferença postulada desde o início por Freud, entre necessidade e pulsão, constitui um conceito-chave da teoria psicanalítica. Esta diferença, entretanto, não impede que se encontre, entre essas duas entidades, uma relação que não é mais da ordem do apoio, mas da de uma dependência efetiva e persistente no registro do representado (...). Nossa hipótese sobre o originário, como criação se repetindo indefinidamente ao longo da existência, implica numa enigmática interação entre o que nós chamamos o “fundo representativo”, sobre o qual funciona todo sujeito e uma atividade orgânica, cujos efeitos no campo psíquico só podemos perceber em momentos singulares e privilegiados, ou então na vivência psicótica e ainda assim de maneira disfarçada (p. 49).*

Logo no início do capítulo, mencionei meu incômodo com a analogia adotada por Aulagnier, emprestada do funcionamento orgânico. Talvez o trecho acima traga algum esclarecimento para essa opção que faz a autora de compreensão dessa modalidade de representação rente ao corpo, ou até que se produz rente à coisa representada. Nesse sentido, para Aulagnier (1979), a pulsão ou o psíquico não se apóia nas funções de autoconservação ou nas trilhas abertas pela necessidade. Propondo um *mais além*, ela fala, porque não dizer, em *dependência efetiva* do órgão, o que sugere que aquilo que vem a se constituir como extra-psique, no *illo tempore* dessa modalidade de representação, reflete a



imagem inconsciente especular da superfície do corpo. O mundo que resulta desse ato de criação é a própria imagem da coisa representada. E o que está por ser representado desliza como *eletricidade estática* na superfície do corpo erógeno – tensão, excitação, sensação. O modelo que a representação pictográfica cria reproduz essa experiência sensível. O que se cria é a silhueta da vivência sensível. A operação consiste em dar a ver o que já está lá, embora, estando lá, só venha a ter existência pelo ato de criação. Falando da relação entre pictograma e especularização, Aulagnier (1979) afirma que:

*Se admitimos que nesta fase o mundo – “o extra-psique” – não tem existência senão através da representação pictográfica que o originário se forja, concluímos que a psique encontra o mundo como um fragmento de superfície especular, na qual ela mira seu próprio reflexo. Do “não-eu”, a psique começa por conhecer apenas o que pode se apresentar como imagem de si, e o si mesmo se apresenta a si próprio como fruto desta atividade e deste poder que engendraram o fragmento do “não-eu”, que se apresenta como espelho de si (p. 50).*

Mais adiante, ela dirá ainda que *é sobre o “vetor sensorial” que se apóia o pulsional* (p. 50). Sim, primeiro uma experiência sensível – gosto, odor, toque, visão, etc. –, fonte de prazer que se associa à satisfação de uma necessidade. Depois, o trabalho de auto-engendrar as marcas deixadas por esses fragmentos do sensível, com a correspondente metabolização que visa reunificar o que será auto-engendrado com a experiência primeira havida na presença do objeto, de onde decorre a reedição do estado de prazer. Por último, a produção de uma imagem que recobre a zona sensorial e o objeto-causa de excitação. Essa imagem é o pictograma, que reflete a identidade entre a atividade psíquica e o extra-psique, o mundo. O que aqui sugere uma forma seriada talvez possa ser pensado como trama

sincrônica e justaposta. Essa concomitância se estende para o que Aulagnier (1979) aponta como sendo uma *totalidade sincrônica da excitação das zonas* (p. 52). A excitação que envolve a experiência da amamentação se estende da boca para outras zonas erógenas do corpo, antecedente indispensável ao que virá depois como imagem integrada do corpo.

Oportuno se faz dizer que, num ato como a amamentação, por exemplo, se revela a integração das diferentes sensações nascidas nas zonas do corpo. A representação pictográfica, da qual tratei até aqui, sugiro entendê-la, numa de suas dimensões, como essa capacidade de integração desses diferentes elementos parciais dos objetos, sejam eles, voz, cheiro, paladar, o leite que inaugura a boca, etc., toda uma vida sensível que brota nos orifícios, superfícies e diferentes quadrantes internos e externos ao corpo. Assim, entendo que essa miríade de estímulos convoca o pequenino ser a se desdobrar na forma psíquica capaz de chegar a alguma regulação que propicie a experiência inaugural ou repetida do prazer, que, nesse plano de acontecimentos, é também um prazer cenestésico. Nessa experiência arcaica, conforme desenvolvido no capítulo anterior, encontramos a capacidade de um bebê de ser afetado pelas sensações que brotam do próprio corpo e, imerso nelas, manter-se em estado de fruição e prazer sem que isso equivalha a um aumento ou diminuição da tensão, cujo sentido é o de desfrutar. Gostaria de insistir nessa articulação com mais um trecho da lavra de Aulagnier (1979), posto que reconheço a dificuldade de compreensão pela qual suponho passar tanto o leitor quanto eu próprio, nessa tentativa de articulação da geografia psíquica que se desenha nesse semblante estético do corpo. Desta vez, referindo-se ao seio, ela nos fala desse que considero um ícone da transitoriedade humana.

*O seio deve ser considerado, neste estágio, como um fragmento do mundo que tem a particularidade de ser simultaneamente audível, tátil, olfativo, nutritivo e, portanto, dispensador da totalidade dos prazeres. Devido a sua presença, este fragmento desencadeia a atividade do sistema sensorial e a parte do sistema muscular necessária ao ato de sucção. A partir daí, a psique vai estabelecer uma identidade entre o que é realmente efeito de uma atividade muscular (que absorve um elemento exterior e assim satisfaz uma necessidade) e o que resulta da excitação sensorial a qual, por sua vez, poderíamos dizer, “ingere” o prazer que a psique experimenta durante a excitação. Eis porque a boca tornar-se-á o representante pictográfico e metonímico das atividades do conjunto das zonas, representante que autocria por ingestão a totalidade dos atributos de um objeto – o seio – que será representado como fonte global e única dos prazeres sensoriais (p. 53).*

Mais uma vez volto a enfatizar o que dizia linhas acima. O uso da expressão *ingere o prazer* evoca a coalescência entre a zona sensorial, o objeto que a estimula e o ato criativo e ilusório que vai talhar uma imagem *idêntica* a esse conjunto que será representado. Assim, essa complementariedade entre a zona e o objeto torna-se, pelo efeito da ilusão, superfície contínua e indissociável. Se nesse registro da ilusão a zona pode autocriar atributos do objeto que lhe sejam adequados – audibilidade, taticidade, visibilidade, etc. –, por outro lado, quando isso não é possível, ou mesmo por falta ou excesso do objeto, a zona sensorial pode constituir-se numa região de ausência, lacuna insondável onde o desprazer faz sua marca. Vale reafirmar, nesse caso, a alusão inevitável à criança autista, nas várias imagens reunidas ao longo desse trabalho, nas quais Guili, por exemplo, é apresentado envolto em uma angústia ou lacuna insondável. Assim, para Aulagnier (1979),

*(...) no registro pictográfico a indissociabilidade da zona e do objeto continua a ser total, ter-se-á a figuração de uma impossível separação, de um*

*dilaceramento violento e recíproco, que se perpetua entre zona e objeto: uma boca tentando arrancar um seio, um seio tentando se desprender da boca. O pictograma representará uma mesma unidade “objeto-zona” como lugar de um duplo desejo de destruição, lugar onde se desenvolve um conflito mortífero e interminável (p. 54).*

Ao dissertar sobre o encontro do bebê com o seio, calçado no pensamento de Aulagnier, procurei mostrar, por esse viés, como um elemento real externo, uma *informação*, alcança o sujeito e, a partir da estimulação do sistema perceptual, recebe tratamento na esfera do aparelho psíquico, cujo dispositivo predominante de regulação se funda nos estados de prazer/desprazer, processamento esse que inaugura a atividade arcaica de representação que é uma auto-imagem ou a própria imagem do representado reapresentada à psique – esse que vem a ser o pictograma.

Ora, estou a considerar o despertar da vida psíquica anterior aos postulados de Freud do narcisismo primário e do auto-erotismo. Interessante anotar que também nessas etapas de desenvolvimento da libido, ainda que expressas diferentemente, a primeira pela presença do Eu como função integradora e a última pelo caráter parcial da pulsão, ambas têm a imagem como elemento central para a dinâmica que encerram. Saliento, entretanto, que meu interesse volta-se, para usar a expressão agora adotada por Bleichmar (1994), às *primeiras inscrições* para as quais não há ainda tópica psíquica pensável, muito menos o universo estruturado do imaginário.

Assim, gostaria de abordar a relação do que até aqui tem sido exposto com o inconsciente ou com as diferentes instâncias psíquicas, pois ainda não somos capazes de afirmar como essas ondas de representantes, quer pictográficos, quer pulsionais, constituem o inconsciente, levam ao esboço do Eu, se diferenciam e se inter-relacionam

como camadas anímicas. Provavelmente isso não ocorra de forma serial, de tal sorte a supormos uma certa contemporaneidade dessas diferentes arquiteturas psíquicas.

Mas vamos ao inconsciente, àquela primeira concepção da *Interpretação dos Sonhos* de Freud. Veja, ainda que já estivesse ali boa parte do que será a psicanálise nos seus desenvolvimentos mais avançados, o inconsciente que lá está carece de um certo movimento. Trata-se de um inconsciente profundo, que desloca, condensa, figura. Mas faltava algo a esse inconsciente que se acrescentou depois. Pois bem, esse movimento foi contemplado com a introdução da idéia de *pulsão*. O que veio a fazer a pulsão no âmbito da vida dos homens? Pulsar, impulsionar, forçar, traumatizar, às vezes enlaçar, ligar, noutras tantas aderir, fixar. Assim, a pulsão passa a ser um conceito indissociável do inconsciente. O inconsciente decorre, a partir daí, da atividade da pulsão. Essa força que nasce das excitações subliminares do invólucro corporal tem por meta realizar-se, satisfazer-se e, para tanto, desenha um traçado singular ao encontro do objeto. Caberia até perguntar se toda pulsão precisa de um complemento, de algo que possa se objetar a ela? Então chegamos à representação psíquica da pulsão, que se coloca como mediadora entre a pulsão e o objeto. Mas mediadora na condição de que pela representação é possível reproduzir o objeto sem que ele esteja lá disponível, como de forma mais detida mostrei, valendo-me da concepção de Aulagnier.

Vale ressaltar as observações trazidas por Laznik-Penot (1994) nas quais, seguindo Jacques Lacan, procura desatrelar a pulsão da existência do organismo vivo, o que permite, conforme diz:

*(...) utilizar o conceito de fracasso da instalação pulsional em certos casos limite como o autismo, por exemplo, sem que se possa argumentar que já*

*que existe vida, manutenção da vida, é porque existe pulsão em funcionamento*  
(p. 211).

À afirmação de Lacan (conforme citado por Laznik-Penot, 1994) de que *as zonas erógenas são reconhecidas por sua estrutura de borda* (p. 213), a autora volta a apor mais este comentário:

*Isso assume toda sua importância clínica quando nos lembramos a que ponto, nas crianças autistas, essas zonas não fazem borda – seus lábios deixam escorrer a saliva, os esfíncteres não funcionam como tal. Isso por não terem sido zonas de investimento erógeno, por não terem sido tomadas num circuito pulsional* (p. 213).

Mais adiante, ela ainda apresenta a distinção de Lacan (conforme citado por Laznik-Penot, 1994) entre o impulso e a pulsão.

*O impulso, primeiro, vai ser identificado a uma pura e simples tendência à descarga (...). Na pulsão, não se trata de modo algum de energia cinética, não se trata de algo que vai se liquidar pelo movimento. A descarga em causa é de natureza completamente diferente, e se coloca num plano completamente diferente* (p. 211).

Agora, a pergunta se refaz nestes termos: o que existe antes da instalação do circuito pulsional? A tentativa de esquadrihar os vestígios remotos da vida psíquica acaba por redundar numa posição ética frente à vida, em especial à vida daqueles acometidos pelo sofrimento psíquico. Se a razão cessa ou a palavra não chegou, a humanidade se mantém, a pulsão se mantém, ou quem sabe, por último, a existência estética se mantém, mesmo quando essa existência expressa no corpo lacunas de significação pela falta do encontro

com o outro, ou pela falta de um objeto que satisfaça a existência – até porque não existe esse objeto. A experiência trágica do sofrimento humano é de que há sempre um resto, uma cota que não poderá ser dissolvida ou assimilada por qualquer modalidade de linguagem. Ainda assim, paradoxalmente, devemos acreditar que esse sofrimento porta um sentido.

Acompanhando Freud (1925/1996), no texto *A negação*, encontro o seguinte trecho:

*(...) o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele está lá (...) (p. 267). Adiante ele ainda acrescenta: (...) Contudo é evidente que uma pré-condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos (p. 268).*

Sigo a pista de Freud, que me leva à seguinte pergunta: o que terá sido perdido? Objeto de satisfação? Prazer? Satisfação autística? Pictograma? Muito interessante se pensar que na fundação do psíquico, do inconsciente, na suposta marca mítica dessa constituição, algo teria sido perdido de forma indelével. Então, o que marcou se perdeu, se dissipou, daí porque tudo o mais será, na minha gratuita expressão – *versão desidratada de prazer* desse objeto originário perdido?

*Na época em que a mais primitiva satisfação estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos*

*amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (Freud, 1905, p. 210).*

Ao comentar essa passagem de Freud, Laplanche (1985) considera que o auto-erotismo não é o *tempo primário*. Trata-se de uma observação importante, pois supõe um tempo de constituição anterior.

*Um texto como esse soa bem diferente de toda esta grande fábula do auto-erotismo, considerado como estado de ausência primária e total de objeto, estado a partir do qual seria preciso encontrar um objeto; o auto-erotismo é, ao contrário, um segundo tempo, um tempo de perda do objeto. Perda do objeto “parcial”, acrescentamos, já que se trata de perda do seio, e Freud introduz aí a observação preciosa, segundo a qual o objeto parcial talvez se perca no momento em que começa a perfilar-se o objeto total: a mãe enquanto pessoa. Mas, sobretudo, se tal texto deve ser tomado a sério, significa que por um lado há, desde o início, um objeto, mas que, por outro lado, a sexualidade não tem, desde o início, um objeto real (Laplanche, 1985, p. 27).*

Aqui também nos aproximamos das concepções de Aulagnier expostas acima, para quem, nesse tempo originário, o representado é auto-engendrado, o que supõe a criação de uma imagem de prazer idêntica ao objeto real corporificado. Para Laplanche, entre o leite – objeto real – e o seio – objeto da pulsão sexual – ocorre um deslocamento que levará a um desencontro irremediável.

*(...) o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se tenta reencontrar, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto. Daí, evidentemente, a impossibilidade de, em suma, nunca reencontrar o objeto, já que o objeto*



*perdido não é o mesmo que aquele que se deseja reencontrar. Aí está a força do “engodo” essencial que se situa no início da procura sexual (Laplanche, 1985, p. 27).*

Considerado por uma outra ótica, o desvão que decorre desse deslocamento traz a marca do irrepresentável. Num último argumento, vale cotejar esta passagem de Nelson Coelho Júnior (1995):

*O objeto perdido tem que ter sido fonte de um prazer real, para que exista a necessidade de reencontrá-lo. Afirmações como esta tocam justamente na questão da especificidade do contato humano com o mundo. Não se constrói um “armazém” de representações a partir de qualquer percepção; o contato humano com o mundo é marcado pela busca do reencontro com um objeto que em algum momento tenha sido representado no psiquismo, em função do prazer que proporcionou. O movimento que vai da realidade psíquica à realidade externa e vice-versa não se caracteriza por um simples processo mecânico ou fisiológico. O que parece estar presente nestas idéias de Freud é que as representações, os objetos e o prazer não são só entidades quantitativas, mas trazem em si, no movimento das relações, as marcas de um processo qualitativo (pp. 42-43).*

Mas ainda que se diga que *o objeto perdido foi internalizado*, o que faz a marcação é muito mais sua falta do que os vestígios de sua provável existência. Aqui talvez coubesse uma bifurcação entre aqueles que consideram que ele está lá, ainda que não possa ser recuperado, e aqueles outros que preferem adotar a sua marca como uma ausência. Num ou noutro caso o importante é considerar que essa marca torna-se ativa, a partir dela se fará todo o movimento que conduzirá ao ingresso no circuito pulsional. Porém, antes de ingressar nesse circuito, o que terá levado a tal marca?

A clínica com a criança autista nos coloca diante dessa questão que tenho sinalizado, aquela que diz respeito à atividade psíquica anterior ao ingresso no circuito pulsional. Tenho tendência a pensar que nesses escaninhos a atividade pulsional dispensa o complemento do objeto. Então, temos uma atividade anímica destituída de complemento e de difícil tradução representacional – que convencionamos chamar de *Lust*, conforme a indicação de Freud -, que se passa, como referido acima, na superfície multiforme do corpo e das sensações que nele são geradas. Contudo, é preciso resguardar a possibilidade de representação de vivências arcaicas como formulado por Piera Aulagnier. As inscrições em pictograma parecem próximas dos desenhos das primeiras satisfações. Prefiro intuir que essas experiências são essencialmente de forma, circunscrevem e desenhavam formas, nas quais tudo o mais vem se alojar. O inconsciente, na sua versão mais arcaica, seria formatado por essas tramas do sensível – afastando o que promove o desprazer e repetindo o prazer. É da possibilidade de estar concentrado nessa atividade que decorre toda uma modalidade de vida psíquica eminentemente estética, mantida por *figuras* auto-geradas, de forte impressão criativa. Tudo aí parece perdido, a não ser quando, tempos mais tarde, somos convocados, frente às diferentes expressões artísticas, a dar passagem a essa espécie de *gestalt* dos tempos primevos.

Aproveito esse ensejo teórico para mais uma releitura das sessões com Guili. Nos encontros em questão, Guili tem retomado uma atividade há algum tempo não repetida por ele. Trata-se de encher e esvaziar recipientes como caixas, latas e correlatos, cujo conteúdo é a seleção de determinada categoria de objetos: peças plásticas de jogos de montar, letras plásticas, carrinhos metálicos, etc. Mais recentemente, seu interesse se voltou tanto para as batatinhas fritas, que são cuidadosamente arranjadas na caixa plástica de forma a conter todas as unidades, quanto pelo cesto metálico que passa a receber todos os diferentes

carrinhos, ou melhor, todos os veículos que dispõem de rodas, pois nessa categoria incluem-se aviões, locomotivas e outros afins.

O ciclo completo da atividade inclui encher o recipiente, produzindo ênfase no barulho de metal contra metal, pois, não raro, essas peças são arremessadas com certa força para dentro desses recipientes. Em seguida, o recipiente é chacoalhado para depois ter seu conteúdo lançado ao chão. Isso que chamo de ciclo é repetido por um certo número de vezes.

Ao relatar essas passagens, numa sessão de supervisão, recebi de minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Maria Izabel Tafuri, a recomendação para realizar a mesma atividade que ele, só que desta feita, diferentemente do que vinha fazendo, isto é, me engajar junto com ele em sua faina de encher e esvaziar. Eu deveria escolher um outro recipiente e, assim, realizar minha própria atividade, com outras peças igualmente selecionadas por mim.

Assim, num de nossos encontros, após ter sido carregado por mim para dentro da sala e manifestado sua contrariedade, enfrentando-me com gritos, mordidas e pontapés, o que nessa ocasião manifesta com menor intensidade, Guili se dirige para a sala contígua e lá inicia sua atividade eletiva – carrinhos ao cesto metálico. Estando ao seu lado, após escolher um balde com peças de montagem, inicio minha própria brincadeira depositando as peças no balde. Desse jeito, permanecemos em nossas operações paralelas.

Não muito tempo depois de iniciarmos nossos jogos, Guili se aproxima e, ainda de costas, passa a manejar as peças que eu escolhera para lançar no balde junto a mim, de forma que se faz necessária até uma certa torção da mãozinha para conseguir realizar a operação da posição em que se encontra. Em seguida, ele se vira e assume de vez a atividade que eu executo. Ainda não satisfeito, eu me transfiro para um outro conjunto de peças e passo a lançá-las em um novo recipiente. A exemplo do que o vejo fazer, após

encher o balde, eu o sacudo, para depois voltar a derramá-lo. Pois bem, depois de algum tempo, Guili novamente abandona as peças que está manipulando para voltar seu interesse para os objetos que deposito no cesto. Toda essa ampla seqüência se conclui quando Guili, ao se levantar do chão, me oferece um abraço.

Depois de pouco mais de um ano de tratamento, considero importante constatar esses deslocamentos de Guili que se fazem, na forma como vejo, seguindo o desejo do outro, ou melhor, aderindo ao meu próprio desejo. Quero dizer que o fato de Guili abandonar o que está realizando em sua ação para, por duas ou três vezes, se transferir para o que eu próprio realizava, é bastante instrutivo para a compreensão desses fundamentos psíquicos que se referem, por exemplo, ao estabelecimento de uma marca de prazer, sua perda, sua procura, o encontro com objetos deslocados, equivalentes. Por fim, o ingresso no circuito pulsional emoldurado pela presença do outro, caráter da condição desejante e faltante da existência humana.

Para aqueles que compreendemos o autismo como tributário de um embaraço nesse enlace entre a vida psíquica estética e o circuito pulsional, que faz apelo à constituição dos objetos, tal vinheta clínica traz ao nosso exame uma posição mais avançada da jornada do pequeno Guili. Nessa passagem, já se admite cogitar a hipótese da formação do objeto perdido, do entrançamento psíquico capaz de realizar enlaces e florescer timidamente. Entretanto, páginas atrás, Guili era apresentado em suas explosões abruptas, que sugerem a ausência ou insuficiência de uma trama psíquica capaz de suportar frustrações ou transições de estados. Mas a clínica está aí para mostrar que essas disposições se combinam em Guili, de tal forma que uma posição mais avançada não leva, de pronto, ao abandono de uma disposição anterior.

Para recorrer, mais uma vez, às postulações teóricas de Aulagnier (1979), toda essa encenação pulsional que estou a examinar, demonstrada no extrato acima, parece se insinuar aos moldes do *processo primário*, aquele que para ela sucede o *originário*. Nessa fase, começa a ter precedência a função do Outro, o reconhecimento de um outro espaço, no qual, de forma enigmática para o sujeito, esse outro é capaz de realizar desejos que já não se referem exclusivamente àquela criança, que se supunha a fonte emanadora de todo prazer, agora pasmada pela intrusão da realidade fantasmática. Tal passagem, Aulagnier (1979) considera com estas palavras:

*A realidade do Outro é, para nós, a realidade da diferença presente entre o desejo da mãe e o desejo do infans. Primeiro obstáculo que encontra o princípio de prazer, certamente o mais duro e o mais difícil de ser contornado. Que o primário seja fundado pelo desejo do Outro é uma constatação da qual ele não pode escapar (...). Todo fenômeno, para ter acesso ao originário, deve ser representável por um pictograma; para isto, é necessário que uma zona-função, sede de percepção, seja erogenezável. A partir deste momento constata-se que é enquanto fonte de prazer que o objeto pode ter acesso ao espaço psíquico. O campo do primário obedece à mesma lei: a fantasmatização da experiência deve ser acompanhada de seu investimento: nada é fantasiado gratuitamente. Através desta atividade, procura-se a representação de um estado de prazer cuja fonte foi uma primeira experiência, com a diferença de que a fantasia remodela um fragmento do mundo reconhecido como exterior, mas tornado adequado às metas do desejo (p. 75).*

Mas como dizia, guiado agora por mais essa contribuição de Aulagnier, a vivência clínica em exame sinaliza no sentido de que algo está estabelecido ou começa a refazer uma marca psíquica, rudimentar que seja, mas suficiente para levar o pequeno Guili à tentativa de *remodelar um fragmento do mundo* – mundo, na cena, representado pela ação que eu

desempenho –, de forma a voltá-lo aos seus interesses de prazer. Só que, para tanto, lhe foi necessário se deslocar, seguindo as pegadas do meu desejo. Guili quer se reencontrar com um prazer que ele supõe poder estar do outro lado, ou então do lado do outro, na minha ação, resultado da minha escolha, entre peças e recipientes marcados pelo meu desejo. Ao aderir ao desejo de um outro – no caso, o desejo do terapeuta – ele encena o que é falta nele. E assim, na falta, eu encontro a amostra, os signos de sua alteridade, que ele arremata com o gesto melífluo de um abraço (...). Enfim, é que as pedras são, por vezes, as veredas a seguir.

Apenas para reeditar, mais uma vez, a questão que se movimentava por trás dessas considerações que trago para primeiro plano, vale lembrar mais uma assertiva de Aulagnier (1979):

*Porém, no registro da fantasia inconsciente, a imagem do objeto será sempre o substituto da imagem de uma coisa corporal, isto é, de uma parte erógena de um corpo (p. 74).*

Se for viável o que até aqui foi exposto, questões metapsicológicas mais complexas começam a se levantar: terá o corpo porções eróticas não representáveis? Pode haver a perda de algo, coisa ou objeto não representável? Pode haver a perda do irrepresentável? Não estou certo de que possa esgotar todas essas dúvidas e indagações.

Contudo, se a capacidade de presentificar sensações prazerosas para si é alcançada desde o mais remoto tempo de vida, então não precisará o sujeito manter esse objeto aderido ao corpo. E o psíquico será toda essa trama que se realiza entre o sujeito e o objeto, pois é nessa ponte que, quase sempre, ele será encontrado. É nesse arco criativo e singular, que favorece a passagem de um lugar a outro, que se imiscui a palavra, a metáfora, o

sintoma, antes a atividade sensível. Então, onde encontrar o sujeito pulsional e do inconsciente, senão no intervalo dessas significações?

Essas considerações, até aqui reunidas, têm em conta a constituição do aparelho psíquico a partir do corpo pulsional, como de resto todos sabemos, que é tanto fonte de prazer quanto de desprazer. Se por um lado ele oferece o modelo de funcionamento da atividade psíquica, como já mencionei, também pode ser fonte dessas imagens de devoramento e aniquilamento.

*Cada vez que o representado não consegue ignorar a necessidade, ele é acompanhado de uma vivência de desprazer, consequência do ódio por todos os objetos, parte integrante do próprio desejo (...). Estranho destino do corpo, pleno de graves consequências: por um lado, ele é o substrato necessário à vida psíquica, e fornecedor dos modelos somáticos dos quais se apropria a representação, por outro lado, em obedecendo a leis heterogêneas às da psique (que deverão, entretanto, impor sua exigência e obter uma satisfação real) ele se torna a prova, irredutível para o psiquismo, da presença de um outro espaço, e por isto, objeto privilegiado de um desejo de destruição (Aulagnier, 1979, p. 46)*

Sim, é bem verdade, intrigante e inquietante *destino do corpo*, pleno de contradições, ambivalências e desvãos. Aproveito o comentário para dar passagem ao que se segue como breve tergiversação.

Tenho pensado que não precisamos, para encontrar ou definir a tópica psíquica, de um lugar fundo, escuro, tenenobroso e abissal. Não desconsidero a importância desse lugar para o nosso imaginário. Pensando mesmo em Freud e em seu tempo, talvez tenha sido indispensável a esse fabuloso *médico de almas* situar o inconsciente nas cotas mais inferiores da vida humana, pois quem sabe lá ele pudesse estar a salvo da consciência

crítica de seus ferozes opositores, ainda que não cansasse de demonstrar seus efeitos na vida cotidiana mais comezinha. Mas hoje, quem sabe pudéssemos pensar que a vida psíquica possa dispensar essas alusões abissais? Pelo menos essa é a leitura que faço ao me iniciar na clínica do autismo.

Se me fosse feita a pergunta, dentro dessa tradição científica que tudo quer localizar, onde se situaria o inconsciente? Eu responderia, num arroubo frouxo de exatidão metodológica, que deveríamos procurá-lo no corpo erótico, pulsional, ainda que, dada sua ubiqüidade, ele pudesse ser encontrado em qualquer lugar da tópica psíquica. É bem verdade que, no lugar onde o procuramos, provavelmente não seja achado, pois é próprio de sua atividade estar em outra cena, diferente daquela para a qual se dirige nossa atenção.

Já não temos mais acesso ao imediato do corpo. Quando dizemos que uma experiência é imediata, ela o é no sentido de acessar essa membrana epitelial diáfana e fantástica, inconsciente, cujo material que a tece é a própria ilusão, digo, *ilusão sensória* – isso se as coisas correm bem. Mas pode haver o caso em que esse revestimento encontra-se esgarçado, contingência em que a aderência humana vai ao sensível, que vazou pela fenda, e lá se prende e se perde.



## CAPÍTULO 4

### REPRESENTAÇÃO, COISAS, FRAGMENTOS: relicários do tempo

O impacto da pulsão sobre o psíquico leva às formações representacionais humanas. Por sua vez, a metapsicologia procura compreender a articulação entre a pulsão, a representação e o objeto. Conforme nota do Editor Inglês dos textos de Freud, *Vorstellung* é a palavra alemã que corresponde ao ato psíquico que *abrange os termos ingleses “idea” (idéia), “image” (imagem) e “presentation” (apresentação)* (Freud, 1915, p. 178). Para a psicanálise, essa *representação* não corresponde àquela tratada no campo das disciplinas da consciência, justo porque o ato psíquico em psicanálise não é tributário de uma operação da consciência, pois resulta de um movimento pulsional que se inicia e que se processa em outra instância, a que Freud deu o nome de processo psíquico primário.

Mostramos no capítulo anterior a concepção de Aulagnier acerca das modalidades de representação pré-simbólica. Contudo, ainda me parece proveitoso examinar certos conceitos de Freud que, trazidos ao plano de nossos interesses, podem render reflexões algo esclarecedoras.

Hanns (1999) examina três diferentes conotações do verbete *Vorstellung* na obra de Freud. O primeiro sentido refere-se a *Darstellen* que *remete à ação de colocar algo, que ainda não está apreensível, na dimensão apreensível da linguagem (linguagem sensorial, pictórica, auditiva, cinestésica, etc.), e em seguida, mostrá-lo* (p. 79). Ele lembra que Freud usa o termo quando fala da figurabilidade/representabilidade na formação dos sonhos. O que se destaca desse sentido é o trabalho criativo de produção de imagens.

Mas *Vorstellung* pode se referir ao verbo *Vertreten* e ao substantivo *Vertretung*. Mostra Hanns (1999) que, nessa acepção, o sentido privilegiado é o de *estar no lugar de outro* (p. 80). Aqui, a expressão indica que a pulsão se manifesta por procuração ou delegação na esfera psíquica, na forma de imagens ou palavras.

Por fim, o terceiro tipo está ligado ao substantivo *Vorstellung*, cujo verbo correspondente é *sich vorstellen*, que significa *re-produzir/repetir/reativar internamente uma imagem já disponível*. Alerta Hanns (1999) que a diferença em relação ao sentido de *Darstellen* é que, nesse caso, o trabalho de constituição da imagem se faz *a partir de elementos já disponíveis* (p. 80). Assim, conclui Hanns (1999) que:

(...) *a pulsão é Darstellbar (traduzível, exprimível, configurável) em imagens, Vertretbar (substituível, delegável, simbolizável) por essas imagens e essas mesmas imagens são Vorstellungen (representações internas, reproduções mentais, são imagens guardadas na memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis)*.

*Em geral, trata-se em Freud destes dois últimos sentidos; a pulsão é representada (Vertreten, Repräsentiert, Repräsentanz) através de representações (Vorstellungen)* (p. 83).

Curioso é que para o trato das questões suscitadas neste trabalho o sentido de *Darstellen* tem particular interesse. Quando perguntamos acerca das primeiras inscrições psíquicas, parece interessante compreender como se faz a impressão de um vestígio de imagem no estrato inconsciente. Portanto, parece viável supor que, nesse tempo, é de uma representação tipo *Darstellen* de que se cuida, o que se traduziria por grafar uma marca inédita, sem traços ou elementos de composição anterior.

A tradução dos termos *Repräsentanz e Vorstellung* tem levado a certos embaraços para a compreensão do que Freud pretende com o uso, muitas vezes conjugado, dessas

expressões. *Repräsentanz* exprime a função de *apresentação psíquica* da pulsão. Trata-se de traduzir o corpo erógeno numa expressão psíquica, mas não é ainda nesse ponto que se deve falar de idéia ou representação. Única e exclusivamente por especulação, e para tornar mais clara a distinta manifestação desses conceitos (*Repräsentanz e Vorstellung*), poderíamos supor que, se o arco de movimentação da pulsão pudesse ser fotografado, esse ponto, expresso pelo termo *Repräsentanz*, seria aquele onde a manifestação da apresentação psíquica da pulsão, de sua expressão psíquica, ainda não estaria acompanhada de sua dimensão representável, ou seja, de sua parcela ideacional compreendida pelo termo *Vorstellung*. Ainda caberia ressaltar que essa *apresentação psíquica* da pulsão (*Repräsentanz*) tem como derivados a parcela de representação (*Vorstellung*), já mencionada, e a parcela de carga afetiva ou *quota de afeto* associada a tal representação. Freud (1915/1996) mesmo lembra, no texto *Repressão*, que, considerando o propósito do recalcque como sendo a evitação ao desprazer, muitas vezes, o destino dos afetos é mais importante do que o das representações (p. 158). Ainda ocorre em Freud o uso conjugado *Vorstellung Repräsentanz* para se referir à apresentação representativa da pulsão. Na interpretação de Ricoeur (1977), que aqui adoto para o esclarecimento dessa passagem, lê-se que:

*Há um ponto em que a questão da força e a questão do sentido coincidem. Esse ponto é aquele onde a pulsão se designa a si mesma, torna-se manifesta, dá-se numa apresentação psíquica, isto é, num algo psíquico que “vale pela” pulsão. Todos os afloramentos no consciente não passam de transposições dessa apresentação psíquica, desse “valer por” originário. Para designar esse ponto, Freud forjou uma excelente expressão: a de Repräsentanz. Há algo de psíquico que “apresenta a pulsão” enquanto energia, pois o que chamamos representação, isto é, a idéia de algo, já é uma forma derivada*

*desse índice que, antes de representar algo – mundo, corpo próprio, irreal –, anuncia a pulsão como tal, apresenta-a pura e simplesmente (p. 117).*

Uma observação tem lugar a partir desses postulados, convidando-nos a examinar uma possibilidade, ligeiramente mencionada no capítulo 2, mas para a qual ainda não me encontro em condições de chegar a um desenvolvimento conseqüente. Tal aspecto diz respeito à suposição de que a pulsão pode estar representada no psíquico, ou melhor, apresentada, mas nem sempre ser representável. Será correto supor que tal força pulsional possa, em algum momento, não produzir ou não encontrar a dimensão representacional, que lhe garanta uma certa ordenação ou *estrada psíquica pavimentada pelas representações à busca de realização*? Nessa conjectura, a pulsão se manifestaria no psíquico, se apresentaria em sua atividade, mas não decorreria dessa atividade uma conformação psíquica passível de tradução, transposição ou substituição.

O Professor Francisco Martins (2006), no estudo que realiza na intersecção entre Semiologia e Psicanálise, com alguma variação do que foi apresentado acima, ressalta o aspecto da realização de uma atividade criativa envolvida na *apresentação da coisa*, conforme interpretação que faz desse termo, no trecho a seguir:

*O termo representação (Vorstellung) deve ser entendido como uma apresentação da coisa mesma e não como uma re-apresentação. Na apresentação existe uma atividade de criação original e não simplesmente uma reapresentação da coisa. Os termos alemães Repräsentanz e Repräsentant, ambos de origem latina, asseguram o sentido mais conhecido de representação, nas línguas latinas, como sendo um representante de algo, um substituto representante de algo ou alguém. Outro termo alemão utilizado por Freud é Darstellung. Este diz respeito aos meios de apresentação, de*

*desempenho de papel, tal como dizemos que um artista de teatro desempenha ou representa bem o seu papel (p. 22).*

Por fim, e para evidenciar mais uma vez a pertinência da distinção apresentada acima, ele afirma:

*Deve-se então distinguir pontualmente o conceito geral de “representância”, que envolve os representantes dos interesses da pulsão no psiquismo (Tribrepräsentanz) do conceito de “representação” (Vorstellung). No entanto, é significativo que a representação é dependente, submetida à dimensão energética, seja por seu representante psíquico da pulsão, seja pela ligação do afeto à representação (p. 23).*

Prefiro passar imediatamente a uma citação de Freud retirada do texto *O inconsciente*, para depois comentar o que me ocorre dessas passagens tão plenas de significação e que estimulam as mais desatadas prospecções nessa vida oceânica dos primeiros vestígios, feita de tantos traços, que meu olhar hiperbólico é tangente ao encontro do nada.

Freud (1915/1996), no texto *O inconsciente*, após justificar a hipótese do inconsciente como indispensável à compreensão das produções de sentido humano, relaciona três modalidades de *apresentação (Vorstellung)* afeitas a cada uma das instâncias topograficamente definidas em termos de Inconsciente (Ics), Pré-consciente (Pcs) e Consciente (Cs), sendo elas, respectivamente: a apresentação-coisa, a apresentação-palavra e a apresentação-objeto.

*Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação consciente e uma inconsciente. As duas não são, como*

*supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade; mas a apresentação consciente abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas. O sistema Ics. contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs. ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs. (Freud, 1915/1996, p. 206)*

A conclusão a qual chega Freud no extrato acima mencionado decorre de observações clínicas, tanto realizadas por ele mesmo quanto por seus discípulos, dentre os quais, Victor Tausk. O que podemos constatar no último capítulo do texto *O inconsciente* são exemplos de pacientes com sintomas psicóticos, um dos quais trazido ao seu exame por Tausk, que chamam a atenção de Freud e o ajudam a compreender a organização inconsciente e a composição da apresentação-coisa, da apresentação-palavra e da apresentação-objeto.

Freud nos diz, nessas páginas, de sua surpresa em constatar que, nas neuroses de transferência, aquilo que se revela pela Psicanálise como inconsciente, aparece nas esquizofrenias como sendo consciente. Nesse caso, trata-se da conhecida assertiva de que, na psicose, o *inconsciente está a céu aberto*. Tal efeito produzido na esquizofrenia se justifica, diz Freud, pela retirada ou fuga das catexias das apresentações-objeto, mantidas pelas percepções conscientes, em favor das catexias das apresentações-palavra, que se realizam no pré-consciente, cujo resultado é a chamada perda da realidade.

O exemplo trazido por Freud, que lhe foi oferecido por Tausk, relata a história de uma paciente que, após discussão com o amante, manifestou a queixa de que *seus olhos não estavam direitos, estavam tortos*. Seguiu-se a essa queixa lamentos e imprecizações dirigidas ao amante: *era hipócrita, um entortador de olhos, ele tinha entortado os olhos dela; agora ela tinha olhos tortos; não eram mais os olhos dela; agora via o mundo com os olhos diferentes* (Freud, 1915/1996, p. 202). Numa outra ocasião, se sucede o seguinte episódio com a mesma paciente:

*Ela estava de pé na igreja. De súbito sentiu um solavanco: teve de mudar de posição, como se alguém a estivesse pondo numa posição, como se ela estivesse sendo posta numa certa posição* (Freud, 1915/1996, p. 203).

Nos conta Freud que com esse episódio a paciente renovara suas acusações contra o amante, agora no sentido de ressaltar que, sendo o amante um falsificador, fazia com que ela própria se falsificasse: *ele dera uma falsa impressão da posição dele; agora ela era igual a ele (por identificação), ele a pusera numa falsa posição* (Freud, 1915/1996, p. 203).

Ainda num outro exemplo, Freud mostra como um paciente sob seus cuidados afirma ter *cravos e profundos orifícios no rosto que todo mundo nota* (p. 204). Esse paciente, ao realizar a manipulação dos cravos do rosto e a extração do conteúdo dos mesmos, começou a pensar que surgia uma profunda cavidade no lugar dos cravos espremidos. Freud considera essas operações como *formações substitutivas* da masturbação (espremer-ejacular) e da realização da ameaça de castração que vem como represália a sua masturbação, aqui representada, em palavras, pela cavidade aberta que é o substituto do órgão genital feminino.

Por óbvio, minha pretensão com essas citações não é a de me alongar na análise da formação dos sintomas na esquizofrenia. Contudo, algumas das construções de Freud, a partir do estudo que realiza nesse campo, são interessantes para a compreensão do inconsciente e do registro que aí se faz em termos da apresentação-coisa, nessa que pretendo me deter um pouco mais adiante.

Nos exemplos coligidos por Freud, se observa a prevalência das palavras, do pensamento. Não há, como um caso de histeria poderia supor, uma encenação pela via do corpo. As palavras fazem as coisas, ou melhor, as palavras são as próprias coisas ou são corporificadas. A palavra, Freud dirá, está contaminada e invadida pelas sensações do corpo, retidas nas apresentações-coisa do inconsciente. As palavras esquizofrênicas retorcidas equivalem ao corpo histérico distorcido e convulsionado.

*Gostaria de chamar a atenção mais uma vez para o fato de que todo encadeamento de pensamento é dominado pelo elemento que possui como conteúdo uma inervação do corpo (ou, antes, a sensação dela). Além disso, no primeiro exemplo, uma histérica teria, de fato, entortado convulsivamente os olhos, e, no segundo, dado solavancos, em vez de ter o impulso para agir dessa forma ou a sensação de agir dessa forma; e em nenhum dos dois casos ela teria tido quaisquer pensamentos conscientes concomitantes, nem teria sido capaz de expressar quaisquer pensamentos depois.*

(...)

*Se perguntarmos o que é que empresta o caráter de estranheza à formação substitutiva e ao sintoma na esquizofrenia, compreenderemos finalmente que é a predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas (...) O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las. Onde as duas – palavras e coisas – não*



*coincidem, a formação de substitutos na esquizofrenia diverge do que ocorre nas neuroses de transferência* (Freud, 1915/1996, pp. 203-205).

O estudo dessas questões levou Freud à compreensão de que a apresentação consciente do objeto é composta pela apresentação-palavra e pela apresentação-coisa – divisão que permite explicar o fato de que, na esquizofrenia, ao retirar o investimento dos objetos, voltando-o ao Eu, se mantém, entretanto, o investimento na apresentação-palavra, sendo que a dimensão significativa dessa palavra e a referência ao mundo dos objetos, sofrem um rompimento ou uma degradação, pois passa a ser privilegiado o elo com a cadeia inconsciente das apresentações-coisa. Agora, pela primeira citação de Freud relacionada acima, temos que o inconsciente *contém as catexias das coisas dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais*. Em seguida, ele nos diz que a hipercatexização dessas apresentações-coisa é que levam à ocorrência do pré-consciente e da conseqüente catexização das apresentações-palavra associadas e, portanto, da aquisição e introdução no universo da linguagem.

Numa outra vertente do problema, o exame do mecanismo de repressão ou recalque que opera nas esquizofrenias e outras psiconeuroses narcísicas leva Freud (1915/1996) a propor uma modificação na fórmula do recalque como processo que ocorre entre os sistemas Inconsciente e Pré-consciente. O recalque opera pela retirada das catexias das apresentações que devem ser apartadas da consciência, e nesse caso, diz Freud (1915/1996), ele opera de igual maneira tanto nas psiconeuroses narcísicas quanto nas psiconeuroses de transferência. Contudo, no caso da esquizofrenia, ainda que fosse esperado que o recalque repercutisse também no Pré-consciente, subtraindo as cargas das apresentações-palavra associadas às moções indesejáveis, conforme já apontado nos

parágrafos anteriores, ocorre o adensamento dessas catexias ligadas às palavras (p. 208). Como responder então a essa questão? A resposta de Freud me parece ser uma das contribuições mais originais ao campo das produções psíquicas, e, ademais, traz o selo infalível da alma predestinada a sublevar a ordem monótona da lógica da causalidade e da supressão de sintomas. Eis, portanto, a assertiva de Freud (1915/1996):

*A catexia da apresentação da palavra não faz parte do ato de repressão, mas representa a primeira das tentativas de recuperação ou de cura que tão manifestamente dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Essas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido, e pode ser que, para alcançar esse propósito, enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com palavras em vez de coisas (p. 208).*

Quem sabe o leitor se pergunte porque eu teria feito a opção por adentrar esse cerrado metapsicológico das diferentes nuances dos representantes psíquicos da pulsão e, acompanhando Freud, ter desaguado nos mecanismos de formação da esquizofrenia? Não tenho a intenção de fazer aproximações entre o autismo e a esquizofrenia, tampouco pretendo encontrar em Freud o mecanismo que pudesse elucidar, de forma cabal, a problemática do autismo. Distante daí, meu propósito é mais moderado. Creio que se Freud trata da esquizofrenia no texto *princeps* do Inconsciente é porque esse tipo de formação psicopatológica ajuda a compreender acerca das fundações do Inconsciente e da formação (ou deformação) da linguagem humana. Entretanto, não me poupo os riscos, ao apontar uma dimensão que introduz uma função extraordinária, tanto para a constituição do psíquico quanto para o entendimento da experiência autística: o ato criativo.

A leitura que faço da última citação de Freud é que a produção esquizofrênica, de semblante desagregado, traz em si uma *organização* que se traduz como uma *tentativa de cura*. Em meio a tanta desordem, não se extravia do sujeito a capacidade, quem sabe última, para erguer, num ato criativo, o próprio sintoma. Penso que algo semelhante pode se passar com a criança autista na formação de seu sintoma. Mas a *tentativa de cura* não jaz no sintoma, ela repousa na *estilística* de sua fabricação, nessa dimensão que é capaz de subjetivá-lo, de singularizá-lo no sintoma, e até, por sorte ou por arte, de oferecer uma saída criativa e elaborada com outras letras para o sofrimento devastador. Ato criativo, mínimo que seja, personalizado e preservado da devastação, imperceptível às câmeras remotas dos saguões psiquiátricos, ou até às lentes cintilantes de catalogação de sintomas e registros de histórias.

No estudo do Professor Francisco Martins (2006), já mencionado, lê-se que *na apresentação existe uma atividade de criação original e não simplesmente uma re-apresentação da coisa*. Ele atribui essa atividade de criação à forma discursiva clássica denominada *poiesis*.

*Freud defronta-se na sua clínica com as três formas discursivas referidas pelo filósofo clássico: epistemé, phronesis e poiesis. Ao falar, necessariamente se produz modalidades de conhecimento que não são somente da ordem do conhecimento científico, que seria uma dimensão mais específica do que chamamos epistemé. Já phronesis diz respeito ao conhecimento prático derivado das práticas e costumes, estando por isto mesmo intimamente relacionada com as falas de ordem moral e ética. Poiesis implica, como o nome indica, a produção mais radical do sujeito, estando intimamente relacionada à poesia e até ao sangue, posto que é fabricado nos tecidos hematopoiéticos (p. 6)*

Conforme podemos apurar de seu ensino, essa atividade de *poiesis* está referida ao corpo próprio e ao narcisismo do sujeito, digamos à dimensão pulsional, situando-se predominantemente num plano infralingüístico. De tal atividade pode advir toda uma produção de imagens que não encontram abrigo imediato no mundo simbólico convencionado da linguagem. Isso é o que pode ocorrer quando estamos diante de uma obra de arte ou até mesmo em associação-livre no trabalho psicanalítico.

Antes de fazer algumas considerações a respeito da apresentação-coisa, gostaria de voltar à primeira citação de Freud feita no início do texto, pois se trata de um problema circunscrito pelo próprio Freud, cujo trecho em questão é a resposta em termos das três apresentações psíquicas lá formuladas. Freud (1915/1996), no texto *O inconsciente*, depois de introduzir a concepção tópica do aparelho psíquico, dada pelos sistemas Inconsciente (Ins), Pré-consciente (Pcs) e Consciente (Cs), levanta a seguinte indagação: devemos supor que quando um ato psíquico é transposto do sistema Ics para o sistema Cs acarrete um novo registro, estabelecendo uma dupla inscrição dessa idéia inconsciente; ou, de outra forma, devemos supor que essa transposição acarrete uma mudança no estado da idéia sem conseqüente mudança de localidade? A primeira hipótese ele cunhou de *topográfica*, sendo a segunda chamada de *funcional*.

Freud (1915/1996) lembra que a *atividade mental se movimenta em duas direções opostas* (p. 208). Numa direção, ela parte das moções pulsionais inconscientes, alcança e leva à catexia do pré-consciente até chegar à atividade consciente. Noutra direção, ela se inicia pelas percepções externas e daí passa pelos sistemas Cs. e Pcs. *até alcançar as catexias do Ics. do ego e dos objetos* (p. 208). Mas, num caminho ou noutro, como essas apresentações se inscrevem no sujeito psíquico? Na fórmula de Freud (1915/1996), um recalamento primevo ou originário estabelece a *fixação* no inconsciente da representação

recusada na consciência. O chamado *recalcamento propriamente* dito é uma segunda fase, que recai sobre a cadeia de associações que faz elo com essa representação primeva recalçada. Completa a sua formulação da operação de recalque a afirmação de que essa *pressão posterior*, exercida pelo consciente, se conjuga com uma outra força de atração, exercida pela representação originária inconsciente sobre as idéias que com ela mantêm vínculos associativos (p. 153).

Na cruzada para chegar a compreender sobre essas inscrições primevas, vale novamente consultar a leitura de Ricoeur (1977) sobre esses avatares inarredáveis da pulsão:

*Mas é o recalque que, por outro lado, nos impede de aprender diretamente a expressão psíquica primária da pulsão: é por essa razão que podemos apenas postulá-la. “O afastamento” das expressões conhecidas e reconhecidas da pulsão, relativamente à sua primeira expressão, é sempre maior do que podemos imaginar. (...) aquilo que tomamos como a expressão originária da pulsão já é o produto de uma fixação. A relação entre expressão e pulsão nunca nos aparece como uma relação instituída, sedimentada, “fixa”. Seria preciso poder remontar além desse recalque primário (cuja realidade clínica não discutimos aqui, mas suas implicações epistemológicas) para se atingir uma expressão imediata. Freud, porém, nunca disse, que eu saiba, em que condições poderíamos remontar além do recalque primário.*

*O recalque primário significa que já estamos sempre no mediato, no já-expresso, no já-dito. Com maior razão, o recalque propriamente dito nos condena a mover-nos entre simples derivados (...) (p. 119).*

Sim, não temos acesso, talvez nem conceitualmente, àquilo que supomos por originário. Não há como presumir os contornos dessa percepção fresca que vem se

depositar no inconsciente. Mas, antes mesmo das representações-coisa se fixarem no inconsciente, há todo um excitatório que decorre do encontro com o outro e dos cuidados dispensados pela mãe em favor do bebê. Aqui se situa, portanto, todo o desenvolvimento de Laplanche (1988) acerca da *sedução originária*, cuja fórmula ele expressa nos seguintes termos: *a única verdade do apoio é a sedução originária*. Ele encontra nos gestos dos cuidadores a matrix da sexualidade que constituirá a vida psíquica inconsciente que decorre desse encontro.

*É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele mesmo e incontroláveis para a criança, que elas produzem, sobre os lugares ditos erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que leva eventualmente à atividade auto-erótica. Mas o veículo obrigatório do auto-erotismo, o que o estimula e faz existir, é a intrusão e depois o recalçamento dos significantes enigmáticos trazidos pelo adulto (Laplanche, 1988, p.80).*

Tudo sugere, por excelência, uma rede psíquica que se estende entre o bebê e sua mãe repleta de tantos fragmentos irrepresentáveis e traumáticos que só mesmo o apelo à ação criativa humana é capaz de oferecer uma saída afirmativa em favor da vida imersa em tantos enigmas. Vale ainda apreciar esta outra circunscrição de Laplanche (1988) da *sedução originária*:

*Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Do que chamo significantes enigmáticos, não é necessário*

*procurar longe para encontrar exemplos concretos. O próprio seio, órgão aparentemente natural da lactação: podemos negligenciar ainda seu investimento sexual e inconsciente maior pela mulher? Podemos supor que este investimento “perverso” não é percebido, suspeitado, pelo bebê, como fonte deste obscuro questionamento: que quer ele de mim? (p. 119).*

Por sua vez, e seguindo as trilhas conceituais introduzidas por Laplanche, Bleichmar (1994) dedica todo um estudo à compreensão desse *remanescente excitatório* que decorre da *intrusão do sexual sobre a cria humana*. Quer dizer, antes mesmo da efetividade do recalçamento originário, há restos ligados à atividade mental que se inicia nas percepções, ainda que traumáticos e levando à cisão do aparelho psíquico, não chegam a se depositar totalmente no inconsciente como apresentações-coisa. Tal suposição reforça a suspeita de que essa dimensão originária não se inicia pelas modalidades das apresentações. Quem sabe as apresentações psíquicas, definidas por Freud, já sejam um nível de organização posterior a uma condição pulsional mais caótica, para a qual arrisco propor a expressão: *utópica psíquica*.

*Elementos rebeldes a toda metábola, curto-circuito das redes capazes de propiciar um encravamento inconsciente, fixada a certos elementos que ingressam sob o modo da intromissão: nem tudo o que se inscreva – sem por isso ter um estatuto “consciente” – virá a fazer parte do inconsciente recalçado. Qual o caráter desses significantes enigmáticos que não alcançam um estatuto no entramado originário – se considerarmos originário não o que é dado cronologicamente nas origens, senão o que faz parte dos fundos do inconsciente, constituído por après-coup? (Bleichmar, 1994, p. 56).*

Reunindo agora, de forma mais sistematizada, o que foi dito acima, tem-se que esse encontro com o outro (seio) possibilita que na busca do alimento o bebê encontre-se com o sexual – traumático, excitante, pulsante. Assim, o outro participa com o seu próprio inconsciente, que na forma de *mensagens enigmáticas* invadem o neonato, deixando marcas no psiquismo em formação e um remanescente excitatório que o impulsionam na busca da descarga. Ainda dirá Laplanche (1988) que a inscrição desses *significantes enigmáticos* constituem o primeiro tempo do recalçamento originário. Não se tratando de um recalçado propriamente dito, senão de um tipo de *estatuto em espera*. Num segundo tempo, esses significantes traumatizantes serão ligados às teorias sexuais infantis, e o remanescente, não redutível à simbolização, será recalçado e passará a constituir o inconsciente (p. 80). Com a ressalva de Bleichmar (1994) de que há *signos de percepção* que por não encontrarem uma inscrição inconsciente, passam a *ficar à deriva no aparelho psíquico* (p. 56).

Portanto, para Laplanche (1988), é o resíduo dessa tentativa de tradução desses *significantes enigmáticos* que cai no inconsciente como representação-coisa. Trata-se de uma bela passagem, essa conjectura que faz da efetividade do outro, que aporta para a cena desse encontro *um sentido dele mesmo ignorado*, a ocasião determinante da constituição do inconsciente e de seus derivados.

*É assim que comento o problema de tradução que nos coloca a Sachvorstellung de Freud, que é, evidentemente, representação de coisa no sentido intencional, mas que no inconsciente se torna uma verdadeira representação-coisa. Este movimento da representação de coisa à representação-coisa significa precisamente esta fixação para além de todos os sentidos, até mesmo para além de toda referência, como dizem os lingüistas. A segunda particularidade destas representações é que elas são inconscientes, ou*



*que mergulham no inconsciente, e que ao menos uma parte é incapaz de voltar a ser consciente, nem mesmo pela análise, como sabemos. A análise só pode constatar que uma parte do inconsciente nunca poderá ser rememorada e trazida de volta ao consciente, mas somente encerrada numa rede de construções que tenta aproximá-la mas que não atinge a própria casa, a representação-coisa mesma* (Laplanche, 1988, p. 74).

Então, esse constructo das apresentações-coisa é o que temos, em Freud, mais próximo desses enigmas. Mais próximo do que podemos considerar – com licença da expressão – *a representação irrepresentável*, intraduzível da experiência humana. Sim, mas para Freud, as apresentações-coisa, remotas que sejam, por mais isoladas que possam estar das cadeias significantes, existem em articulação com as demais apresentações psíquicas: palavra e objeto. Como Apêndice C ao texto *O Inconsciente*, apresenta o Editor Inglês um trecho da monografia de Freud sobre afasia, datada de 1891, especificamente sobre o que chama o *aparelho da fala*. Vem daí a intuição de Freud sobre esses modos de apresentação psíquica.

Freud (1915/1996) concebe o *aparelho da fala* desempenhando uma função complexa que tem a *palavra* como sua unidade. Por sua vez, ele decompõe a *apresentação-palavra* em quatro componentes que passam a constituir um complexo fechado de apresentações, a saber: imagem sonora, imagem visual da letra, imagem motora da fala, imagem motora da escrita. Num outro pólo, ele situa a *apresentação-coisa*. Observa o Editor Inglês que há uma inversão de nomenclatura entre o texto da *Afasia* e o texto *O inconsciente*. O que ele denomina de apresentação-objeto no texto da *Afasia* corresponde à apresentação-coisa no texto *O inconsciente*. Feita essa ressalva, tem-se que a apresentação-coisa constitui um outro complexo, desta feita aberto, formado por apresentações visuais,

acústicas, táteis, cenestésicas e outras. A ligação entre esses dois pólos é que produz o efeito significante da palavra, ligação que se faz, privilegiadamente, entre a imagem sonora do complexo da apresentação-palavra e a imagem visual do complexo da apresentação-coisa. Sendo, por assim dizer, imagem sonora e imagem visual as componentes sínteses de cada um desses modos de apresentação (p. 221).

Depois desses esclarecimentos fica mais compreensível a definição de Freud (1915), encontrada no texto *O Inconsciente*, que considera a apresentação-coisa como a *catexia*, *se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas* (p. 206). A fim de ampliar a compreensão que possamos chegar dessa intrigante marca mnêmica estabelecida por Freud, que dá a partida do aparelho psíquico por ele concebido, volto a consultar os escritos e o pensamento do Professor Francisco Martins (2006), no ponto em que ele próprio pergunta: *o que são estes restos mnêmicos?*

*Eles são os restos da atividade sensorial e perceptiva, com elementos visuais, auditivos, tácteis, olfativos, gustativos, em especial as experiências prazerosas e de evitação de desprazer, gravadas nos primórdios da vida psíquica infantil. Interpretamos essas primeiras experiências como sendo da ordem da corporeidade sem mediação, sem re-presentation. Elas são as ativações dos traços de memória que foram significativos do ponto de vista pulsional. Implica algo da ordem de um pré-sujeito, da ordem daquilo que Peirce chama de primeiridade e os fenomenologistas chamam do sentir e mover-se anterior ao pensar, anterior a todo e qualquer sujeito cartesiano e, portanto a toda e qualquer simbolização. A esta primeira inscrição se pressupõe logicamente a inexistência de uma consciência tal qual a concebemos. Freud falaria de um Eu-prazer, de pulsão parcial, de um momento dos tempos primevos, onde se diferencia o dentro do fora. Neste*

*sentido as representações-coisa correspondem as ativações mnemônicas que sustentam todo o processo psíquico envolvendo tanto o aspecto afetivo ou pulsional quanto o representacional que permanecem no psiquismo (pp. 23/24).*

Veja o leitor que expressão definitivamente eloqüente de Freud, trazida na citação do Professor Francisco Martins: *Eu-prazer (Lust-Ich)*. Trata-se de um neologismo, introduzido por Freud, para expressar uma composição psíquica que não encontra abrigo nos recursos semânticos disponíveis. Com esse termo, Freud indica a possibilidade de que, imerso no universo oceânico do princípio de prazer, algo se esboça no sujeito em termos de um Eu, isso já desde os primeiros filamentos de vida. Portanto, é possível hipotetizar a existência de pelo menos duas ondas que concorrem para a *fundação do psíquico* – para usar a expressão de Bleichmar (1994). Uma que advém das experiências que aqui, de forma simplificada, porque já tratada em capítulo anterior, chamarei de *Lust*, onde todo um universo do contato-sensação acaba por plasmar um senso de Eu. Vindo ao encontro dessa corrente, ou partindo dela, ou até quem sabe concomitante a ela a onda pulsional se estabelece para constituir a memória inconsciente. Do que decorre que essas clivagens estruturantes – Eu e Inconsciente – não têm precedência uma sobre a outra, pois vão se constituindo de forma contemporânea nessa tensão e dialética que leva a fundamentar o que *é demasiadamente humano*: tramas de sensação e pulsação.

Essa conformação de Eu não tem ainda um lugar definido, não transaciona a energia que a mantém, não é força em conflito, entretentes é fruição em permanente continuidade de carga e descarga a mover as franjas de prazer que revestem o corpo-sensação.

Quando estudo o autismo como posição que ensina sobre a constituição do psíquico, e após haver revisitado essas modalidades de apresentação psíquica, fico inclinado à

investigação desse tempo que decorre entre os *significantes enigmáticos* e a formação das *apresentações-coisa*. Pelo que percebo, do até aqui reunido, *o sensível*, tão presente na clínica da criança autista, pode ser parte dessa função enigmática que desperta da sensação corporal imagens que se constituem como réplicas de si mesmo – é o que *se dá à psique como a apresentação de si próprio*, sustenta Aulagnier (1979, p.43).

As apresentações-coisa são os derivados, as sobras dessa atividade, como se, de súbito, algo viesse por fim a essa extasiante e penetrante continuidade de ser. As apresentações-coisas são memórias, tal qual relicários que guardam o tempo condensado em rebotalhos, letras carcomidas em frações de papéis, grãos de poeira em tempos puerperais, efrações sofridas (...). Eu me alinho entre àqueles que acreditam que boa parte da vida que virá depois será devotada à arqueologia, feita de *palavras e coisas*, desses tempos inmemoriais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem procura um sentido para a vida não está livre de encontrá-lo. Mas não está livre de vivê-la aquele que, tropeçando em tal sentido, não chegue nunca a decifrá-lo.

Situada nas primeiras linhas desse trabalho, a citação de Maud Mannoni (p. 1) ainda repercute forte em mim, em especial, nessa etapa reservada às últimas considerações dessa empreitada. O que lá se registra é o alerta da autora para a importância daquilo que *escapa ao analista* na jornada que realiza ao lado de seu paciente. Tal aconselhamento, se por um lado tem o perfil das letras talhadas numa intrigante cortina de fumaça, que não me permite alcançar de pronto toda sua vasta significação, por outro, me convida, de forma desassombrada, a seguir ao encontro dessas porções errantes, que se movem tal qual blocos de gelo ao se desprenderem da disciplina dos continentes polares, passando a navegar com assustadora exuberância, para a delícia contemplativa e o temor dos viajantes marinhos, antes de se diluírem nas correntes de água nas quais jamais voltarão a ser identificados.

Pois bem, quero dizer que, ao longo desse trabalho, parte do que aqui está exposto, parte do que aqui admite sistematização está pressionado por essas porções errantes, porções que me escapam, mas que, não obstante, se expressam, daqui por diante, com maior vigor em minha jornada, pois são, no dizer de *minha conselheira*, o insumo indispensável que dispõe o analista para realizar o trabalho de elaboração teórica.

Penso que o cotidiano da clínica com Guili foi o fator propulsor que fez se desprender de mim o que aqui está esposado. Não tenho como dissuadir aquele leitor que vier a considerar esse trabalho como um estudo de caso. Até porque há, por todo ele, indicações

que podem conduzir a essa compreensão. Entretanto, quero afirmar que não estudei um caso. Sou, isto sim, um refém das desordens de toda ordem que pululam na clínica com a criança autista. No limite, para repetir as referências preliminares, gostaria de ser, mas jamais chegarei a sê-lo, porque contido em minha insciência, o personagem *bobo* de Shakespeare ou, talvez, a *Dona Loucura* de Erasmo, que se esforçam para dizer, no fundo das cenas, o *trágico* que não pode ser pronunciado em primeiro plano.

Assim, chego a me interessar por isso que considero a estilística do sintoma autista, pois penso que, ao qualificar a dimensão estética que está presente nas formas de expressão desse sintoma, a experiência trágica da loucura pode, em parte, se ver reconstituída. Ora, a experiência trágica, no sentido que a tomo ao longo do trabalho, se refere ao irrepresentável. Entretanto, a expressão que entendo como sendo mais precisa pode assim ser transcrita: *aquilo que não se deixa traduzir por inteiro*. E, nesse sentido, a experiência mais próxima de nós é a do próprio corpo. O corpo de que falo não é um corpo substantivo. Trata-se do corpo adjetivado pela Psicanálise. É um corpo adjeto, unido, isso é, ao qual é preciso se acrescentar algo para vir a se tornar próprio. Então, é o desenho desse corpo adjetivo, auto-gerado em *tramas de sensação e pulsação* o que nos espanta na clínica da criança autista. E isso tudo nos informa a respeito da vida psíquica mais arcaica de todos nós. Portanto, meu trabalho é o de mostrar que aquilo que hoje nos aparece enquanto ruína, foi a casa pretérita de onde partimos para a conquista de funções mais avançadas do aparelho psíquico. Mas, para algumas crianças, a sobrevivência psíquica ainda está encerrada na preservação dessa moradia, onde encontram a segurança para se retirar e se aliviar em busca de alguma satisfação.

Agora, toda a vida psíquica que aí tem vez, nesse corpo adjetivo, está substabelecida pelas vivências de prazer e desprazer, conforme procuramos mostrar recorrendo ao pensamento de Freud.

Quando recuo até o ponto de admitir o mais elementar trabalho psíquico, proponho o entendimento de que toda essa vida estética, a qual me refiro, está mantida por mecanismos de regulação que visam equilibrar estímulos externos, momentâneos e de impacto, e excitações internas constantes, essas últimas que Freud veio a destacar como sendo as pulsões. *Pulsão e regulação* estão na base do primitivo arranjo psíquico, e impelem o ser ao encontro de um destino, e incitam à criação de rotas colaterais, vias vicinais. Por vezes, a beleza da criatividade humana parece estar em encontrar derivativos para o que na origem são desvios de um mesmo tema, fonte monotemática da vida – por igual enigmática.

Com exceção do aposto ao final desse último parágrafo – que deve ser atribuído aos exageros deste estudante *papachibé*, que traz nas veias volumes amazônidas, encantado de rios, botos, cheiros, lendas, furos e igarapés selvagens, além de guardar em si o estrondo onomatopaico da pororoca –, tudo o mais, em verdade, é absolutamente *vienense*.

Nesse tempo, a primazia é a de um sujeito defensivo, que para se retirar ao encontro das cenestesias, das suas próprias sensações, empurra para fora, expulsa para longe tudo o que é insuportável. Mas, na ação apropriada de defesa, alinha o que será depois a tópica psíquica.

Nessa versão do originário que privilegia o jogo defensivo, tem lugar a conjectura de um aparelho psíquico que oscila entre estar dominado por um acúmulo de excitação, que não encontra rede representacional que a ampare, quando se impõe a *angústia*, cuja

tendência é a descarga física imediata; e um outro estado complementar de quiescência produzido pela *satisfação autística*.

Em alguns pontos é possível a aproximação entre um bebê, no seu primeiríssimo tempo de vida, e a criança autista. É a possibilidade dessa aproximação, por óbvio, não justaposição, que nos leva a investigar – partindo ora de um, ora de outro – o acontecer da trama psíquica. O que digo tem amparo no desenvolvimento da capacidade de um bebê de se retirar ao encontro de sua própria sensorialidade alucinatória – *satisfação autística, Lust*. É a possibilidade de estabelecer essa condição, de se abrir e de se fechar, que o leva a estabelecer trocas satisfatórias com o ambiente. E isso tudo está introduzido por aquela feliz expressão de Freud – *identidade perceptiva* –, quando nos fala do vínculo entre a *imagem mnêmica de uma vivência de satisfação e o traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade*. Se essa associação consegue se estabelecer, então a via psíquica para a produção de uma *identidade perceptiva* estará pavimentada. E assim, ele presume a existência de um *estado primitivo do aparelho psíquico* em que a atividade psíquica estaria dominada pela produção dessa *identidade perceptiva*, com vistas a reviver a satisfação original. Repetição que se faria agora pelo investimento da percepção ou da imagem mnêmica da vivência de satisfação. Este é o caminho no qual, nas palavras de Freud: *o desejo termina em alucinação*.

Estou procurando oferecer um quadro sinótico do trabalho que realizei ao longo desses capítulos. Se me fosse permitido um *desenho animado* desse estado de coisas, eu proporia a imagem de alguém que, nas circulações que realiza em favor dessas utopias primitivas, se vê intrigado, ora quando acessa as salas de debate *metapsicológico*, ora quando, graciosamente, imagina a clínica que realiza como *oficina de produção estética*.



Dessa gangorra se extraiu boa parte do que aqui foi sendo produzido. E assim, continuo, ora fazendo-a pender para um lado, ora para o outro, até às últimas articulações desse texto. Aqui é preciso lembrar a citação de Freud descrevendo a atividade de *chuchar* de um bebê. Como já tive oportunidade de destacar, talvez essa descrição seja uma das mais extraordinárias fotografias da vida sensível de um bebê. Foram variadas as imagens que criei, ao longo do texto, para fazer falar essa dimensão, penso mesmo que fui ao extremo do atrito de uma palavra a outra, mas ainda assim resta a impressão de não ter conseguido *representar a coisa* que aí se passa: ritmo, repetição, puxadas; peças, dobras e mucosas em contato e fricção; sucção daqui e dali; rotas abertas em fina sincronia; acrobacias simultâneas, as mais variadas. A pressão pulsional impondo trabalho. Enfim, artimanha que leva o bebê a compor harmônica e criativamente o prazer estético.

Mas eis que, dependendo da leitura que se queira privilegiar, o foco de toda essa peripécia pode ser posto na *atividade*. Basta recordar o ponto em que dois sentidos para o termo *Lust* foram aludidos: o disposicional, impelente, que move o sujeito ao encontro do objeto de satisfação; e esse outro sentido que coloca em relevo a tensão prazerosa, equivalente ao brotar de um comichão, com foco na atividade e não no objeto.

Para mim, essa distinção, revelada por Freud e ressaltada por Luiz Hanns, ajuda a compreender, ainda que não a esgote, a desapercibida nota de Freud encontrada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* – que me encorajou para o comentário clínico dos irmãos Vitório e Vivaldi. Nesse trecho, depois de considerar a gama variável do objeto da pulsão, o que acaba por levá-lo a pensar que esse objeto tem um valor secundário, Freud conclui que *o essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa*. Aqui se interpõe a intrigante nota que me chama a atenção. Nessa nota, Freud advoga a distinção

entre a vida amorosa da Antiguidade e a dos nossos dias. Os antigos enalteciam a pulsão sexual, mas por nosso lado, diz ele, a ênfase é posta no objeto.

Aceito a provocação de Freud e sigo explorando suas reflexões. Uns celebram a pulsão e é como, se ao fazê-lo, pudessem animar os objetos, dotá-los de atributos, vivificá-los, e assim se mantêm atrelados à *atividade* pulsional em si, pois, por algum meio, estimam que na fonte, no brotar, encontram a satisfação que procuram. Outros desprezam os méritos da atividade pulsional, mas querem encontrar nos objetos a nascente de sensações prazerosas que eles não estão aptos a oferecer. Esses últimos, quando alienados nos objetos, ficam despossuídos de si, são estrangeiros desvinculados de suas porções pátrias originárias. As coisas que pertencem ao mundo, como o próprio corpo de cada um de nós, precisam, para ter existência humanizada, resultar de nossa repetitiva atividade de autogeração. Será, caríssimo Freud, que o essencial, o constante, o definitivo e inalienável caráter da pulsão sexual está em sua força gerativa capaz de prover a coisa que já está lá, produzir o mesmo, inventar o existente?

Bem, cheguei ao ponto em que é preciso recapitular o postulado de Piera Aulagnier. Ela nos fala do prazer de representar o mundo, da recompensa de prazer que decorre da atividade de representação. Eu diria, complementando, que a atividade de representação tem como afluentes duas correntes que não lhe escapam: a atividade de prazer e a atividade de criação. O prazer de representar cria o mundo em que se está representado. O leitor pôde acompanhar, no capítulo 3, a aproximação que existe, para Aulagnier, entre o trabalho de representação e o processo orgânico de metabolização. A representação é, portanto, o trabalho psíquico de metabolização, na qual um elemento heterogêneo ou é rejeitado, ou é convertido em material homogêneo. Quer dizer, cada um dos modos de funcionamento que

ela concebe – originário, primário e secundário – deve, em suas palavras: *representar o objeto, de maneira a que sua “estrutura molecular” se torne idêntica à do representante.*

Como mostramos, a representação pictográfica é, para Aulagnier, um modo de funcionamento originário, na qual o mundo, o extra-psique só tem existência pelo auto-engendramento de um *fragmento de superfície especular*. Portanto, o que se produz nessa representação é uma imagem de si. O que se acha nessa superfície especular é o próprio reflexo da coisa representada. Ressalto essa dimensão transcrevendo literalmente o que já havia registrado páginas atrás: *o que está por ser representado desliza como eletricidade estática na superfície do corpo erógeno – tensão, excitação, sensação. O modelo que a representação pictográfica cria reproduz essa experiência sensível. O que se cria é a silhueta da vivência sensível. A operação consiste em dar a ver o que já está lá, embora, estando lá, só venha a ter existência pelo ato de criação – esse é o corpo adjeto ou adjetivo do qual falava antes* (p. 98).

Agora, sempre resta a questão de se saber se toda essa – se me permitem novamente a força de expressão – *eletricidade sensoria* se deixaria traduzir, se deixaria representar, mesmo nos termos de uma representação pictográfica. A clínica com a criança autista sugere que não se deva deixar calar essa questão, mas percebo o quão complexa ela se mostra. Quando falo *daquilo que não se deixa traduzir* é para essa questão que me remeto, que evoca, em última instância, a tradução do corpo erógeno.

No capítulo 4, procurei abordar a formação das representações à luz dos conceitos de Freud. Há uma relação que logo nos chama a atenção: pulsão e representação. Nessa relação está todo o *segredo* da transposição do inconsciente ao consciente ou ao pré-consciente.

Com a ajuda de Paul Ricoeur e Francisco Martins vemos que a tradução que melhor se ajusta à palavra representação é *representação psíquica*. Na verdade, o trabalho de precisar o termo empregado por Freud não se constitui num preciosismo hermenêutico, pois recupera, com algum ganho de entendimento, a fronteira entre a pulsão e a representação. Isso nos permite primeiramente dizer que a pulsão é *Repräsentant*, termo alemão que define a pulsão não como, alerta Ricoeur, *representada por*, mas sim, *representadora de*. A pulsão aqui se manifesta designando a si mesma como a expressão energética do corpo no psíquico. Depois então, dizemos, num segundo momento, que ela é *representada por* idéias (Vorstellung) e afetos. Portanto, relanço a pergunta já formulada no capítulo anterior: será admissível a hipótese de uma atividade pulsional *representada* no psíquico sem que lhe ocorra a correspondente parcela ideacional? Se essa hipótese se confirma, poderia ocorrer a situação em que a pulsão se apresentaria em sua atividade psíquica, mas não adviria dessa atividade uma conformação psíquica capaz de traduzi-la? Quem sabe essa consideração admita uma conexão com o termo *Lust*, quando tomado no sentido que privilegia a atividade?

Embora não me ache em condições de dirimir essas questões ou circunscrevê-las com maior precisão, considero que seja parte de meu trabalho explicitá-las da forma que me for possível: haveria atividade psíquica anterior à formação das representações-coisa inconscientes? Como estabelecer o psíquico antes do auto-erotismo? E entre os postulados de Freud de representação-coisa e de Aulagnier de representação pictográfica caberia alguma articulação? Haveria precedência de uma dessas modalidades de representação sobre a outra?

Pelo menos, num aspecto, esses dois postulados parecem interligados. Ambos são constituídos no eixo das experimentações sensoriais e prazerosas. Também penso que seja

possível uma aproximação entre *satisfação autística* e *pictograma*, pois, se pode aplicar a ambos as noções de identidade perceptiva, auto-engendramento, sensação prazerosa voltada à atividade e, por fim, produção de uma superfície especular que se ajusta na contigüidade do corpo. Para além, a dificuldade está no fato de que muitas dessas perguntas nos levam a investigar o que se passa antes da demarcação de Freud, feita com a introdução do recalque originário. Como já mostramos com as letras de Ricoeur, o *recalque primário significa que já estamos sempre no mediato, no já-expresso, no já-dito*. Ou seja, não temos acesso à *expressão psíquica primária da pulsão*.

Muito do que aqui realizei, forçando para fazer falar esse ou aquele conceito, teve, dentre outras motivações, o intuito de demonstrar alguns indícios de atividade psíquica primária, em especial, porque da clínica com a criança autista chegam essas interpelações, que despertam meu interesse. Penso que Freud, sabiamente, encontra demarcações metapsicológicas, a partir das quais a roda do psíquico se coloca em movimento para ele. Assim, se encontram conceitos situados nesses limites: pulsão, identidade perceptiva, recalque originário, representação-coisa, auto-erotismo, dentre outros. Contudo, há indícios de hiatos sobre os quais recaem tentativas de desenvolvimento metapsicológico. Assim, por exemplo, para além dos autores já mencionados nessa etapa conclusiva, outros, como Laplanche e Bleichmar, procuram se aventurar, para empregar a expressão adotada por essa última autora, nas *fundações do psíquico*.

Laplanche introduz a idéia de *significantes enigmáticos*, que se referem àquilo que é aportado inconscientemente e intrusivamente pelo outro nos primeiros cuidados voltados ao filhote humano – a sedução originária. Esses significantes enigmáticos acabam por se constituir nas representações-coisa que vão se depositar no inconsciente. Mas antes, eles são um primeiro tempo do recalque originário. Aqui ele propõe a idéia de um *estatuto*

*em espera* para diferenciar do recalcado propriamente dito. Ainda vimos que, para Laplanche, o auto-erotismo se constitui num segundo tempo, que é o tempo da perda do objeto parcial, seio. Bleichmar, por sua vez, enfatiza que há restos que ligados à atividade mental não chegam a se depositar totalmente no inconsciente, o que ela considera como *remanescentes excitatórios* decorrentes dessa intrusão do sexual. Assim, ela nos fala em *signos de percepção* que estarão *à deriva no aparelho psíquico*.

Não sei qual impressão causa ao leitor o uso desses termos, expressões, conceitos que promovem algo de intrigante, desvelam a precisão e o inequívoco e expõem a face do enigmático: *identidade perceptiva, representação pictográfica, significantes enigmáticos, signos de percepção à deriva, etc.* Em mim, devo admitir que esses signos de indeterminação trazem algum alento, em nada incomodam e são bem-vindos para o esforço de reerguer o traço trágico inoxidável da existência humana – o que não se deixa depositar, traduzir, etc. Mas sei que, assim, não se passa com toda pessoa, com todo grupo, com toda Escola, com toda Academia, e de qualquer maneira devem ser respeitados e até preservados – a previsão de tempo que mora em mim não recomenda nem iconoclastias, nem fundamentalismos.

Dito isso, quero aproveitar a oportunidade para repercutir a voz deste autor que, em sua reconhecida proficiência hermenêutica, de grande valia para mim, ecoa um tanto quanto em oposição ao que se configurou como minha motivação:

*(...) não se deve pedir à psicanálise aquilo que ela se interditou de fornecer, a saber, uma problemática do originário. Tudo o que é primário, em análise – processo primário, recalque primário, narcisismo primário e, mais tarde, masoquismo primário –, só é primário num sentido inteiramente distinto do sentido transcendental: não se trata daquilo que justifica e funda, mas*

*daquilo que precede, na ordem da distorção, do despistamento. Assim, o processo primário exprime a satisfação alucinatória do desejo que precede qualquer outra construção fantasmática. O recalque primário decide sobre as primeiras fixações de uma representação a uma pulsão. O narcisismo primário designa, na retaguarda de todos os investimentos objetivos, o reservatório de onde procede toda pulsão. Contudo, jamais esse primeiro, para a análise, significa um primeiro para a reflexão. O primário não é fundamento. É por isso que não se deve pedir à psicanálise que resolva questões de origem radical, nem na ordem da realidade, nem na ordem do valor. Sem dúvida, jamais consideraremos os ideais e as ilusões senão como destinos de pulsão, “rebentos” mais ou menos “afastados”, mais ou menos “deformados” das expressões psíquicas da pulsão. Criação e prazer estéticos, ideais da vida moral, ilusões da esfera religiosa, só figurarão como elementos do balanço econômico da pulsão, como custo em prazer-desprazer (Ricoeur, 1977, pp. 129-130).*

Espero que o importante alerta de Paul Ricoeur ajude a promover um certo balanço em relação ao que aqui foi adotado como medida de aproximação dessa dimensão do originário. Porém, espero também, que não seja vã toda iniciativa que nesse sentido, ainda que modesta, procure se reportar ao que reclama a clínica com a criança autista.

Quanto à outra margem do rio, que ajudou a canalizar e conduzir o fluxo deste texto, devo dizer que o que fiz foi contar uma história. Não posso dizer que tenha sido a história de Guili. Não acho possível contar a história de uma outra criança. No limite, admito que seja a história de nosso encontro. Também não foi uma história clínica exaustiva, foram furos, fragmentos colhidos aqui e ali, na imersão da *dor e da delícia* daqueles dias.

Pela análise dos extratos escolhidos, procurei oferecer, posteriormente, um trabalho de elaboração, a fim de encontrar algum abrigo teórico para o conjunto dessas produções. Aqui passo em revista esses comentários coligidos ao longo do texto:

- falo em *afeto de angústia*, quando vejo Guili acumulado por excitações, para as quais não parece encontrar rede psíquica suficiente e continente. Acontecem também, nesses momentos, as rupturas bruscas, tipo descargas físicas, que o fazem bascular de um estado emocional a outro;

- quando algo sugere a tentativa dele de despir os objetos de suas impressões sensórias, a fim de transferi-las para o próprio corpo, penso na busca de uma *identidade perceptiva* com algum fragmento mnêmico, resto de sensação, à guisa de *satisfação autística* ou auto-engendramento aos moldes de um pictograma. Tudo parece propor a tentativa de identidade com uma marca, se não inteiramente ausente, também não completamente depositada enquanto marca inconsciente originária;

- constato sua ruidosa mobilidade pulsional, quando se desloca dessa atividade autística exclusiva, em que convive com suas próprias sensações, para outras modalidades, nas quais, por exemplo, tenta enlaçar os objetos com o fio de sua saliva;

- com o transcorrer das sessões e depois de completado um ano de tratamento, vejo que essa forma de existência – voltada às atividades de girar rodas, permanecer vidrado no movimento de líquidos ou bolhas coloridas, enfim, à composição, com seu próprio corpo e outros objetos, de uma superfície de circulação do sensível – passa a se combinar com aquilo que entendo como sendo as tentativas de ingressar no circuito pulsional propriamente dito;



- a sugestão é a de que possa haver uma passagem da exclusiva sensação prazerosa, voltada à atividade e não ao objeto, para essa outra organização auto-erótica, em que o corpo se apresenta como um *objeto* em suas parcelas de prazer.

- mas é na presença do outro, do terapeuta, que se efetiva um campo de experimentações favoráveis às modulações estéticas e eróticas do corpo. Assim, destaco o papel da mímica que o outro realiza dos gestos, dos sons, do corpo da criança, enfim, de suas produções. A repetição mímica, assim entendida, está a serviço da criação. É como se na mímica pudesse estar o complemento da figura que ainda não se apresenta fechada como produção estética singular. Quer dizer, lá pela tantas, a criança se torna capaz de se apropriar do corpo sensível que, refletido pelo desejo do outro, é a imagem especular de seu próprio corpo e fruto de sua criação. O corpo passa a ser próprio, erótico, quando a criança se apropria de uma réplica criativa desse corpo. A repetição da criança e a repetição do terapeuta podem favorecer o aparecimento de um signo original *metabolizado* nessa relação, *pictograma* que marca o estabelecimento do campo transferencial. Campo transferencial que, aqui, é atualização, reedição criativa do corpo sensível da criança nascido nessas sondagens;

- Há momentos, todavia, em que as indicações me levam a considerar os acontecimentos num outro plano de compreensão. Digo isso quando os exemplos clínicos sugerem todo um deslocamento de Guili para se reencontrar com um prazer que ele supõe poder estar do outro lado ou, então, do lado do outro, na minha ação, entre objetos marcados pelo meu desejo. Assim foi quando vi Guili se deslocando naquela ciranda de encher e esvaziar recipientes. Vindo ao encontro de meu desejo, ele se expôs na fratura de sua própria falta e, na falta, se desvela mais um signo de sua alteridade. E, assim, reabre, a cada vez, a esperança de que algo possa estar se recompondo ou se refazendo, enquanto

marca de prazer originário, objeto perdido, para lembrar Freud, páginas atrás: *o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro*. Tudo é muito sutil, e as palavras usadas para dizer de todas essas coisas parecem precipitar os acontecimentos, mas com alguma cautela eu diria que, nesse momento, ele se ensaiou pelos limites do outro ou, como pudemos conferir no dizer de Aulagnier, *campo fundado pelo desejo do outro*.

Feitas essas considerações, quero, ainda, aduzir um complemento. Depois desse estudo, estou convencido de que aquilo que fenomenologicamente se entende por estereotipia não encerra apenas formas fixas e clichês. Há setores do campo *psi* que, ao privilegiar o catálogo de sintomas, tendem a considerar a produção da criança autista estéril. Essa previsão acaba por preterir a iniciativa de tratamento que procura, com a criança, soerguer o que nela possa estar constituído ou possa vir a se constituir como dimensão psíquica. Portanto, pode haver na estereotipia qualidade autística – um certo caminho de cura, como referiu Freud para o caso do delírio –, que se faz pela tenacidade de encontrar um certo ponto de integração de diferentes sensações.

Uma operação que traz equivalência, ao mesmo tempo em que impõe distância, é aquela que consideramos na clínica psicanalítica com neuróticos – esses inscritos no simbólico e atravessados pela produção fantasmática –, na qual se busca significar, na transferência e pelo trabalho analítico, tramas de associações que se fizeram recalçadas ou extraviadas, adquirindo, por isso, poder patogênico. Apenas por um esforço de elucidação do problema que examino, quem sabe pudéssemos falar em tramas de sensações que, quando reunidas numa atividade de prazer, são capazes de engendrar um salto para o psíquico ou são, em essência, o próprio psíquico desses tempos?

De forma provisória, as interpretações podem se suceder na tentativa de compreender essas diferentes esferas do psíquico. Contudo, mais do que afirmar essa ou aquela vertente

interpretativa, o que se impõe é mostrar que, no caso de Guili, certas capacidades psíquicas estão constituídas ou vão se constituindo, sendo que, ao cotejar essas passagens, poderemos encontrar desde aquela atividade de regulação mais remota e arcaica, até as vigorosas tentativas de se estabelecer no circuito pulsional. Seja aqui ou ali, é preciso acreditar que em algum lugar, em seu repertório criativo, o sujeito possa estar lá.

É chegada a hora de se abrirem as últimas palavras dessa jornada. Gostaria de imprimi-las como testemunho, pois a clínica com a criança autista não parece feita de provas irrefutáveis, achados robustos, afirmações peremptórias e descobertas retumbantes. Às vezes, o que está dado a ver é só um som que destoa na multiplicação das vozes; é só o estilo com que uma pequenina mão volta a tocar a paisagem de um rosto devastado pelo desânimo e pela desilusão; é só a plástica de um gesto refinado e escamoteado no lusco-fusco do cotidiano; é só a desatada carreira feita em pernas curtas ao encontro do nada; é só um choro miúdo, entristecido, colhido na pausa do corpo em revolução.

E ainda se faz prudente admitir que é na falência do analista, quando o encontro com a criança o despeja de sua morada, que se torna facultado a ele repousar os sentidos sobre as miniaturas de vida autística, que nele faz sua aparição também. O processo psicoterápico com a criança autista é mesmo um *aproximar-se de corpo*. O trabalho é o de restituir, por vias inéditas para cada um dos que se aventuram nessa empreitada, a dimensão trágica, da qual, muitas vezes, nos apartamos, ao privilegiar a *sabedoria dos especialistas*. Portanto, reencontrar-se com a sensibilidade do próprio corpo e aceitar suas traições é o que resta como recurso para o analista. Contudo, esse resto não é uma ilha. A sobra é um continente habitado pelo *Deus trágico do êxtase e do entusiasmo – Dioniso*; a sobra é o *lenificante mel da Loucura* que, como acredita Erasmo, unta e junta os atores no engano e na ilusão, mel no qual, paradoxalmente, também se besuntam *criação e sabedoria de vida*.

Portanto, provocar a reflexão metapsicológica, fazê-la se pronunciar lá onde há hesitação, ambigüidade, nem de longe traz o sentido de espancá-la até a supressão da última dúvida. Também não me coube torná-la mais digerível ou mesmo aperfeiçoá-la, segundo critérios e exigências de tal ou qual *consciência crítica*. O aperfeiçoamento que pretendo com minha gotinha não torna imune, pelo contrário, contribui para colocar dentro da *vida das ciências* as arestas, as insinuações, o despretenso, o equívoco, o indeterminado, aquelas figuras grotescas de Bosch, as espécies e ervas do *Jardim das Delícias*, enfim, desordens que perturbam os conceitos, a regularidade do cotidiano, da clínica, das pessoas, fraturam as aparências e publicam a face enigmática da existência. Se passei todas essas páginas colecionando sutilezas e filigranas foi para retirar daí sensibilidade clínica na qual eu possa me banhar e me renovar. Se agora me permito dizer que o sopro de criação do psíquico desprende uma conformação estética, representável ou irrepresentável, determinante das repartições do sujeito ou via lateral de acesso para outros mundos, nada é tão importante quanto dizer que essa *arte* repousa na vida de cada um de nós e na de algumas crianças com acentuação, aguardando a revolução dos costumes para se ver desentorpecida.

Quisera eu fosse um *poetinha*, que pudesse abreviar uma porção dessas palavras, pois à estética dessas pessoas é permitido fazer atalhos. Sou daqueles que pensam que quando se tem uma questão verdadeiramente importante na vida, nunca se deve consultar um especialista. Eis, portanto, todo meu esforço de dissertação nas nove palavras incandescentes de Cecília Meireles (1982): *não tem mais lar o que mora em tudo*. Talvez resida nisso a falta de lugar transmutada em indiferença no destrato da civilização com a indisciplinada e intraduzível *loucura do sensível*.

Não faltará quem afirme que essas passagens são herméticas, quiçá esotéricas. Para mim, são estéticas, às vezes sofridas, essencialmente feéricas. Enfim, reconheço que o encontro com Guili tem favorecido em mim o aparecimento de formas de existência há muito perdidas pela aquisição da linguagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. (1975). *A Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*.

Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BIRMAN, J. (1992). *Sujeito freudiano e poder: tragicidade e paradoxo*. In: Estudos em

Saúde Coletiva, nº 22. Rio de Janeiro: UERJ/IMS.

BLEICHMAR, S. (1993). *A fundação do inconsciente: desejos de pulsão, desejos do*

*sujeito*. Tradução de Kênia Ballvé Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. V. 1. Petrópolis: Vozes, 1996.

COELHO JUNIOR, N. (1995). *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo:

Escuta.

FÉDIDA, P. *Clinica psicanalítica: estudos*. Tradução de Martha Silva e Regina Steffen.

São Paulo: Escuta, 1988.

FOUCAULT, M. (1972). *História da Loucura na idade clássica*. Tradução de José

Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Tradução de Lílian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FREUD, S. (1895[1894]). *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 3, pp. 91-118.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 5, pp. 371-648.

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 7, pp. 119-229.

FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, pp. 63-77.

FREUD, S. (1914). *A história do movimento psicanalítico*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, pp. 15-73.

FREUD, S. (1915). *Apêndice C do Editor Inglês: palavras e coisas. O inconsciente*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, pp. 217-222.

FREUD, S. (1915). *O inconsciente*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, pp. 165-209.

FREUD, S. (1915). *Pulsões e destinos da pulsão*. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, pp. 133-173.

FREUD, S. (1915). *Repressão*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, pp. 147-161.

FREUD, S. (1925). *A negativa*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19, pp. 263-269.

FREUD, S. (1933[1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Ansiedade e vida instintual*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de



Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 22, pp. 85-112.

FREUD, S. (1950[1892-1899]). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, rascunho E: como se origina a angústia*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1, pp. 235-241.

FREUD, S. (1950[1895]). *Apêndice C do Editor Inglês: A natureza da Q*. Projeto para uma psicologia científica de S. Freud. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1, pp. 449-454.

FREUD, S. (1950[1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1, pp. 335-454.

FROMM, E. (1941). *O medo à liberdade*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

HANNS, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

KLEIN, M. (1930). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*.

In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Cap. 12, pp. 249-264.

LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Tradução de Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LAZNIK-PENOT, M. C. *Por uma teoria lacaniana das pulsões*. Tradução de Luís Alberto Tavares. In: Balbure, B. *Dicionário de Psicanálise: Freud & Lacan*. Salvador: Agalma, 1994.

MANNONI, M. (1979). *A teoria como ficção: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan*. Tradução de Roberto Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MARTINS, F. (2005). *Psicopatologia I: prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

MARTINS, F. (2006). *Psicopatologia III: semiologia e psicanálise*. Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (documento inédito).

MEIRELES, C. *Cânticos*. São Paulo: Moderna, 1982.

OGDEN, T. *The matrix of the mind: objects relations and the psychoanalytic dialogue.*

Northvale: Jason Aronson, 1986.

RICOEUR, P. (1965). *Da interpretação: ensaio sobre Freud.* Tradução Hilton Japiassu.

Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROTTERDAM, E. (1511). *Elogio da loucura.* Tradução de Maria Ermantina Pereira. São

Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAFRA, G. (1999). *A face estética do self: teoria e clínica.* Tese de Livre-Docência,

Universidade de São Paulo. São Paulo.

SANTOS, B. S. (1987). *Um discurso sobre as ciências.* Porto: Afrontamento, 1998.

TAFURI, M. I. (2003). *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico*

*da criança autista.* Brasília: ABRAFIPP.

TUSTIN, F. (1990). *El cascarón protector en niños y adultos.* Tradução de José Luis

Etcheverry. Bue nos Aires: Amorrortu, 1992.